

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Mestrado em Relação de Ajuda: Perspectivas da Psicoterapia Existencial

TESE DE MESTRADO

A Vivência da Sexualidade à Luz do Existencialismo

Helena Rosa Lopes Matos Capelo

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Isabel Leal, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Relação de Ajuda - Perspectivas da Psicoterapia Existencial, em conformidade com o disposto na Portaria n.º 356/2005 de 1 de Abril, e em cumprimento da alínea “b” do n.º2 do art. 5º do Decreto-Lei n.º 216/92 de 13 de Outubro.

DEDICO:
Aos meus pais, Luísa e José
Às minhas filhas Camila e Leonor

Learning is not the accumulation of scraps of knowledge. It is a growth, where every act of knowledge develops the learner, thus making him capable of construing ever more and more complex objectivities – and the object growth in complexity parallels the subjective growth in capacity.

Husserl, as interpreted by Quentin Lauer citado por May (1969, p. 243)

RESUMO

Este trabalho procura responder à questão: Como significam e experienciam os Seres a vivência da sexualidade à luz do existencialismo.

Procedeu-se a uma investigação qualitativa, utilizando o método de análise de conteúdo, tal como descreve Bardin (1977) quando se refere à análise de entrevistas.

Para entender como o fenómeno da sexualidade é experienciado e que significados lhe são atribuídos, explorou-se o plano da individualidade e o da relação com o outro, através de uma categorização estruturada por questões que podem trazer à luz conteúdos significativos para a compreensão do mesmo. As categorias desenvolvidas dizem respeito: às representações do vivido da sexualidade; critérios de escolha de parceiro sexual; importância atribuída à sexualidade; experiências e sentimentos que surgem após o acto sexual; relação entre o significado de sexo e amor; caracterização individual a nível sexual. Como elementos reveladores de sentido, surgiu “sexo como forma de sentimento pelo Outro”; “sexo com um Outro por quem se nutre um sentimento ou interesse”; “sexo como uma necessidade física ou emocional”; experiência após o acto sexual de “tranquilidade, calma e Paz”; “sexo não implica a existência de amor” e “no sexo o importante é dar e receber”.

Os resultados são discutidos à luz da literatura fenomenológico-existencial. São referidas as dificuldades e limites do estudo, bem como sugestões para futuros estudos.

ABSTRACT

This study attempts to answer the question: How mean the phenomenon of living sexuality, by the approach of existentialism. There has been a qualitative research, using the method of content analysis, as described Bardin (1977) when referring to the analysis of interviews.

To understand how the phenomenon of sexuality is experienced and the meanings attributed to them, we explored the level of individuality and the relationship with each other through a structured categorization of issues that can bring out meaningful content to the understanding of it. The categories developed relate to: the representations of lived sexuality, criteria for choice of sexual partner; emphasis on sexuality, experiences and feelings that arise after intercourse, relationship between the meaning of sex and love, individual characteristics on a sexual level.

As results appears, "sex as a way of feeling for each other," "sex with another who is nourished by a feeling or interest," "sex as a physical or emotional needs"; experience after intercourse of "tranquility, calm and peace ", "sex does not imply the existence of love "and" in sex is important give and receive". The results are discussed in the light of the existential-phenomenological literature. Difficulties and limitations of the study and future research are suggested.

INDICE

INTRODUÇÃO

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

I – O Significado Existencial da Sexualidade Humana

II – A Evolução da visão sobre a Sexualidade

III – Ser-No-Mundo, Ser-no-Corpo, Ser-Sexualidade

IV – O contributo de Sartre para a visão da Sexualidade

- Sartre e as relações concretas com o Outro

- Primeira atitude para com o Outro: Amor, Linguagem, Masoquismo

- Segunda atitude para com o Outro: A indiferença, o desejo, o ódio, o Sadismo

- O “Ser-com” (Mitsein) e o “Nós”

V – A Compreensão de Corpo e Sexualidade de Merleau-Ponty

- O corpo como forma de expressão e de fala

- O corpo e a sua sexualidade

VI – A Expressão da Sexualidade Segundo Rollo May

- Rollo May e o paradoxo entre amor e vontade

- Desejo e vontade segundo Rollo May

- A Intencionalidade

- A relação entre amor e a vontade segundo Rollo May

- O acto de fazer amor e o aprofundar da consciência

MÉTODO

- Formulação do Problema

- Participantes

- Material

- Procedimentos

RESULTADOS

DISCUSSÃO

LIMITAÇÕES E SUGESTÕES AO ESTUDO

CONCLUSÃO

REFERENCIAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende clarificar qual o significado e que experiência se encontra na vivência da sexualidade, à luz do existencialismo. A pertinência deste trabalho prende-se com o facto de sermos um ser no mundo que com ele se relaciona através do seu corpo e é através do corpo que apreendemos o mundo dos outros, dos objectos e através dele também nos damos a conhecer. Torna-se, deste modo, evidente que o nosso corpo e todas as suas funções, possuem um papel de extrema relevância para o nosso conhecimento interior, como também o conhecimento dos outros. O meu corpo é um veículo que me leva aos outros, ele é expressão e fala da minha interioridade, é através do meu corpo que expresso quem sou e quem sou com o outro. Esta tese visa debruçar-se sobre a natureza sexual do Homem, tentando captar a multiplicidade de pontos de vista parciais implicando a sexualidade humana na sua essência. O objectivo deste trabalho é demonstrar a relação que se estabelece entre expressão sexual e identidade que engloba em si experiências e sentimentos. Como vivemos a sexualidade e como vivenciamos o outro nessa relação, que significados atribuímos ao que experienciamos e ao que experienciamos do Outro, como é que a sexualidade faz parte do Ser no Mundo e que papel desempenha nele, pois a sexualidade não é uma forma de estar, é antes uma forma de sentir que pode ser muito útil na psicoterapia.

Ao longo desta tese, primeiramente, foi feita uma revisão teórica com o intuito de enquadrar a temática e sua evolução. Por este motivo foi feita uma escolha criteriosa dos autores, tais com Foucault que trata principalmente do tema do poder e que para tal analisa também a sexualidade e Von Gebsattel que se debruça sobre a Psicopatologia da sexualidade, autores como Husserl e Heidegger que são considerados os fundadores do pensamento existencial e que são importantes para a explanação dos vários campos da sexualidade, contribuindo desta forma para uma visão mais ampla da temática.

Sartre, foi referido, por se debruçar amplamente sobre as relações concretas com o outro e que sem dúvida apresenta os pontos-chave para uma nova visão e entendimento da sexualidade. É notória a influência de Sartre nesta temática, enquadrando-a de uma forma muito psicológica.

Merleau-Ponty, outro autor de extrema relevância para uma abordagem existencial da sexualidade e que apesar de em muito ter sido influenciado pela obra

Husserl, rejeitou a sua teoria do conhecimento intencional, fundamentando sua própria teoria no comportamento corporal e na percepção, abordando deste modo toda a temática do corpo incluindo a sua sexualidade como veículo pelo qual nos projectamos no mundo e para os Outros através do nosso corpo. É a imagem fundamental que expressa o encontro e a inter-subjectividade. Ele descreve a sexualidade como uma questão mutável e permanente que colocamos sempre nas nossas atitudes para com os Outros e que está sempre presente, no entanto temos de ter cautela para não confundirmos o significado de sexualidade com um sinónimo de existência ou então tornar o seu significado tão vasto que fique desprovido de sentido.

Como é que a sexualidade nos revela? Segundo Sartre e Ponty a sexualidade resvala para um dualismo cartesiano. Neste ponto ambos têm a visão das relações humanas articuladas sobre uma dicotomia antagonista de sujeito/objecto onde a liberdade do Outro é uma ameaça á minha liberdade. Mas pode não haver separação entre corpo e mente, somente uma encarnação da consciência. É importante falarmos destes autores para melhor se perceber a ponte existente entre o Eu-Sujeito e o Eu-Objecto e como estes se articulam o “Eu”, “Ser-no-Mundo”, pois a sexualidade é mais do que uma actividade centrada na área genital. Por fim é referido o autor Rollo May por ser um autor que faz a ponte entre o sexo e o amor, dando grande tónica à vontade e ao desejo. Desta forma May fecha o ciclo da sexualidade como uma forma de tocar o outro e a mim mesmo.

Todos estes autores contribuíram para aprofundar os vários aspectos da sexualidade remetendo para um corpo vivido detentor de uma interioridade individual que se revela numa forma de sentir única. De seguida irá ser feito um enquadramento do tema, tendo em conta a teoria desenvolvida por cada autor.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O SIGNIFICADO EXISTENCIAL DA SEXUALIDADE HUMANA

A EVOLUÇÃO DA VISÃO SOBRE A SEXUALIDADE

Para Foucault (1979) sexualidade é uma das áreas mais controversas da nossa vida social. Durante muito tempo foi considerada como uma força, um impulso, um instinto que emanava do ser biológico e seus processos, como algo mecânico e unicamente orgânico, uma necessidade biológica. Se considerarmos que os nossos comportamentos sexuais estão intimamente ligados aos nossos destinos pessoais, isto acontece porque temos a convicção de que a sexualidade nos permite um acesso ao nosso lado individual mais íntimo. Podemos possuir uma sexualidade, mas essa sexualidade diz-nos quem somos na nossa essência, deste modo, temos então a sexualidade como a essência de uma existência e ao mesmo tempo como um indicador do nosso bem-estar geral.

A nível da opinião popular, a qual pode ser denominada de essencialismo sexual, a sexualidade é algo que nos é dado biologicamente e que é dirigido de uma forma instintiva, devendo-se o seu controlo a mecanismos sociais e culturais. O essencialismo sexual ao entender a sexualidade como algo dado biologicamente, fragmenta o vivido da sexualidade, pois tem em conta as diferenças biológicas e extrapola essas diferenças para os sentimentos e vivências da sexualidade (Wood, 1985).

Foucault (1979), acredita que existe uma relação muito importante entre a sexualidade e o poder. A história relata-nos que no século dezassete existia uma expressão aberta da sexualidade sendo a época vitoriana a impor proibições ao discurso e praticas sexuais submetendo-a à função reprodutiva, tendo ainda repercussões desta época no mundo moderno. No século XX observamos um movimento liberal que segundo Foucault (1979) assenta em imperativos burgueses, sendo eles a necessidade de restringir o sexo à função procriativa no sentido de reproduzir a força laboral e o cultivar indivíduos capazes de direccionar toda a energia proveniente do prazer sexual para o aumento da produção. A repressão torna-se desta forma um ponto comum na visão liberal e radical.

Recentemente, alguns aspectos do “essencialismo sexual” começaram a ser atacados de vários lados, especialmente a nível das ciências sociais. A sexualidade forma-se a partir de forças sociais, normas sociais e familiares, política, formação psicológica e ideologias religiosas. A expressão sexual ao longo do tempo confirma-nos que a sexualidade não é uma entidade biológica fixa mas uma esfera mediada pelas relações sociais. O lado biológico da sexualidade é sempre experienciado culturalmente não falando ele por si, tem de ser expresso socialmente. Os sentimentos individuais do sexo incorporam sempre as regras, definições, símbolos e significados do mundo no qual são construídos (Wood, 1985).

Com a evolução da visão da própria sexualidade o sexo passou a ser considerado como a necessidade de constituição de um “Nós”. Se pensarmos no ponto de vista biológico pensamos na capacidade para a reprodução. Mas a vida que somos é expressamente vontade e o vivenciar é uma modalidade especial do viver pois eu interpreto-me e vivencio-me aqui e agora com o corpo que possuo. A constituição de um “Nós” implica um habitar com o outro, sendo a relação sexual expressa através de uma linguagem nem sempre fácil de entender. Gebattel (1920) faz um bom enquadramento do corpo físico, como o receptáculo do corpo espiritual que utiliza o corpo e o sexo para se exprimir e se relacionar com o Outro, tornando-se visível.

As crianças já crescem num mundo tanto natural como configurado pelas suas tradições o que impede a manifestação livre das necessidades biológicas fundamentais como é o caso do sexo que se deve sempre ajustar às obrigações de uma vida em sociedade. Temos a primeira constituição do “Nós” entre mãe e filho e esta é também uma relação social. Ao mesmo tempo temos também o início da adopção de um papel sexual que no homem é um papel um pouco inseguro por vezes indefinido e desnecessário, enquanto que na mulher o papel promete uma crescente segurança, regularidade e um Descansar-en-si-mesma, pois o desempenhar e experienciar do seu papel envolve menor esforço (Gebattel, 1920). Desde que nascemos que o lado sexual está presente na nossa natureza humana e a partir destas condições somáticas iremos desenvolver modos de comportamento que permitem que disponhamos do nosso corpo em certas situações apropriadas, desempenhando desta forma um papel decisivo para tornar o homem um ente que está no mundo. Deste modo, a sexualidade humana e o “Nós” encontra-se prefigurado no mundo e também em cada indivíduo na sua configuração vital. Desde o início do “Estar-no-mundo” que o “Nós” se manifesta involuntariamente na sexualidade que não é somente caracterizada por uma pulsão

sexual mas por algo mais geral, é um estado de animo que manifesta uma disposição vital à constituição do “Nós” não de um modo imediatamente coital e com o corpo, mas no seu mundo, sendo através do desejo sexual que manifestamos a nossa tendência a influenciar o “Outro” (Gebaattel, 1920). O que Gebaattel (1920) pretende afirmar, é que ao tocarmos o “Outro” fisicamente, manifestamos o nosso desejo sexual, mas principalmente o desejo de nos relacionarmos com o outro, de comunicar e de nos apoderarmos do outro influenciando-o.

Ao longo do desenvolvimento do processo psicológico associado a sexualidade verificamos um ajuste a um ideal de “Eu”, podendo tal passar por um processo involuntário e não intencionado que por vezes significam um ajustar em relação a outra pessoa, coisa que sucede em toda a situação de índole social, não tendo por vezes o estado sexual e atitude íntima uma correspondência com o seu estado de animo e consciência. Existe uma grande diferença entre modos de vivência, afectos e atitudes, podemos voluntariamente adoptar uma posição íntima, mas não podemos influenciar os nossos afectos. O que conseguimos é controlar os afectos sobre as vivências mas é preciso um grande esforço psíquico para adoptar uma disposição íntima não correspondente ao afecto (Gebaattel, 1920).

Quando uma pessoa se aproxima sexualmente de outra, esta eleição tem como base uma aproximação “espiritual” e em segundo plano uma física e sexual. Há pessoas com incapacidade para se apaixonarem e isso indica simplesmente uma falta de cultura, aqui se incluem os casos que carecem de envolvimento erótica da realização sexual e que com frequência mantêm a opinião de que uma coisa nada tem a ver com a outra. Muitas anomalias no que se refere à selecção de um par, são devidas a uma deficiente capacidade para se apaixonar. Há casos em que os sujeitos procuram pessoas abaixo do seu nível social pois desta forma não têm que se esforçar em demasia (Gebaattel, 1920,). Nestes casos, temos o reflexo de um “Eu” perturbado, que tenta estabelecer uma relação mas não tem essa capacidade, vive então frustrado sem se dar conta, pois vive numa procura desenfreada, mal dirigida por uma forma de comunicação desadequada. Temos um “Eu” que comunica através do sexo, mas não consegue estabelecer um “Nós”. Este “Eu” espiritual está a utilizar de modo errado o seu corpo. O amor pode conduzir à formação do “Nós” mas quando este acaba arruína a sua estabilidade e acaba em desilusão (Gebaattel, 1920).

Os hábitos exercem um forte poder nos seres mas de uma forma distinta que os impulsos e os afectos. A co-habitação faz alusão ao que Gebaattel denomina de “corpo

sexuado”, inserido neste contexto temos uma coordenação corporal de “Outro” que se converte em “Meu” e que o diferencia “de outros” entendidos como estranhos e deste modo realiza-se um destino específico do homem (Gebaattel, 1920). Estamos destinados a “co-habitar” no mundo com o “Outro” e a sexualidade é o modo de viver com o Outro, de estar em comunhão e comunicar com ele que se torna parte de “Nós”. Ao partilharmos com o outro uma vivência e ao constituirmos um “Nós”, desenvolvemos a confiança, que é assegurada pela fidelidade. Quando esta é abalada através de actos de infidelidade, surge a inquietação e a desordem, pois trata-se de algo destrutivo que põem em questão a configuração do “Nós”. A elaboração da infidelidade poderá ter uma importância construtiva ao permitir não uma dissolução mas uma decisão que reafirme as relações, no entanto em muitos casos implica a dissolução da confiança e logo da união (Gebaattel, 1920).

Nos actos sexuais casuais comprovamos o aforismo “pós coito animal triste”, com isto se faz alusão ao sentimento de desagrado que acompanha o final de uma actividade em que só temos uma descarga impulsivo-vegetativa, pois só temos um cansaço semelhante ao tido depois de um trabalho físico. O aspecto referente ao acto sexual casual, referido por Gebaattel (1920) é bastante importante para este trabalho, pois define o sentimento de solidão que ocorre após o acto sexual, em que após o êxtase sexual não fica nada, não se verifica a extensão ao “Nós”, daí que surja a solidão, pois o objectivo do Ser é a relação, é o alcançar o “Outro”, sendo este o ponto que nos confere maior prazer. Esta é a questão que se pretende estudar, é o que está além dos actos concretos numa relação sexual.

SER-NO-MUNDO, SER-NO-CORPO, SER SEXUALIDADE

O nosso corpo não é apenas como um organismo vivo, mas como um instrumento de linguagem para as experiências vivenciadas no âmbito psicológico.

O nosso corpo é o veículo para o “Ser-no-mundo” e a forma básica de manifestarmos o nosso mundo próprio. O nosso corpo expressa o nosso diálogo único com o mundo (Spinelli, 2004). Ao ser revelado como “ser-no-mundo”, o homem caracteriza-se por relacionar-se através do seu corpo, actualizador deste ou daquele

modo de vinculação que pressupõe um cuidado, em sua significação mais própria. Cuidar de seus envolvimento é cuidar de sua própria essencialização.

Segundo George Kovacs (1993), o corpo não é somente significado ou instrumento secundário para a existência do ser humano no mundo, mas sim expressão da própria existência, pois o meu corpo expressa a minha existência em toda a sua facticidade e vida (Spinelli, 2004).

Gabriel Marcel (1962) chama a atenção para a imagem holística do “corpo-vivido” ou “corpo-sujeito” em detrimento ao corpo que possuo e que supera o dualismo Cartesiano de uma mente para um corpo. A imagem de “corpo-sujeito” entra em contradição com a formulação ontológica de Sartre sobre o corpo na qual o “corpo-para-si-mesmo” ou o meu corpo para mim tal como existo é um corpo na minha livre subjectividade. O “corpo-para-os-outros” é usado e conhecido para os outros como objecto ou instrumento. E por fim, quando eu existo para mim como um corpo conhecido pelos outros como um corpo reduzido a objecto através do olhar ou pelo olhar do outro (Pickard & Swynnerton, 2005).

Merleau-Ponty (1962) no seu livro *Phenomenology of Perception*, afirma que na sua sexualidade o homem projecta o seu modo de ser sobre o mundo, e isto é, sobre o tempo e sobre os outros homens (Ponty, 1962:158). Madison (1981), reforça esta visão ao afirmar que a sexualidade nunca funciona como um mecanismo fisiológico autónomo pois é transformada constantemente pelas nossas atitudes pessoais, convertendo sempre a nossa existência pessoal num significado sexual (Cohn, 2005).

Em suma, podemos referir que para Merleau-Ponty, a sexualidade é um aspecto intrínseco da existência e o “ser-no-mundo”, significa implicitamente estar com os outros, ser através da morte e ser no corpo significa também ser sexualidade. Nós somos todos seres sexuais e tal como a nossa existência também a nossa sexualidade apresenta aspectos que nos são dados. A visão fenomenológico-existencial necessita explorar quais são esses aspectos que nos são dados e o modo como lhes respondemos. Podemos afirmar que existem condicionantes no mundo da pessoa que à partida a limitam e essa exploração pode não ser fácil, no entanto, se queremos compreender as dificuldades sexuais que se nos deparam, temos de o fazer (Cohn, 2005).

A sexualidade dá-nos uma visão do seu mundo na totalidade, é uma fonte de informação para a forma como interpretamos o mundo e como nos posicionamos perante ele e nas relações com o outro. É um estratagema que expressa as nossas

escolhas, hesitações, prazeres e ansiedades no explorar o “ser-com”, o nosso *self* e com o outro, através de um corpo ou diálogo encarnado.

O CONTRIBUTO DE SARTRE PARA A VISÃO DA SEXUALIDADE

Para Sartre (1998) o primeiro aspecto da condição humana é o homem como corpo e consciência. O corpo é uma “coisa”, portanto, é o “Em-si”. A consciência é o “Para-si”. O homem é, assim, um todo sempre em curso, do “Em-si-Para-si”, pois não há síntese final possível.

Sartre, na obra “O Ser e o Nada” (1998) afirma que a sexualidade não é determinada por instintos biológicos mas por um aflorar do eu num mundo onde existe o outro. (Cohn, 2005). Ao tratar das relações concretas com o outro pressupõe a existência do “Para-outro” como distinto do “Para-si”, sendo o corpo agido e percebido pelo outro. Temos, deste modo, a convivência do “Para-si” com o “Em-si” e “Para-Outro”, sendo esta relação de reconhecimento da objectivação, ou seja, de uma objectividade ontológica e não epistemológica.

Para Sartre o amor aspira à identidade absoluta e tenta identificar o finito com o infinito, por isso o amor está condenado ao insucesso e reduzido a uma aspiração unilateral, pela qual a reciprocidade é decepcionante e se contenta em imaginar a vaga forma de um ideal em fuga. Por este motivo o amor humano destina-se ao fracasso, isto porque, essencialmente no amor, o amante quer ser o mundo inteiro para o amado e exige a reciprocidade, havendo simultaneamente a exigência de um sobre o outro para que faça escolhas originais fundamentando a liberdade. O que dará origem a uma relação conflituosa entre amante-amado e amado-amante, estabelecendo-se uma luta de sedução a fim de tornar o outro objecto de desejo.

Sartre quando apresenta as três dimensões do ser, o “Em-si”, o “Para-si” e o “Para-outro”, de maneira que o “Em-si” sendo facticidade, existe como se fosse a parte da natureza material, ou seja parte objecto em que a encarnação se torna possível. Dentro dessa primeira definição o conhecimento da natureza do corpo é dado por Sartre como “indispensável para o estudo das relações particulares entre meu ser e o ser do outro”, é nesta primeira parte que se tem uma captação da transcendência-transcedida do outro, e assim é dado o primeiro passo para as relações concretas com o outro. A

proposta de Sartre nesse primeiro ponto é explicitar as estruturas das relações mais primitivas com o “Outro-no-mundo”, dando a entender que só percebemos a facticidade do outro quando somos também uma facticidade, inviabilizando, segundo o próprio Sartre a existência de uma consciência fundamentadora do “Em-si”, isso porque é colocado em termos de fuga do “Para-si” para o “Em-si”. Tal consciência é chamada por Sartre como uma definição um tanto psicológica e por isso não conveniente (Sartre, 1998).

A distinção rígida de entidades como o “Em-si”, o “Para-si” e o “Para-outro”, parece ser bastante reducionista pois implica uma segmentação de algo que é mais um processo que não se deveria decompor em partes distintas, mas antes elementos ou constituintes de um único ser no mundo.

Para Sartre as atitudes que são tomadas com relação ao objecto que sou para o outro, demonstram que o outro pode deter-me com o olhar detendo-me na minha própria fuga, ou seja, o sentido do meu ser acha-se fora de mim, e sendo assim, posso então, ou tratar o outro como objecto, ou procurar recuperar a liberdade, sem todavia, priva-la de ser liberdade. Aqui temos as causas das atitudes primitivas que se adoptam em relação ao outro. Mais uma vez, estamos a isolar uma parte de nós que é afectada com o olhar do outro, é como se o outro só visse em mim o “Em-si” e isso somente afectasse o meu “Para-si”. Desta forma poderá implantar-se um pouco a confusão e as interpretações dúbias.

Pondo o outro como fundamento do meu ser, Sartre constrói um tipo de definição do “projeto-amor”, como algo necessário para a realização da liberdade, que de certa maneira se confunde um com o outro. Tal ocorre porque Sartre restringe o amor a um termo de projecto da consciência. Esta limitação pode ser esclarecida se a tomarmos como uma estrutura da epistemologia sartreana usada para encontrar a parte comum do projecto, existente quando se analisa o geral, demonstrando as disposições funcionais do sentimento humano através da unidade de “situação-projecto” como recuperação do meu ser. Para isso é que Sartre se utiliza da lógica de uma “consciência-liberdade”, ou “consciência-tentativa” de liberdade, que permita entender a “busca-projecto” do ser que é sempre um projecto que fracassa e por isso não deixa o ser encontrar sua plenitude.

SARTRE E AS RELAÇÕES CONCRETAS COM O OUTRO

Para melhor se compreenderem as relações concretas ao nível da sexualidade segundo a fenomenologia e o existencialismo, é importante referir que o mundo é povoado de seres “Em-si”, ou seja, objectos existentes no mundo e que possuem uma essência definida. Um ser “Em-si” não tem potencialidades nem consciência de si ou do mundo. Ele apenas *é*. Os objectos do mundo apresentam-se à consciência humana através das suas manifestações físicas, ou seja, fenómenos (Schneider, 2002).

A consciência humana é um tipo diferente de ser, por possuir conhecimento a seu próprio respeito e a respeito do mundo. É uma forma diferente de ser, chamada “Para-si” que faz as relações temporais e funcionais entre os seres “Em-si” e ao fazer isso constrói um sentido para o mundo em que vivemos, o “Para-si” não tem uma essência definida. É preciso que o “Para-si” exista, e durante essa existência ele define, a cada momento o que é sua essência. Cada pessoa só tem como essência imutável, aquilo que já viveu. Podemos afirmar que meu ser passado é um “Em-si”, possui uma essência conhecida, mas essa essência não é predeterminada. Ela só existe no passado. Por isso se diz no existencialismo que "a existência precede e governa a essência". Por esta mesma razão cada “Para-si” tem a liberdade de fazer de si o que quiser (Schneider, 2002).

Sartre não defende o solipcismo. O homem por si só não se pode conhecer na sua totalidade, só através dos olhos das outras pessoas é que alguém se consegue ver como parte do mundo. Sem a convivência, uma pessoa não se pode perceber por inteiro. "O ser Para-si só é Para-si através do outro", ideia que Sartre herdou de Hegel (Schneider, 2002).

A referencia ao outro como o olhar revelador do que sou, parece ser um ponto de extrema importância, pois construo-me constantemente sempre a partir das experiencias que vivencio e isso sem duvida alguma implica sempre o outro e as relações com ele estabelecidas, relações essas que formam uma teia que rodeiam o meu mundo e o meu mundo possui canais abertos para com o mundo dos outros. Por esses canais fluem experiencias, vivencias e relações que permitem a constituição de teias maleáveis e constantemente mutáveis.

O Homem está impossibilitado de ser só corpo, pois possui também uma consciência, por isso tenta ser seu próprio fundamento, o que Sartre designa como

“projecto de ser Deus”, mas como é óbvio este projecto está condenado ao fracasso, pois o homem nunca se totaliza, sendo um permanente “vir-a-ser”. Por este motivo, definimos o homem como uma paixão inútil (Schneider, 2002).

Segundo a obra “O ser e o nada” de Sartre (1998), para podermos falar da relação entre o meu ser e o ser do outro torna-se primordial conhecer a natureza do corpo e para tal temos de enquadrar a nossa existência como corpo no mundo, pois é através do meu corpo que dou significado as minhas relações e assinalo os meus limites. Para Sartre “...é enquanto corpo-em-situação que capto a transcendência-transcendida do outro, e é enquanto corpo-em-situação que me experimento na minha alienação em benefício do outro.” A relação com o outro é uma relação bilateral onde temos o “Para-si” que só o é através do outro, logo um “Para-outro” num “Em-si”.

O “Para-si” tenta fugir á sua existência, sendo um “Em-si” que é para si mesmo o seu fundamento, e por isso é fuga e perseguição pois foge do “Em-si” ao mesmo tempo que o persegue. O “Para-si” é a relação, pois o outro alcança-o. Toda a relação que estabeleço com o outro é orientada por minhas atitudes com relação ao tipo de objecto que sou para o outro. Como é o outro que revela o que sou, poderei desencadear dois tipos de atitudes, ou me sinto fora de mim, ausente de mim mesmo, pois é o outro que detêm o ser que sou, tendo vantagem sobre mim. Na medida que tento fugir do “Em-si”, também posso negar o ser que me é dado do exterior, isto é, posso virar-me para o outro tentando conferir-lhe objectividade, pois esta é destruidora da minha objectividade para ele. Por outro lado posso tentar recuperar a minha liberdade do “ser-em-si”, mas para tal eu seria o meu próprio fundamento (Sartre, 1998).

Quando Sartre fala de um “Para-outro”, fala de um ser total constituído por um corpo e consciência integrada que parece entrar em conflito com a distinção do “Para-si” e do “Em-si” como algo distinto. Neste ponto Sartre isola cada entidade, como se o outro só tivesse a capacidade de ver cada uma delas em separado, não vendo um Ser total.

Ser visto pelo outro, quer dizer, ser objectificado pelo outro, ou olhar para o outro, quer dizer, o outro ser objeto para mim, são duas categorias possíveis da relação com outrem (Schneider, 2002).

Quando o outro me olha, torno-me objecto aos seus olhos, pois sou visto ao modo do “Em-si”, na medida em que o outro me confere qualidades objectivas. Deixo de ser transcendência, ou seja, um ser que é o que não é e não é o que é, para tornar-me o que sou, ser alguém definido. Torno-me, assim, uma transcendência-transcendida.

Sartre usa o exemplo do “buraco da fechadura” para exemplificar esta situação, observo pelo buraco da fechadura uma cena que se passa dentro de outro quarto; encontro-me completamente absorvido na minha observação, tanto, que nem me dou conta da posição incómoda em que me encontro. Estou em uma consciência não-posicional-de-si. Portanto, nem apareço como eu para mim mesmo, pois sou pura consciência da cena do quarto. Mas eis que ouço passos de alguém que se aproxima, imediatamente, meu objecto de consciência se modifica, passo a ter atenção a mim mesmo, na minha posição, no “papel” que estou a fazer ao observar o quarto. Sinto vergonha, o aparecimento do outro fez-me tomar posição-de-si, voltei-me para olhar para mim mesmo, reflectir sobre os meus actos, condenar a minha atitude. O outro tornou-se mediador entre mim e mim mesmo, tornou-me objecto. O mundo ao meu redor modificou-se. Assim, o olhar do outro atinge-me através do mundo não transformando somente a mim, mas o mundo. O mundo é mediador da minha relação com os outros, assim como os outros são mediadores entre mim e o mundo (Schneider, 2002).

Considero que quando o outro me transforma em objecto, não vê só um “Em-si”, mas um ser total que manifesta comportamentos e sentimentos próprios do que Sartre denomina de Para-si, logo quanto muito olha um ser-no-mundo inseparável das suas partes e por este motivo nunca que objectifica na totalidade, mesmo que não tome consciência de tal.

A objectividade é experimentada por mim como alienação, ou seja, é quando o meu ser me escapa e fica em poder dos outros. A alienação define o que Sartre designa no capítulo “As Relações Concretas com Outro” de *O Ser e o Nada*, a “primeira atitude para com o outro”. É quando o olhar do outro modela o meu corpo, o meu ser, que me torno possuído por ele, pois este detém o segredo do que sou. Nesse caso, o projecto de recuperação do meu ser é fundamentalmente projecto de reabsorção do outro enquanto outro. Deixo intacta a sua natureza, procurando realizar meu ser adoptando para mim o ponto de vista do outro. É a atitude que, levada ao extremo, chegara ao masoquismo, pois recuso-me a ser mais do que objecto para o outro (Sartre, 1998).

1ª ATITUDE PARA COM O OUTRO: AMOR, LINGUAGEM, MASOQUISMO

Nesta primeira atitude para com o outro, que Sartre define como amor, linguagem e sadismo, temos o conflito como sentido originário do “ser-para-outro”, pois enquanto me tento livrar do domínio do outro ele tenta-se livrar do meu, tentando eu subjugar-lo e ele a mim (Sartre, 1998).

Segundo Sartre (1998), o olhar do Outro modela o meu corpo, por este motivo temos o sentido de posse que se traduz pela consciência de me possuir. O Outro é o detentor do meu ser e ao mesmo tempo permite a existência de um ser que é o meu. Apesar de o Outro não ser responsável pelo meu ser fundamenta-o. Ao me desvelar como responsável pelo meu ser, tento resgata-lo do outro, ou seja, sou projecto de recuperação. Mas para tal tenho que assimilar a liberdade do Outro. Em suma, o meu projecto de recuperação é projecto de reabsorção do Outro (Sartre, 1998).

O projecto de reabsorção do Outro deve deixar intacta a sua liberdade e para tal tenho que afirmar como distinto do meu Eu. Logo o que pretendo é assimilar a alteridade do Outro como minha própria possibilidade, adoptando o seu ponto de vista e a sua experiência concreta (Sartre, 1998).

Não pretendo assimilar o Outro como “Outro-objecto” mas como “Outro-olhador”, ou seja, o “Para-si” quer identificar-se com a liberdade do outro de modo a fundamentar o seu “Ser-em-si”, isto porque se identifica com o “ser-visto” mantendo deste modo a liberdade olhadora do Outro sobre o meu ser-objecto que se trata da única relação entre o Eu e o Outro (Sartre, 1998).

Quando o Outro na sua liberdade projecta em mim uma visão do meu Eu, possibilita-me materializar enquanto tal, por este motivo eu sou um projecto sempre em construção e mutação, sou um projecto interminável (Sartre, 1998).

No caso do amor, temos uma relação primitiva que é um conjunto orgânico de projectos através dos quais pretendo realizar este mesmo valor em si. Projectos esses que me conectam directamente à liberdade do Outro que é fundamento do meu ser e por esse motivo o amor é conflito. Ao existir pela liberdade do Outro perco a minha segurança, ficando em perigo. Para recuperar o meu ser e a minha liberdade tenho que submeter a liberdade do outro a minha. Por este motivo Sartre (1998) afirma que o amor deseja capturar a consciência, não por vontade de poder mas para poder possuir uma liberdade enquanto liberdade. O amante quer ser amado por uma liberdade, pretende que essa liberdade não seja mais livre, convertendo-se em amor e querendo ser

cativeiro, isto é, uma liberdade aprisionada nesse papel. No amor o amante pretende ser o mundo do amado é o ser e querer ser objecto e meta, ou seja, limite objectivo da sua liberdade. O outro faz-me ser o inexcedível, o absoluto “ser-para-outro-no-meio-do-mundo”. Ao ser amado encontro-me em segurança na consciência do outro, pois sou detentor de uma liberdade que se submete. O querer ser amado é querer estar além de todo o sistema de valores ser condição de toda valorização e fundamento de todos os valores ser aquele através do qual o mundo se revela, o objecto-fundo no qual o mundo se destaca. Desta forma estou a salvo porque escapo ao olhar do outro, pois deixo de ser compreendido a partir dos outros mas o que torna compreensível os actos dos outros. Esta forma de existência representa um benefício para mim, uma alegria pois sentimos a nossa existência justificada (Sartre, 1998).

Se o amado nos amar será assimilado por nossa liberdade, sendo a prova ontológica do nosso “Ser-para-outro”. A nossa essência implica a existência do outro, pois é este que a fundamenta. Se fosse possível interiorizar todo este sistema seríamos nosso próprio fundamento (Sartre, 1998).

Porque o amado é olhado e porque não deseja amar, surge a sedução. Seduzir é assumir a minha objectividade para com o outro, fazer com que ele me olhe e corra o risco de ser visto porque aquilo que pretendo é captar a sua subjectividade, fazendo-me objecto fascinante. A sedução visa criar no outro a consciência do seu estado de nada, ou seja, a fascinação que é a própria consciência de ser nada em presença do ser. Pela sedução busco ser reconhecido como uma plenitude do ser, por um lado, tentando guiar a transcendência que me transcende, constituindo-me como um infinito de profundidade, por outro, identificando-me com o mundo. Mas nada disto é possível sem o consentimento da liberdade do outro (Sartre, 1998: p. 464).

A linguagem surge como tentativa de expressão, é a manifestação de uma subjectividade que se experimenta como objecto para o outro, é a experiência que o “Para-si” faz com o seu “Ser-para-outro”. Entenda-se linguagem como todos os fenómenos de expressão e não só a palavra articulada. A linguagem é uma fuga para fora de mim, deste modo o expressar e ser identificam-se. O outro confere sentido à minha linguagem e revela a sua transcendência ao me escutar (Sartre, 1998).

Em suma, amar é projecto de se fazer amar. Daqui surge o conflito porque cada um dos amantes é cativo do outro, é cativo de sua própria exigência de ser amado sem se dar conta que amar é querer apenas que o outro queira que ele o ame. Quando o outro me ama encara-me como sujeito através da sua objectividade. Mas o ganho encontra-se

constantemente em risco, pois a qualquer instante se pode passar a contemplar o outro como objecto terminando a realidade do amor (Sartre, 1998).

O surgir de um terceiro implica a destruição do amor, isto porque, se experimenta a objectivação de si e do outro. O outro deixa de ser transcendência que me fundamenta e passa a ser transcendência-transcendida por um outro, amor-objecto que se aliena em direcção ao terceiro. Só estando sozinho no mundo com o amado se poderia preservar a sua referência absoluta (Sartre, 1998).

O Masoquismo surge pela impossibilidade de sucesso de meu objectivo, pois o outro acaba sempre por me devolver à minha injustificável subjectividade, em vez de projectar absorver o outro, irei projectar ser absorvido, para me libertar da minha subjectividade, sendo o outro fundamento do meu “Ser-para-outro”. Recuso-me a ser mais do que objecto comprometendo-me inteiramente com ele experimentando-o na vergonha como símbolo de minha objectividade que por sua vez é captada pelo outro (Sartre, 1998).

Tanto o masoquismo como o sadismo é o assumir de uma culpabilidade pelo facto de ser objecto perante mim pois consinto na minha alienação e para o outro pois dou-lhe a oportunidade de usurpar a minha liberdade. O masoquismo é a tentativa de me fascinar com a minha objectividade-Para-outro, isto é, constituir-me objecto pelo outro de modo a apreender minha subjectividade como um nada, em presença do “Em-si” aos olhos do outro (Sartre, 1998).

O masoquista utiliza o outro como instrumento, e deste modo coloca-se em transcendência para com o outro. A objectividade do masoquista escapa-lhe e ao tentar capta-la poderá encontrar a objectividade do outro, o que fará libertar a sua própria subjectividade. Deste modo o masoquismo é um fracasso, pois é um vício e todo o vício representa o fracasso do amor. O masoquismo visa nadificar a subjectividade do sujeito, sendo esta captada pelo outro, estando tal intenção acompanhada pela consciência de fracasso, acabando por se tornar a própria meta do sujeito (Sartre, 1998).

SEGUNDA ATITUDE PARA COM O OUTRO: A INDIFERENÇA, O DESEJO, O ÒDIO, O SADISMO

Segundo Sartre, ao fracassar na primeira atitude para com o outro tenho oportunidade de adoptar a segunda atitude, como reacção fundamental do “Ser-para-

outro”. Ao não conseguir identificar-me com a consciência do outro através da minha objectividade, volto-me para o outro olhando-o. Deste modo coloco-me na sua liberdade afrontando-a e gerando conflito pois estou a convertê-lo em objecto. Ao olhar não posso ser olhado, logo possuo o outro que reconhece em mim uma liberdade. Alcanço assim o meu objectivo, pois possuo o ser que detém a minha objectividade, fazendo-o experimentar de várias formas a minha liberdade. Ao me aperceber que só posso agir sobre a liberdade do outro quando ele está perante meus olhos e por isso já se desmoronou, decepciono-me. O que irá motivar novas tentativas de captar a liberdade do “Outro-objecto”, através da apropriação do seu corpo, o que resultará num fracasso (Sartre, 1998).

Olhar o olhar do outro é afirmar a minha liberdade, faço do outro uma liberdade alienada, uma transcendência transcendida. Essa atitude de tornar o outro objecto, como também o seu reverso, tem uma série de etapas, indo desde a indiferença até ao sadismo, quando me afirmo absolutamente como sujeito e faço do outro um objecto absoluto, por isso, essa segunda atitude é o contraponto da primeira. Afirmar-me como sujeito pode ser meu projecto original, como também pode ser uma atitude adoptada somente em certas ocasiões (Schneider, 2002).

No caso da indiferença posso escolher-me como o que olha o olhar do outro, construindo a minha subjectividade sobre a subjectividade aniquilada do outro. Trata-se de uma cegueira perante a transcendência do outro como olhar, praticando um solipcismo, pois ajo como se estivesse sozinho no mundo (Sartre, 1998).

O olhar do outro não me atinge, somente traduz o seu ser e não o meu, o que denominamos de “subjectividade-padecida” ou “subjectividade-objecto”, pois ignoro a subjectividade do outro como fundamento do meu “ser-Em-si”, “ser-Para-outro”, mais precisamente do meu “corpo-Para-outro”. Este estado de cegueira e de não alienação está relacionado com a minha má-fé (Sartre, 1998).

Esta atitude além de me proteger da liberdade do outro, converte-me finalmente no fundamento de mim mesmo. No entanto sou possuído não me voltando para o ser que me possui, só me resta transformar o outro em objecto, o que me coloca em perigo ou ser olhado por ele. Surge, deste modo, a inquietação pois existe a consciência de um olhar que me pode alienar sem que eu o saiba, o que ocasiona uma nova tentativa de capturar a liberdade do outro (Sartre, 1998).

Considero que todas estas atitudes referidas por Sartre (1998), não acontecem de forma isolada e estanque, mas sim poderão acontecer numa mescla de gestos e atitudes que não acontecem à luz da consciência.

O desejo sexual é a tentativa de me apoderar da subjectividade do outro através da sua objectividade para mim. Desejo um ser humano, porque ambos existimos no mundo e na medida que ele é um Outro para mim e eu um Outro para ele (Sartre, 1998).

A questão que se levanta é a de saber se a sexualidade é algo correlacionado com a minha natureza fisiológica ou uma estrutura necessária ao “Ser-para-si-para-outro”, ou seja, existo sexualmente para o outro que por sua vez existe sexualmente para mim. A apreensão da sexualidade não passa por pura contemplação. A apreensão da sexualidade do outro não é senão o desejo. É desejando o outro que descubro o meu e o seu ser sexuado (Sartre, 1998).

O desejo é irreflectido, por este motivo não pode ser considerado como objecto a aniquilar. O erro advém do facto de se considerar que o acto sexual elimina o desejo, deste modo estamos a reduzir o desejo a questões fisiológicas. Mas o desejo não encerra em si o acto sexual, a prática, o fazer (Sartre, 1998). O desejo é desejo de um objecto transcendente. Apesar do lado físico que é evidente, desejo uma “forma total”, uma “forma em situação”, pois uma simples atitude pode provocar o desejo, “...o desejo posiciona o mundo, e deseja o corpo a partir do mundo...” (Sartre, 1998: p.480). Não desejamos o corpo somente como puro objecto material, pois deste modo não está em situação. A totalidade orgânica que é desejada só o é porque revela também a sua consciência.

O desejo não revela só o corpo do outro mas o meu também. Não sinto o meu corpo somente como instrumento de acção sobre o mundo que pretendo transcender mas como paixão através da qual me comprometo com ele e no qual me encontro em perigo. Convento-me no “Para-si” em consentimento com o meu corpo. Neste sentido considero-me desejo de um corpo por outro corpo, é uma vertigem do “Para-si” perante meu próprio corpo, sendo o ser que deseja consciência que se faz corpo para se apropriar do corpo do outro como totalidade em situação e com a sua consciência por base, mas sendo a carne a manifestação de toda essa presença (Sartre, 1998).

O desejo visa despir o corpo fazendo-o existir como carne para o poder encarnar, sendo o contacto físico a apropriação do corpo do outro e não simples contacto, é deste modo um modelar. Pois o corpo do outro ainda não existia para mim, pois somente o captava em situação, nem para o outro existia propriamente. “A carícia faz nascer o

outro como carne para mim e para ele”, despe-o de sua acção e descobre o seu “ser-ai”. Desejar e acariciar com o olhar é a mesma coisa, pois o desejo manifesta-se pela carícia pelo pensamento e pela linguagem. A carícia faz nascer o outro para ele e para mim, através do seu prazer, como passividade que é tocada, pois o meu corpo converte-se em carne para apalpar o corpo do outro,”...acariciando-se nele, mais do que o acariciando” (Sartre, 1998: p.485). O prazer que o outro sente no contacto físico entre ambos, faz-lhe despertar a consciência de carne.

Ao olhar o outro, formo-me como olhar, mas ao olhar o olhar do outro com o intuito de me defender da sua liberdade transcendendo-a, provooco o desmoronar de seu olhar e de sua liberdade, passo então a ver só olhos e um “ser-no-meio-do-mundo”, deste modo o outro escapou-me (Sartre, 1998)

Só desejo possuir o outro na medida em que ele tenha consciência do seu corpo e se tenha identificado com ele, logo estamos perante uma impossibilidade que é possuir o outro enquanto pura transcendência e em simultâneo enquanto facticidade de um corpo em toda a sua nadificação (Sartre, 1998).

O desejo está condenado ao fracasso na medida que o coito não é seu objectivo fundamental, e ao desencadear o prazer cria a consciência reflexiva deste e logo a morte do desejo, pois tem em conta a encarnação do “Para-si” esquecendo a encarnação do outro (Sartre, 1998)

Frequentemente o fracasso do desejo motiva o masoquismo, pois a consciência do eu em sua facticidade exige ser transcendida pelo outro como “corpo-para-outro”, deste modo o “outro-objecto” desvanecesse e dá lugar ao “outro-olhar” que me converte em consciência decaída em sua carne e perante o seu olhar (Sartre, 1998).

Ao desejar apropriação do outro e de sua consciência encarnada, passo das carícias á preensão e á penetração, isto porque a carícia só visa a consciencialização e liberdade do outro, enquanto que a penetração é o apossar dele, passando o meu corpo de carne a instrumento tal como o corpo do outro. Deste modo a consciência do outro desaparece aos meus olhos e eu deixo de desejar pois o desejo perdeu a sua matéria. O objectivo do desejo perdeu-se com a rotura da reciprocidade da encarnação (Sartre, 1998).

O sadismo surge quando percebo que agarro algo que não queria agarrar, o que provoca sofrimento, não entendendo o porquê da situação. Sartre (1998: p.495) afirma que o “Sadismo é paixão, secura e obstinação”, obstinação, pois temos um “Para-si” que se capta como comprometido numa situação, da qual não tem consciência e secura pelo

esvaziamento de sua turvação como contraposição de água turva a água límpida em analogia ao olhar turvo e ao olhar claro. O sádico recupera o seu corpo como totalidade activa, posiciona-se na fuga à sua facticidade e experimenta-se a si em frente ao outro como transcendência. O sádico como apaixonado tem o mesmo objectivo que o do desejo, sendo dado ênfase à apropriação instrumental do “outro-encarnado”. O “Para-si” encarnado transcende o seu corpo visando apropriar-se da encarnação do outro, para tal utiliza o outro como objecto, como instrumento de realização de uma experiência encarnada. O sádico visa encarnar o outro através da violência visando uma apropriação imediata, não querendo a reciprocidade das relações sexuais, sendo ele o ser livre que se apropria de uma liberdade aprisionada em sua carne que se torna consciência presentificada pela dor. Surge o obsceno quando o corpo revela a inércia de sua carne, não se encontrando esta em estado de desejo (Sartre, 1998).

A explicação do sadismo através da vontade de dominar e de poder é vaga e absurda para Sartre pois ele entende que para tal teria de se definir o que é a vontade de dominar. A razão do sadismo é idêntica à do amor, pois em ambos os casos não se pretende suprimir a liberdade do outro, mas a sua dependência enquanto tal no caso do amor, e identificação com a carne torturada no sadismo, onde o momento de prazer é quando a vítima prescinde de si mesma (Sartre, 1998).

O sadismo e o masoquismo são obstáculos ao desejo que oscila entre os dois por isso se costuma designar a sexualidade como “sodomasoquista” (Sartre, 1998, p.501).

O sadismo encerra em si o princípio do fracasso, pois a carne como instrumento irá desagregar-se quando concluo a encarnação, pois já não sei que objectivo lhe atribuir, devido ao surgir do “Está aí” “para nada”. O sadismo ao estar para atingir o seu objectivo dá lugar ao desejo, e como um implica o fracasso do outro entramos num ciclo que só se quebra através da “posse física”, onde ocorre novamente o sadismo e o desejo. Sendo o prazer a rotura do ciclo significa que mata o desejo e o sadismo sem os satisfazer (Sartre, 1998).

O sadismo inclui outro tipo de fracasso, que se relaciona com o facto de tentar apropriar-se da liberdade transcendente do outro que à partida se encontra inalcançável, pois quanto mais o sádico trata o outro como instrumento mais essa liberdade lhe escapa (Sartre, 1998).

“O sádico descobre o seu erro quando a vítima olha para ele”, pois constata que não pode agir sobre a liberdade do outro, pois é através desta que o seu mundo existe.

Este olhar faz desmoronar o seu mundo e objectivo, reportando-o de ser-olhador a ser-visto (Sartre, 1998: p.503-4).

Em suma, a atitude sexual é um comportamento primitivo em relação ao outro, não podendo aceitar que esta questão seja somente remetida para as questões fisiológicas e empíricas. Ao existir um corpo e um outro, surge o desejo e o amor com suas atitudes derivadas. Podemos afirmar que o “Para-si” é sexual em relação ao outro, sendo por ele que a sexualidade surge no mundo. Passamos indefinidamente do eu objecto ao eu sujeito. Estamos numa ou noutra atitude mas sempre insatisfeitos com ambas. É impossível adoptarmos uma atitude estável para com o outro pois temos uma revelação do outro como sujeito e como objecto ao mesmo tempo, ou seja, como transcendência-transcendente e como transcendência-transcendida. O que nos causa instabilidade em relação ao outro, não nos colocando nunca em igualdade, pois para tal teria de existir o plano onde o “reconhecimento da liberdade do outro encerrasse o reconhecimento da nossa liberdade pelo outro” (Sartre, 1998).

O “SER-COM” (MITSEIN) E O “NÓS”

Há ainda uma terceira estrutura possível do “ser-para-outro” que implica o “Nós”. Diz Sartre (1998) que o “ser-para-outro” precede e fundamenta o “ser-com-o-outro”. Estar com o outro é superar o conflito presente nas duas atitudes anteriores, no nós estamos em comunidade, buscamos realizar a reciprocidade, isto é, o reconhecimento do outro enquanto liberdade, que valida, portanto, a troca com o outro, onde um pode ser mediação para o outro (Schneider, 2002).

O “Nós” descreve as experiências concretas em comunidade com o outro e onde não está presente o conflito. No “Nós” existem subjectividades que se reconhecem entre si (Sartre, 1998).

A noção de “Nós”, que se desdobrará na concepção sartreana de grupo, necessita da mediação de um terceiro para se constituir. Portanto, duas pessoas, mesmo quando sozinhas, precisam ser reconhecidas por um “terceiro”, frente ao qual elas tecem a identidade de suas acções, de seus projectos, para que se reconheçam como um “Nós” (Schneider, 2002).

Estamos perante um “ser-Para-outro” que precede e fundamenta o “ser-com-o-outro”. Não temos só o “Nós-sujeito” mas também o “Nós-objecto”. Existem duas formas distintas de experienciar o “Nós” que correspondem ao “ser-olhador” e ao “ser-visto”, as quais serão analisadas individualmente.

Segundo Sartre (1998) experimento o “Nós-objecto” através da vergonha, como alienação da comunidade. Sinto vergonha porque somos surpreendidos enquanto nos enfrentamos. Sou olhado pelo outro mas aparece um terceiro que olha o outro, então captarei o terceiro pelo “outro-visto”, isto implica que a transcendência do terceiro transcenda a transcendência que me transcende. Experimento o “Nós-sujeito” ao me aliar ao terceiro para olhar o “outro-objecto”. Também pode acontecer que olhe o outro que o terceiro também olha, nesta situação posso olhar para ambos e deste modo ter o “Eles-objectos” (Sartre, 1998).

Toda a situação humana que inclui comprometimento com outros é experimentada como “Nós” na presença de um terceiro. Esta experiência parece abolir o conflito originário das transcendências, pois existe um direccionamento para o mundo.

A COMPREENSÃO DE CORPO E SEXUALIDADE DE MERLEAU-PONTY

O interesse pelo corpo humano e pela sexualidade é o fundamento da filosofia de Merleau-Ponty. Os seus estudos centram-se nas experiências do vivido e na dificuldade em o explorar com uma atitude que não cause prejuízo. O mundo do vivido nem sempre pode ser traduzido completamente em pensamentos no entanto o campo da ideologia que são os pensamentos e a linguagem torna possível uma compreensão do reino da facticidade que é o campo das experiências e das participações. O mundo não é o que pensamos mas o que vivemos (Ponty, 1993).

Todo o ser se encontra consigo no campo das experiências, um modo de se conhecer é a forma como comunica com o mundo. Desde a Grécia até aos nossos tempos houve uma interpretação da sexualidade principalmente através da antropologia e teorias metafísicas. Platão reconhecia a função pedagógica do corpo e o significado simbólico da sexualidade como esforço para alcançar a imortalidade (Ponty, 1993).

A consciência humana pode ser descrita como uma encarnação da nossa consciência no corpo, é uma vivência concreta, um modo perceptual de estar no mundo.

Gabriel Marcel, no *Journal Métaphysique* (1935), foi o primeiro a utilizar a expressão “eu sou o meu corpo” de acordo com o significado existencial. Em Ponty (1962) encontramos uma visão mais integrativa, sendo o corpo e a mente uma única coisa fundida, o que sentimos no corpo faz parte da mente e mesmo o que fazemos com ele tem o seu fundamento na nossa mente. Desta forma não faz qualquer sentido a separação e a abordagem individualizada das partes. A visão de Merleau-Ponty (1962) em muito contribui para um aprofundar do tema da sexualidade, pois vê o ser no mundo de uma forma total, não se perdendo em análises segmentadas das partes, tal como fez Sartre que de uma forma metafórica podemos caracterizar como uma dissecação de *órgãos* mentais e físicos, pois remanesce na perspectiva do dualismo considerando o corpo um objecto que se possui.

Ponty (1962) vai então desenvolver uma nova interpretação filosófica do corpo, a fenomenologia da percepção e deste modo criou uma nova fenomenologia antropológica. Esta nova filosofia do corpo lida com uma nova compreensão da sexualidade e das emoções não sendo o corpo e a sexualidade uma fonte de divisão mas uma força de união e comunicação com o mundo das coisas e dos seres humanos. (Kovacs, 1993).

A descrição do corpo na sua forma sexual inclui uma visão pré-objectiva do corpo e uma visão fenomenológico-existencial da sexualidade. A visão pré-objectiva do corpo é o reconhecer a natureza subjectiva do ser corporal, isto significa que não é uma coisa como tantas outras às quais associamos uma consciência, mas antes um veículo para o “ser-no-mundo” e uma forma básica para a manifestação do mundo. O corpo é a configuração de condições concretas que permite a realização de um projecto existencial. O meu corpo é, desta forma, o meu modo de me projectar, o meu modo de “ser-no-mundo”. “Isto significa que o meu corpo é facticidade, é qualidade tangível e estilo pessoal das minhas intenções e projectos (Kovacs, 1993, p. 210).

“O meu corpo é meu e sou eu; não é uma coisa separada da minha subjectividade. O meu corpo, segundo Merleau-Ponty é o meu modo de me projectar sobre o reino das coisas e dos outros.” (Kovacs, 1993, p. 211).

Eu sou consciência do mundo através do meu corpo, pois é desta forma que descubro o mundo e sou consciência do meu corpo. O corpo tem um papel essencial no que respeita à intersubjectividade da sua vida. A forma como descubro o mundo é em função dos meus projectos e estes estão sempre em função do meu corpo. É através do meu corpo que percepciono o meu mundo de um modo definitivo, pois é através do meu

corpo que eu habito o mundo, é uma forma de viver através de significados. (Kovacs, 1993,).

A interpretação existencial e fenomenológica da sexualidade, segundo Merleau-Ponty, é baseada num encarnar da própria consciência, sendo o homem um corpo sujeito. O corpo expressa uma existência em toda a sua vida e facticidade. Numa situação de relação sexual, o corpo expressa uma presença perante outro e torna-se expressão da presença do outro em nós, sendo o intermediário nesse encontro. O que Merleau-Ponty pretendia constituir uma filosofia interpretativa e um significado existencial para a sexualidade humana. Deste modo, temos a sexualidade definida como uma forma vital e original da intencionalidade. Esta definição significa que a vida sexual representa o modo de estar no mundo, o modo como se projecta num mundo específico e isto não é algo independente e unicamente genital, mas antes uma conexão activa com o lado interno e o lado cognitivo. A compreensão erótica não é um pensamento e uma ideia, é o desejo estabelecido pela presença da outra pessoa, ligando um corpo ao outro. A sexualidade é um processo primário, um modo original de projectar uma existência no campo da intersubjectividade (Ponty, 1962).

Há formas de impotência sexual que ilustram a teoria existencial da sexualidade. Isto significa que os sujeitos “não são o que estão a fazer” não estão a viver a situação, não estão verdadeiramente envolvidos na relação. O sujeito não se esta a expressar a si mesmo no que respeita a sua vida e intersubjectividade. A história sexual de uma pessoa é a chave para compreender a sua vida, isto porque, a pessoa projecta na sua vida sexual o seu modo de “”estar-no-mundo” dos outros e do tempo e assim a sexualidade expressa uma existência pois o papel do corpo consiste em simbolizar a existência, o corpo transforma ideias em coisas, em fenómenos, em algo concreto (Kovacs, 1993).

O corpo e a nossa natureza sexual não deverão servir como factor de divisão ou separação mas antes como união de uma vida humana individual. A dignidade do ser humano não pode ser separada da dignidade do corpo humano, não se podendo considerar este e a sua sexualidade unicamente como objecto ou instrumento. A interpretação fenomenológica da natureza do corpo não deve ser vista como uma rejeição aos *insights* do dualismo clássico mas sim uma tentativa para mostrar que a linguagem da filosofia mente-corpo deverá ser repensada num contexto mais existencial. (Kovacs, 1993).

Para Merleau-Ponty, na sua fenomenologia da sexualidade humana, o corpo é o veículo que transmite a presença de um ser humano perante um outro ser humano

individual, algo mais que esta por detrás da natureza vem à luz no encontro sexual, o homem forma a sua existência e atribui-lhe um significado. Tanto a compreensão contemporânea como a clássica descreve a experiência sexual como algo metafísico (Kovacs, 1993).

O CORPO COMO FORMA DE EXPRESSÃO E DE FALA

O corpo é mais do que um simples objecto, tendo sido já descoberto, mesmo nas suas funções sexuais, a intencionalidade e o sentido de poder. Ao tentarmos descobrir o fenómeno do corpo enquanto fala e expressão, deixamos para trás a tradicional dicotomia sujeito objecto. Podemos dizer que o facto de o sexo fazer mais sentido quando amamos uma pessoa, porque neste caso queremos muito mais dominar e possuir essa pessoa que a um desconhecido (Ponty, 1962).

A sexualidade é uma forma de comunicação, uma linguagem, é o nosso corpo a falar é mais uma manifestação que tem um significado individual, pois é sempre condicionada pelo pensamento e por um reconhecimento interno. Todo este processo tem um significado que tem por trás uma operação de categorização. A linguagem poderá ser considerada somente como um fenómeno de articulação e som ou então como associada ao fenómeno de tomada de consciência, um acompanhamento externo do pensamento. “A palavra é um significado” (Ponty, M., 1962, p.177).

Tal como com a linguagem a sexualidade é a forma de pensarmos objectivamente a nossa intencionalidade ou uma representação. Também a sexualidade enquanto não é verbalizada e reformulada a nível da linguagem mantém-se pré-reflexiva. Ao denominarmos um objecto estamos a dar-lhe existência e deste modo a poder alterá-lo, a palavra é o veículo para o significado. Deste modo temos o poder para compreender o que pensámos de uma forma espontânea, ao contextualizarmos a linguagem sentimo-la (Ponty, 1962).

A palavra dita é um gesto e significa um mundo. A comunicação ou compreensão dos gestos dá-se pelos pensamentos de reciprocidade das minhas intenções e dos gestos dos outros, através dos meus gestos e intenções julgo a conduta das outras pessoas. A imagem corporal é fundada sobre a experiência de uma presença física. Eu envolvo-me em coisas com o meu corpo, que co-existe comigo como sujeito

encarnado, e entre as coisas desta vida, tal como afirma Merleau-Ponty (1962) é através do meu corpo que compreendo os outros e é somente através dele que percebo as coisas e tal só é possível porque eu sou o meu corpo e a minha mente, e não são órgãos individuais em que ora utilizo um, ora utilizo outro.

A diferença nos comportamentos corresponde a uma diferença nas emoções propriamente ditas. Não é somente o gesto que é contingente em relação à organização do corpo é o modo como ele próprio de encontra com a situação e a vive. O importante é como utilizamos o nosso corpo, o padrão simultâneo entre o corpo e o mundo emocional. O uso do homem é o de fazer do seu corpo o seu transcendente em relação a esse corpo como entidade meramente biológica. Os sentimentos e as condutas de paixão foram, tal como as palavras, inventadas, são na realidade instituições. Os comportamentos criam significados que são transcendentem em relação ao aparato anatómico, que são iminentes ao comportamento como tal, uma vez que comunica em si e é entendido, deste modo, é um poder pré-reflexivo que cria significado e o transmite, no entanto se o queremos entender, temos de colocar os pensamentos por trás de todos os fenómenos expressivos (Ponty, 1962).

Para Ponty (1962) ao voltarmos atrás a toda a descrição concreta, notamos que a actividade categorial, antes de nos trazer um pensamento ou uma forma de conhecimento, é uma forma de nos relacionarmos com o mundo e corresponde a um estilo ou a uma forma de experiência. A minha experiência enquanto corpo revela-me num modo ambíguo de existir. Se pensar em três aspectos como, o trazer à luz, a motilidade e a sexualidade, observo que estas funções não se podem inter-relacionar e relacionar com o mundo dito exterior através de conexões casuais, elas são obscuramente traçadas em conjunto e mutuamente implícitas num único drama. O meu corpo é um esboço provisório do meu ser total.

O CORPO E A SUA SEXUALIDADE

Consoante as experiências que temos percebemos as coisas de diferentes modos (Ponty, 1962). Se pretendemos trazer à luz o nascimento dos seres para nós, temos de olhar para as áreas que têm um significado e uma realidade somente para nós. Ao vermos como é que uma coisa ou Ser, começa a existir para nós através do desejo e do amor, entendemos melhor como é que as coisas e Seres existem para nós de uma

forma geral. O sujeito exterioriza-se através do seu poder de representação, e a afectividade não é reconhecida como forma distinta de consciência. Assim sendo toda a incapacidade sexual deve atingir ou a perda de determinadas representações ou um enfraquecimento para a capacidade de satisfação, logo um declínio dos reflexos sexuais normais ou estados de prazer (Ponty, 1962). Tem de existir algo que confira significado e valor sexual a estímulos externos a isso chamamos estrutura perceptiva e experiência erótica e que em sujeitos ditos normais o corpo não é percebido unicamente como objecto. Nos casos de impotência sexual a percepção perdeu a sua estrutura erótica a sua espacialidade e temporalidade. O que desaparece no sujeito impotente é o poder de se projectar a ele antes do “mundo sexual” ou de se colocar numa situação erótica. Isto acontece quando o sujeito deixa de comunicar e de comunicar com o seu corpo, o seu meio envolvente não é mais questionado sendo perdido o seu significado sexual.

Ponty (1962) dá-nos uma nova perspectiva da sexualidade, em que temos um ser na sua relação consigo e com os outros, não sendo a sexualidade um fim mas um meio de expressarmos o nosso ser no mundo com todas as suas incertezas, com todas as suas vivências e experiências e com todo o seu modo de ser e sentir o seu mundo e o dos outros. Deste modo temos uma visão global da sexualidade, que não se cinge a um acto mecânico ou meramente físico, mas sim um acto que abarca toda uma existência individual e de relação com o outro.

Terá toda a existência terá um significado sexual? Se tal acontecesse, a existência seria uma abstracção, mas como a vida sexual não pode ser circunscrita, não sendo uma função de causalidade de órgãos, logo não faz sentido afirmar que toda a existência é compreendida através da vida sexual. Poderemos então dizer que todo o fenómeno sexual é uma mera expressão da nossa existência. Então de que modo nos projectamos nela? Segundo Merleau-Ponty (1962) a nossa vida sexual não é um mero reflexo da nossa existência, da nossa vida efectiva e para isso dá o exemplo do sujeito tipo Casanova onde toda a sua perfeição e técnica nem sempre tem correspondência ao seu “ser-no-mundo” (Ponty, 1962).

Muitas vezes vemos manifestações físicas derivadas de problemas psíquicos ou emocionais e isso demonstra-nos a ligação corpo e existência, isto porque o corpo expressa a existência total ao se realizar a ela própria no nosso corpo. Este encarnar de significado é o fenómeno central de cada corpo e mente, sinais e significados são momentos abstractos. Mas lá por se afirmar que a sexualidade tem um significado existencial ou que expressa a existência não quer dizer que o drama sexual é em última

análise unicamente manifestação ou sintoma de um drama existencial. O facto de se tentar não reduzir a existência ao corpo ou a sexualidade faz com que também se evite reduzir a sexualidade à existência. (Ponty, 1962).

Eu posso ser reduzido por outra pessoa a um objecto e deste modo não conto mais como pessoa para ele, ou então tornar-me eu seu mestre e lanço eu, o olhar sobre o outro. Esta mestria é auto-derrotada quando o meu valor é reconhecido através do desejo do outro, deixando o outro de ser a pessoa que eu desejo que me reconheça, mas um ser que está fascinado e desprovido da sua própria liberdade e que daí em diante deixa de ter valor para mim. (Ponty, M., 1962 p.167).

No parágrafo anterior, podemos identificar a influência de Sartre na perspectiva da sexualidade de Merleau-Ponty pois é abordada a questão do olhar do outro sobre mim bem como o fenómeno da sedução e fascinação, referido no capítulo anterior, em que o objectivo é a captação de um ser subjectivo e não um corpo objectivo. O facto de ter um corpo pressupõe poder ser visto como um objecto e tentar ser visto como um sujeito, que um outro sujeito pode ser meu mestre ou meu escravo e deste modo a vergonha ou ausência dela expressa a dialéctica da pluralidade da consciência e tem um significado metafísico. Podemos afirmar o mesmo em relação ao desejo sexual, se este não permite a presença de uma terceira parte como testemunha, se sentir como uma atitude demasiado natural ou com observações muito ocasionais, na parte da pessoa desejada, são sinais de hostilidade, isto é porque procura fascinar e a terceira parte ou a pessoa desejada é demasiado livre escapando à fascinação. O que tentamos possuir não é somente um corpo mas um corpo trazido à vida através da consciência. A intensidade do prazer sexual não é suficiente para explicar o lugar que a sexualidade ocupa na nossa vida. A dialéctica da sexualidade é o tender de uma existência sobre uma outra que a nega e que sem isto não é sustentada. Neste contexto, entende-se por metafísica algo que vem à luz e que está além da natureza, não está localizada ao nível do conhecimento, começa com a abertura para o exterior em direcção ao outro, encontra-se em tudo inclusivamente no desenvolvimento da sexualidade (Ponty, 1962).

Ao pensar num corpo pensamos em todos os órgãos, mas neste caso estamos a tentar ter uma visão mais abstracta de um dos seus componentes, mas podemos afirmar que é inconcebível isolar o corpo físico e todos os seus constituintes do poder do pensamento tendo a existência como conexão. A sexualidade é co-extensiva com a vida, com isto afirma-se que a ambiguidade da essência da existência humana e tudo o que vivemos e pensamos tem sempre vários significados. Esta existência é o acto de tornar

explicita uma situação sexual, através da sua análise, tendo este caminho no final sempre um duplo sentido. A existência em si é indeterminada, devido á sua própria estrutura fundamental, o que tem um significado somente sexual assume um significado muito mais geral transformando possibilidades em razão. (Ponty, M., 1962 p.168-169).

“Não há explicação da sexualidade que a reduza a nada além de si mesmo, pois já é algo diferente de si mesmo, e na verdade, se quisermos, todo o nosso ser. A sexualidade, diz-se, é dramática, porque comprometemos toda a nossa vida nela” (Ponty, 1962 p.171).

A EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE SEGUNDO ROLLO MAY

ROLLO MAY E O PARADOXO ENTRE AMOR E SEXO

Segundo Rollo May (1969) na tradição ocidental temos quatro tipos de amor. Um é o sexo ou libido, o segundo é o *eros* ou movimento do amor no sentido da procriação ou criação. O terceiro é a *philia*, amizade, amor fraternal. O quarto é o amor devotado ao bem-estar do outro.

O facto de o primeiro ser o sexo é porque é este que está na origem da nossa sociedade como também do homem como ser biológico. O sexo é algo que tem vindo a ser banalizado devido ao seu poder na procriação humana pois assegura a perpetuação da espécie é a fonte mais intensa de prazer para o ser humano e também a causa mais penetrante de ansiedade.

Ao olharmos para a relação entre o amor e o sexo de imediato encontramos contradições. Hoje em dia quando alguém se sente impotente ou sofre de frigidez, tal é motivo de vergonha, enquanto que no século passado o desejo e o sexo é que eram motivo de vergonha.

Um paradoxo é que a tomada de consciência deste facto não resolveu os problemas de nível sexual da nossa sociedade, mas motivou um aumento da liberdade individual, uma maior abertura no diálogo e discussão das questões sexuais. A ansiedade e culpa externa a nível social diminuiu, mas a ansiedade e culpa interna aumentou. Não podemos mais culpar a sociedade dos nossos problemas sexuais. O aumento da nossa liberdade não resolve os nossos problemas pois ficamos perante um

vasto campo de escolhas livres aumentando desta forma os nossos conflitos internos (May, 1969).

Para Rollo May (1969) o segundo paradoxo é o novo ênfase dado á técnica no sexo e o efeito inesperado do acto de fazer amor. A técnica nada de errado comporta, mas a grande ênfase que lhe é dado em certos pontos remete para uma atitude mecanicista caminhando a par com a alienação, sentimentos de solidão e despersonalização. O homem sente como se de alguma forma estivesse a perder o seu status de masculinidade se não tiver um desempenho programado e a mulher sente como tendo perdido a sua atracção feminina se durante um longo período o homem não manifestar interesse por ela. A questão deixa de se prender com a paixão e o significado do acto de prazer mas com a performance. A tirania do orgasmo conduz a alienação devido á preocupação em atingir simultaneamente o orgasmo. O que efectivamente caracteriza um encontro sexual memorável é a partilha de intimidade, a constante aproximação, o aumento do conhecimento do outro e a entrega ao outro. Mas por estranho que pareça, na nossa sociedade, no construir de um relacionamento, a partilha de gostos, fantasias, sonhos, esperanças no futuro e medos do passado, torna as pessoas mais tímidas e vulneráveis do que o facto de irem para a cama um com o outro. A preocupação deixa de ser a nudez física e passa a ser a nudez psicológica e espiritual (May, 1969).

No terceiro paradoxo temos a nova liberdade sexual transformada num novo puritanismo que nada tem a ver com o Puritanismo original, pois este novo é caracterizado por uma alienação do corpo que separa a emoção da razão e que utiliza o corpo como uma máquina. Onde a falta de saúde sexual se prende com uma expressão sexual pouco completa, sendo uma imoralidade a não expressividade da libido (May, 1969).

“As pessoas do tempo Vitoriano pensavam em se apaixonar sem terem que ter sexo, as pessoas do tempo moderno procuram ter sexo sem se apaixonarem” (May R., 1969; p.46). Este novo tipo de amor livre, não nos ensina a amar e esta nova liberdade não se tornou numa liberação mas num novo colete-de-forças.

No que se refere aos motivos para distúrbios sexuais, segundo Rollo May que seguiu vários casos práticos, considera que um dos alvos tanto nos homens como nas mulheres é o esforço para provarem a sua própria identidade. Esta tentativa de provar uma igualdade entre os dois géneros implica uma negação das diferenças biológicas e principalmente das emocionais. Esta necessidade implica um reprimir da sua própria

sensibilidade, sendo tal o que subverte o seu próprio sentido de identidade. Todas estas condições contribuem para nos tornarmos máquinas até na cama (May, 1969).

Um outro motivo é a esperança de superar a sua própria solidão, aliada ao esforço de escapar aos sentimentos de vazio e ameaça de apatia. As pessoas procuram desesperadamente no corpo de outro, provar que estão vivos. Tantos homens como mulheres lutam para provar o seu poder sexual sendo esta uma compensação para sentimentos de impotência o que acaba por aumentar a ênfase dada a uma performance técnica e esta está correlacionada com a redução dos sentimentos a nível sexual. Quanto mais se quer demonstrar a sua potencia, mais se ameaça o desenrolar da relação sexual, mais se vê como uma máquina, menor se torna o sentimento por si e pelo parceiro e quanto menor é o sentimento mais se perde o apetite sexual e sua capacidade. A longo prazo o amante mais eficiente será também aquele que será impotente (May, 1969).

A excessiva preocupação em satisfazer o parceiro é uma forma de auto-afirmação, muitos homens não conseguem sentir a sua identidade como homem e pessoa se não for capaz de dar prazer a uma mulher. A estrutura do acto sexual é tal que uma pessoa não atinge o prazer e o significado total da relação se não sentir que é capaz de dar prazer ao outro. É a incapacidade de sentir este tipo de prazer e satisfação, baseada no dar prazer ao outro, que está subjacente ao acto de violação e ao tipo *Dom Juan*. Este tipo de conduta denota uma eterna insatisfação que conduz a uma repetição constante do acto. Temos desta forma, a mecanização do sexo como uma forte causa do problema da impotência sexual.

Uma das causas do novo puritanismo parece ser o medo reprimido de as pessoas se envolverem com outras. May (1969) vai mais longe ao afirmar que a ansiedade reprimida sustenta o medo de envolvimento, sendo esta a ansiedade que se encontra inerente à impotência.

È evidente a diminuição dos sentimentos e da paixão que podemos comparar com uma anestesia nas pessoas que se comportam mecanicamente nos actos sexuais. Para ilustrar tal comportamento temos a frase de um paciente de Rollo May, “ Nós fizemos amor, mas eu não senti nada”(May, 1969; p.59).

Com a teoria de May (1969), podemos constatar a decomposição de vários tipos de amor, mencionando em primeiro lugar o sexo ou libido. No estudo que realizei tentei demonstrar que o ser no mundo além da necessidade relacionada com o corpo tem outra que se sobrepõem, que é a necessidade espiritual de afecto e essa não implica necessariamente sexo, mas uma intimidade com o outro. Um caso que ilustra bem esta

questão é o tipo Dom Juan que busca constante prazer físico para tentar compensar as suas necessidades de afecto, nunca atingindo o seu fim. O sexo pode ser um modo de tocarmos o outro, mas quando este acto não transporta consigo um sentimento pelo outro, não passará de uma satisfação física que ilude a nossa consciência dando-lhe a ideia momentânea de uma satisfação espiritual. Deste modo vivemos numa busca incessante de nós próprios e do outro.

DESEJO E VONTADE SEGUNDO ROLLO MAY

O desejo não é somente uma tensão cega mas uma tendência carregada de significado. Ao se sentir atraído por uma pessoa e não por outra, tal representa uma força erótica constituída pelos significados das minhas experiências passadas. Deste modo a sexualidade indiscriminada tem uma conotação patológica pois vai contra o significado do desejo humano (May, 1969).

O desgosto é a frustração do desejo humano, somos seres humanos com experiências que envolvem desejos que queremos experienciar e conhecer através de significados simbólicos e não organismos com processos primários e controlo dos mesmos. O desejo humano há selectividade representada pela formação do futuro moldado por um processo simbólico que inclui a memória e a fantasia do que esperamos dele. Temos deste modo, o início de uma orientação para o futuro. “O desejo, tal como todos os processos simbólicos, tem um elemento progressivo, a alcançar adiante, bem como um pólo regressivo, uma propulsão vinda de trás.” (May, 1969 p.211-212).

Segundo May (1969), o psiquiatra Leslier Farber demarcou dois tipos de vontade, consistindo a primeira na experiência do *self* na sua totalidade, onde temos um movimento espontâneo numa direcção, o corpo move-se como um todo, caracterizando-se a experiência por um relaxamento e abertura na qualidade imaginativa, é uma experiência de liberdade. No segundo tipo de vontade, temos aquela em que entram alguns elementos obstrutivos. Se utilizássemos a terminologia Freudiana diríamos “ a vontade do super-ego”, utilizando este segundo tipo de vontade, Farber faz o contraste entre, podemos ter vontade de ler e não de entender, podemos ter vontade de conhecimento e não de sabedoria, vontade de ter escrúpulos e não moralidade. A

vontade direccionada confere maturidade ao desejo. A vontade protege o desejo, permitindo que este continue sem correr riscos. Sem o desejo a vontade perde a sua viabilidade. (May R., 1969 p.217-218)

Podemos concluir, com as ideologias de Farber, que o desejo é o motor propulsor para o futuro e desta forma colabora para uma elaboração de projecto, no entanto é a vontade que lhe confere maturidade, vontade essa que inclui em si uma experiencia de abertura e liberdade mas onde também podemos constatar uma mediatização dos fenómenos conscientes. O desejo sem vontade e a vontade sem o desejo podem ser elementos destrutivos para o ser.

A INTENCIONALIDADE

“The soul as the tension of the body” Cicero (May, 1969 p:225)

Por intencionalidade entende-se a estrutura que dá significado á experiência, é a capacidade de ter intenção, é o coração da consciência, é também a chave do problema entre o desejo e a vontade. A intenção é decisiva para o modo como percebemos o mundo. “Para São Tomas de Aquino a intencionalidade é o que o intelecto apreende sobre as coisas que compreende” (May R., 1969 p.225).

A consciência é sempre consciência de algo, não podendo nunca ser separada do mundo objectivo, sendo constituinte deste mesmo mundo, tal como Husserl diz “o significado é a intenção da mente” (May, R., 1969 p. 227). Intenção é o direccionar da mente para um objecto, sendo constituída pelo nosso conhecimento e pela nossa formação da realidade. Todo o acto de consciência tende para algo, empurrando-nos num sentido para a acção (May, 1969).

Ter vontade é também ouvir o nosso corpo, pois ele interfere com o nosso estado psicológico. Quando tenho consciência que me encontro obstruído fisicamente, tal corresponde a um mau estar. Mas na nossa sociedade implica um esforço dar ouvidos ao corpo, um esforço de abertura sustentado pelas sugestões que ele nos pode fornecer. Temos um esforço que não vai contra o desejo corporal mas a favor deste, é uma vontade de participar e não de se opor. A vontade move-se com o desejo. O facto de que

o meu desejo é sentido e experienciado no meu corpo, por esse motivo não posso evitar dar-lhe atenção, pois mesmo que o ignore ele não desaparece. (May, 1969).

O meu corpo é a expressão por excelência de que sou um indivíduo separado dos outros, é uma forma de comunicação é uma linguagem carregada de intencionalidade. O movimento dos nossos olhos, o tremor da nossa boca, é palavra que diz mais do que um discurso intelectualizado. Ansiedade e potencialidade são dois lados da mesma experiência. Quando a potencialidade para ter relações sexuais surge na adolescência, este seu novo poder mostra-lhe o seu valor mas também lhe cria ansiedade, desde que este poder o envolve em relacionamentos padrão complexos, alguns potencialmente importantes, nos quais terá de agir. A intencionalidade é a forma construtiva de utilizar a ansiedade normal, pois impele-me para a acção, enquanto que a ansiedade neurótica destrói a intencionalidade (May, 1969).

A RELAÇÃO ENTRE O AMOR E A VONTADE SEGUNDO ROLLO MAY

Para Schopenhauer (2000) o poder identifica-se com a vontade e o amor, mesmo o amor sexual, não sendo estes a antítese uns dos outros, mas algo muito relacionado entre si. Muitos aspectos da vontade são essenciais para o amor e estão inter-relacionados em pontos cruciais á vida de todos nós, pois ambos são formas conjuntas de experiências. Ambos descrevem a pessoa exteriorizando-se, movendo-se de encontro ao outro procurando afectar o outro e abrindo-se de modo a poder ser afectado por ele. O amor e a vontade são experiências interpessoais que servem de suporte ao poder para influenciar os outros e ser influenciado por eles. O amor e a vontade podem perder a sua eficácia e mesmo bloquearem-se mutuamente quando não se mantêm na relação certa um com o outro. Quando identificamos a vontade com a manipulação tem uma vontade oposta ao amor e daí advém a vontade que bloqueia o amor e que mais cedo ou mais tarde vai lidar com a reacção oposta que será o amor que bloqueia a vontade (May, 1969).

A impotência sexual é a expressão de quando se quer que o corpo faça algo que ele não quer fazer ou dizendo de outra forma, é querer que o corpo ame quando ele não ama. “Nós não podemos querer potencia, nós não podemos querer amar. Mas nós podemos querer abrir-nos, participar na experiência, permitir que a possibilidade se

transforme numa realidade. Impotência é o fracasso não da intenção mas da intencionalidade. “ (May, R. 1969, p.280)

As fantasias expressão não um capricho mas uma ansiedade, são uma expressão da imaginação e ambas dão significado pessoal a um acto. Desta forma, temos a imaginação como o lar da intencionalidade e a fantasia como uma forma de linguagem da totalidade do *self*, é uma forma de comunicação é a linguagem do “eu desejo/eu tenho vontade”(May R. 1969, p.281).

O amor e a vontade têm de constituir uma unidade não biológica mas de desenvolvimento da nossa consciência, mas por vezes não damos tempo a conhecer o outro, temos pressa, temos actos compulsivos provocados pela nossa ansiedade. O *eros* necessita de tempo para atribuir significado a situação, para imaginar, para pensar, para experienciar e antecipar (May, 1969).

O amor e o sexo são algo que se tornou pessoal pois não temos o sexo como uma necessidade primária para a sobrevivência da espécie humana. A necessidade mais poderosa tornou-se desta forma a de relacionamento de aceitação e afirmação. O paradoxo do amor é que este é o nível mais elevado de consciência do *self* como pessoa e o nível mais elevado de absorção no outro. Podemos constatar tal no acto sexual, pois o Homem é a única criatura que faz amor cara a cara (May, 1969).

As relações sexuais casuais terão o seu significado na partilha de prazer e carinho, mas se a atitude perante o sexo não for igual para os dois parceiros, mais cedo ou mais tarde, a relação torna-se aborrecida. Se o sexo for só sensualidade acabamos por nos virar contra ele (May, 1969).

A vontade, o amor e o amor sexual, encontram-se sempre relacionados na nossa existência e ao longo de toda a nossa experiência. Ambos visam o outro e movem o ser no seu sentido. O Poder surge como o suporte para influenciar o outro e logo tocá-lo e nos permitirmos a ser tocados por ele.

O ACTO DE FAZER AMOR E O APROFUNDAR DA CONSCIENCIA

O acto de fazer amor contribui para um aprofundar da nossa consciência de vários modos. Primeiro temos a ternura que é exteriorizada pela consciência das necessidades e desejos do outro e as nuances dos seus sentimentos. Toda a ternura

emerge do facto de naquele momento deixamos de ser dois indivíduos isolados mas uma união (May, 1969).

Um segundo aspecto do aprofundar da consciência vem-nos da afirmação do *self* no acto de amor podendo dar sentido à nossa identidade pessoal. No acto de fazer amor existe também uma certa tristeza, isto porque sentimos que não ultrapassamos completamente a perda da separação e solidão, mas podemos aceitar essas limitações por colocarmos por cima a nossa própria finitude (May, 1969).

Num terceiro aspecto, temos o enriquecimento da nossa personalidade, expandindo a nossa consciência de nós próprios e dos nossos sentimentos que consiste na nossa capacidade de dar prazer ao outro e conseguindo uma expansão do significado na relação (May, 1969).

O quarto aspecto diz respeito ao fenómeno de dar, o ser capaz de se dar ao fazer amor é fundamental para um acto cheio de prazer. Dar é essencial para o nosso próprio prazer, mas a capacidade de receber também é necessária num relacionamento amoroso. Se não consegue receber o que se irá dar é uma dominação do parceiro, se não consegue dar o que receber irá deixá-lo vazio, este receber não é um fenómeno passivo mas um receber activo em que sabemos que estamos a receber pois sentimos tal, absorvendo-o nas nossas próprias experiências (May, 1969).

Existem algumas objecções a estas indicações, uma diz respeito às pessoas que rejeitam quem as amam, como forma de se protegerem dessas emoções. O receber activo também não é entendido, o dar afecto é um incentivo a uma resposta no outro e o fazer amor é o incentivo mais poderoso a uma resposta emocional (May, 1969).

A forma de tomada de consciência que ocorre no momento do clímax sexual é o momento em que os amantes carregados pelo seu isolamento pessoal deslocam a sua consciência sentindo-se unidos à sua própria natureza. Sendo o acto de fazer amor um aprofundar da nossa consciência a ternura surge como a exteriorização da mesma, é um dar sentido à nossa identidade pessoal, o expandir-nos até ao outro e à consciência que temos de nós próprios e da relação é a capacidade de se dar e de receber como fenómeno activo. Quem rejeita o ser que o ama não possui essa capacidade de expansão e dádiva pois tenta proteger-se das emoções. A sexualidade não é somente a nossa manifestação no mundo mas a forma de tornarmos nosso o mundo dos outros (May, 1969).

MÉTODO

O objectivo deste trabalho de investigação é identificar as vivências e significados associados à sexualidade, até que ponto a sexualidade é algo simplesmente psicológico, manifestação da nossa necessidade de relação, de comunicação, de estabelecer vínculos afectivos, mas que para atingir o seu fim de manifestação de um Eu, de um “ser-no-mundo” que necessita de utilizar um corpo uma carne que tem prazer, como canal para manifestar o desejo de ser um “ser-com-os-outros”. A necessidade de estar no mundo do outro é porque é esta relação que o faz existir e o personifica. Além de um vasto leque de vivências, formas de sentir e significados associados a sexualidade, temos um ser individual, independentemente do seu género, que se projecta neste tipo de comportamento.

Foi necessário tomar uma orientação exploratória, de natureza qualitativa com o objectivo de recolher informação sobre este contexto específico. Foi escolhida uma análise qualitativa pois é o modo mais adequado de explorar as ideias de cada entrevistado, não sendo a abordagem quantitativa adequada, pois o que se pretende analisar, são os valores, sentimentos e experiências. Desta forma o que foi feito primeiramente foi modelar uma vivência transmitida, conhecer uma realidade, através de uma forma que nos permita efectuar um levantamento dos fenómenos, perspectivas do sujeito e suas intenções, ou seja, dos seus pontos de vista face à questão da sexualidade

Esta investigação efectuou a recolha de dados, através de entrevistas semi-estruturadas. Este tipo de metodologia exploratória visa permitir obter informação adequada à construção de um instrumento estruturado, adequado ao grupo estudado.

O método utilizado para a análise das entrevistas foi a análise de conteúdo temática, a sua escolha relaciona-se com a crença de que a linguagem representa e reflecte toda uma opinião sobre as coisas, os seres e os fenómenos.

Para Bardin (1977) a análise de conteúdo assenta em dois pólos, a rigorosidade e a necessidade de ir além das aparências, possuindo duas funções uma Heurística e uma de administração de prova. Nesta investigação adoptou-se uma postura mais heurística numa atitude exploratória, visando a descoberta e levantamento de conteúdos relevantes para a investigação da vivencia da sexualidade, isto porque, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que visa obter, através de procedimentos sistemáticos e objectivos,

a descrição do conteúdo das mensagens veiculadas nas entrevistas, que permitem a inferência de conhecimentos, quanto à forma de sentir e viver a sexualidade. Desta forma e segundo Bardin (1977), através da análise de conteúdo efectuada pela manipulação de mensagens transmitidas, buscamos a existência de outras realidades.

Na análise de conteúdo seguiram-se as três etapas postuladas por Bardin (1977), primeiramente foram transcritas as entrevistas, esgotando a totalidade das comunicações que seguiam todas as mesmas questões directivas, a amostra é representativa, pois nela incluímos uma faixa etária que varia entre os 20 e os 40 anos de idade, ou seja, adulto e adulto jovem, os documentos adaptam-se ao objectivo da pesquisa pois abordam a sexualidade e o seu sentido, sendo cada elemento da entrevista classificado numa só categoria. Foi numa primeira leitura que surgem os primeiros objectivos do trabalho.

Num segundo momento, foi decidido o que fazer com a pré-análise, é pois a fase mais trabalhosa pois converte dados brutos em unidades de registo, que permite a descrição das características mais pertinentes daquele conteúdo, tendo em conta a presença mais notória de certas características e a ausência de outras. Foram estabelecidas categorias que são os conceitos gerais de certo tema e que incluem em si vários elementos. O critério tido em conta foi o semântico, pois valorizou-se mais o tema em si e o seu sentido do que as palavras utilizadas para o expressar, pois estas podem variar consoante a cultura as habilitações ou até as vivências e forma de estar no mundo, no entanto o sentido pode ser o mesmo, há que tentar apreender o seu significado. Podemos afirmar que as categorias são o reflexo de uma realidade, sendo a sua síntese que possibilita uma melhor compreensão das relações elaboradas sobre o tema. Em certos casos constatamos a presença simultânea de uma unidade de registo associada a outra ou seja uma co-ocorrência que nos demonstra a correlação de certas temáticas, tendo as categorias surgido através da classificação analógica e análise dos elementos de trabalho.

Por fim temos o tratamento dos resultados, onde a mensagem é o ponto de partida e onde se tenta entender não só as suas palavras mas o seu pensamento, sendo a interpretação articulada com a fundamentação teórica. Neste estudo foi feita a análises verticais de cada sujeito, através de uma síntese individual e *à posteriori* uma análise horizontal que articula o individual com o colectivo, fazendo salientar as diferentes formas como o tema aparece.

PARTICIPANTES

Sendo o objectivo deste estudo o de observação e identificação do modo como vivenciamos e experienciamos a nossa sexualidade, que significados lhes atribuímos e que sentimentos lhe associamos, tornou-se relevante que se tratasse de uma amostra retirada da população em geral. A amostra é composta por 6 indivíduos, 3 do sexo feminino e 3 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos de idade e com escolaridade que varia entre a escolaridade mínima obrigatória a licenciatura. Os participantes são todos residentes na área da grande Lisboa, tendo em cada género um elemento com a escolaridade mínima obrigatória, 12.º Ano e licenciatura.

MATERIAL

Foram efectuadas 6 entrevistas não directivas, tendo por base questões orientadoras sobre a temática da sexualidade. A análise é temática e qualitativa, sendo feita de modo transversal, ou seja, baseando-se numa descoberta progressiva das analogias e complementos entre as diferentes experiencias manifestas nas diferentes entrevistas com vista a daí extrair os elementos comuns.

Cada entrevista era norteada por 5 questões base, desenvolvidas abertamente por cada entrevistado. As questões orientadoras da entrevista eram:

- O que é que o sexo representa na sua vida
- Com quem é que neste momento faz sentido praticar sexo
- Qual a importância que a sexualidade tem na tua vida, de um modo geral, repercussões nos vários planos e contextos.
- Quais as sensações e experiencias sentidas e vividas após o acto sexual
- Qual a relação que entende existir entre sexo e amor
- Como é que se caracteriza a nível sexual, o que lhe faz mais sentido no sexo.

Em cada entrevista foi analisada questão a questão, sendo feita uma análise categorial de cada uma, para cada um dos entrevistados. Posteriormente foi reagrupada a análise de todos os entrevistados de modo a se constituir uma generalização da questão para a amostra do estudo. Foram constituídas categorias gerais que incluem em si subcategorias apuradas a partir da análise horizontal, esta análise deu origem ao quadro de categorias final.

PROCEDIMENTO

As entrevistas decorreram durante o ano de 2008 a 6 indivíduos de ambos os sexos e idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos de idade. Foram escolhidos aleatoriamente 3 pessoas do sexo masculino e 3 do sexo feminino, as quais responderam a uma entrevista. A entrevista teve a duração aproximada de 30 minutos, pois revelou-se ser o tempo necessário à reflexão e posterior resposta às questões colocadas, se fosse inferior não permitiria o aprofundar de sentimentos que não se encontram imediatamente à luz da consciência e que exigem uma reflexão, se o tempo excedesse os 30 minutos conduziria a um alargamento da temática para outras áreas que não eram objectivo de estudo.

A aplicação das entrevistas realizou-se em consultório, onde primeiramente foi feita uma breve introdução e explanação do estudo e objectivos do mesmo, sendo garantido o anonimato e confidencialidade dos entrevistados.

As entrevistas foram gravadas na íntegra e posteriormente transcritas, de modo a facilitar a sua análise (Anexo 1). Após a transcrição das entrevistas foi feita uma leitura flutuante de modo a apreender os conteúdos, posteriormente iniciou-se uma análise individual de cada entrevista onde se criaram categorias gerais para cada questão colocada. Numa segunda análise aprofundou-se cada categoria constituindo-se sub-categorias onde se identifica a presença de aspectos particulares mas que constituam a categoria geral. Para cada entrevistado constitui-se assim um quadro referente às categorias e sub-categorias observadas em cada questão colocada como também a frequência com que ocorriam, pois é revelador da intensidade e importância que o entrevistado dá ao aspecto referido. (Anexo 2)

Após uma análise individual das 6 questões abordadas ao longo da entrevista e elaboração individual das categorias observadas nas mesmas, procedeu-se a uma análise global da questão abordada que inclui em si as respostas de todos os entrevistados, deste modo realizou-se a síntese para cada questão através da junção das análises individuais, que nos permitiu obter um resultado para cada questão.

RESULTADOS

Quadro 1- Categorias relativas ao modo como se vivencia a sexualidade, identificadas pela análise de conteúdo das entrevistas.

CATEGORIAS

- 1. As representações do vivido da sexualidade**
- 2. Critérios de escolha de um parceiro sexual**
- 3. Importância da sexualidade para o *dasein***
- 4. Experiências e sentimentos após o acto sexual**
- 5. Relação entre o significado de sexo e de amor**
- 6. Como me identifico e caracterizo a nível sexual**

Neste primeiro quadro temos as categorias que pretendemos estudar. Após uma análise de conteúdo vertical de cada categoria em cada entrevistado (ANEXO II), foi realizada a análise de modo horizontal, onde se reúnem os resultados obtidos, na nossa amostra, para cada uma das categorias.

Nos quadros seguintes temos uma separação por categoria analisada e em cada categoria temos as subcategorias encontradas na nossa amostra. Em algumas subcategorias são descritos vários pontos, referidos pelos entrevistados, que caracterizam as categorias e que ajudam à sua compreensão.

Quadro 2 – Factores que caracterizam as representações do vivido da sexualidade segundo as categorias da análise de conteúdo.

<u>CATEGORIA 1- AS REPRESENTAÇÕES DO VIVIDO DA SEXUALIDADE</u>	<u>FREQUENCIA POR NUMERO DE ENTREVISTAS</u>
<u>1- O sexo como forma de sentimento pelo outro:</u> caracteriza-se pelo momento íntimo entre duas pessoas que gostam uma da outra, pelo sexo como acto de fazer amor, sexo como partilha, sexo como entrega ao outro, sexo como parte de uma relação amorosa, a sexualidade numa relação é muito importante, sexo como forma de resolver os problemas entre o casal, sexo é uma forma de carinho, fazer amor é sexo, fazer amor é sexo com quem gostamos, fazer amor é sexo com quem te completa, quando se faz amor o sexo deixa de fazer sentido, fazer amor é uma fusão com o outro, fazer amor é perder o auto-controlo	6
<u>2-O Sexo pela curiosidade pelo outro</u>	1
<u>3- O sexo como uma arma</u>	1
<u>4- O sexo é um acto físico:</u> Sexo é uma necessidade física, o sexo é químico e biológico, sexo é algo animal, sexo é masturbação, o sexo só tem como objectivo o orgasmo.	3
<u>5- O sexo como um elemento presente em toda a nossa vida</u>	1
<u>6-O sexo como forma de afirmação pessoal</u>	1
<u>7- O sexo como um direito</u>	2
<u>8- O sexo é uma forma de auto-conhecimento:</u> sexo como processo de amadurecimento	2
<u>9-Sexo é prazer:</u> Gosto de sexo e tenho necessidade de o praticar, adoro sexo.	3
<u>10-Sexo é uma forma de descarregar e libertar tensões:</u> o sexo é uma forma de descarregar os nossos elementos negativos, sexo é um descarregar de energias e libertação de sensações, o sexo é uma	3

forma de libertação, sexo é desanuviar.	
<u>11-Sexo somente como acto físico não faz sentido:</u> sexo físico é um acto vazio ou mecânico, não me faz sentido o sexo só num plano físico, sexo como um acto somente físico é pouco importante, não pratico sexo para satisfazer uma necessidade física.	3
<u>12- O meu estado de espírito interfere no meu desejo sexual</u>	2
<u>13- Sexo é algo individual e pessoal:</u> sexo é um acto egoísta	1
<u>14- Sexo é um acto que me torna puro</u>	1
<u>15- O sexo não representa uma união com o outro</u>	1
<u>16- Sexo representa bem-estar, harmonia corporal e psíquica:</u> sexo é algo lindo e harmonioso	1
<u>17- Não tenho preconceitos sexuais</u>	1
<u>18- Não tenho sexo com quem tem preconceitos sexuais</u>	1

Nesta primeira categoria temos as principais representações dadas à sexualidade enquanto sentimento pelo outro, tendo verificado esta associação em todos os entrevistados, é dado maior enfoque à união e partilha com alguém por quem se nutre um sentimento é um momento de partilha e união com um outro. No entanto metade dos entrevistados referiu o prazer individual ligado ao aspecto físico e ao libertar de tensões, mas também temos metade dos entrevistados a referir que somente o sexo como acto físico individual não faz sentido, falta-lhe algo para ser um prazer completo. E como cada ser é um ser, vive e sente de forma única a sexualidade temos aspectos manifestos por um só entrevistado que se referem a formas de viver e sentir a sua sexualidade (quadro 2).

Quadro 3 – Factores que conduzem à escolha de um parceiro sexual, segundo as categorias da análise de conteúdo.

<u>CATEGORIA 2- OS CRITÉRIOS DE ESCOLHA DE UM PARCEIRO SEXUAL</u>	<u>FREQUENCIA POR NUMERO DE ENTREVISTAS</u>
<u>1- Pessoas que conheço e por quem tenho um interesse:</u> pessoas que quero conhecer melhor, pessoas intelectualmente estimulantes que sejam um desafio, quem não me dá só o prazer imediato, pessoa de quem gosto a nível físico e emocional, sexo com quem já conheço e sei como as coisas se desenrolam, com quem já não há tabus, sexo com quem é boa companhia, prefiro masturbar-me que ter sexo “físico”.	5
<u>2- Pessoa com quem tenho um relacionamento:</u> com o/a Namorado/a, companheiro/a por quem tenho um sentimento, por quem estou apaixonado e com quem namoro, com quem tenho um relacionamento curto ou duradouro, prefiro fazer amor e não sexo.	5
<u>3- Por quem sinta atracção física:</u> quem preencha os meus requisitos físicos.	3
<u>4-Sexo com um estanho não me dá prazer:</u> Sexo com um estranho provoca-me insegurança não é bom.	2
<u>5- Sexo com quem me reflecte e me espelha</u>	1
<u>6-Sexo com quem me faz sentir bem</u>	1
<u>7- Com quem me identifico</u>	1
<u>8- Procuro no outro aquilo que não tenho</u>	1
<u>9-Pessoa discreta</u>	1
<u>10-Pessoas de mente aberta</u>	1

No quadro 3, temos os critérios que nos levam à escolha de um parceiro sexual, e mais uma vez verificamos o factor que se destaca é o facto de ser alguém por quem se tem um interesse ou com quem se tem em relacionamento amoroso, justificando a

sexualidade como união ao outro, no entanto, é referido por metade dos entrevistados a importância da atracção física pelo outro e mais uma vez surgem os factores individuais, como o ser alguém que nos faz sentir bem, com quem nos identificamos e que nos espelha.

Quadro 4 – A importância da sexualidade para o *dasein*, segundo as categorias da análise de conteúdo.

<u>CATEGORIA 3- A IMPORTANCIA DA SEXUALIDADE PARA O DASEIN</u>	<u>FREQUENCIA POR NUMERO DE ENTREVISTAS</u>
<u>1- Sexo como uma necessidade física e emocional:</u> Necessito do sexo para estar bem.	4
<u>2- O sexo é muito importante na minha vida</u>	3
<u>3- Sexo não é o mais importante na minha vida</u>	3
<u>4-Sexo faz parte de uma relação</u>	1
<u>5- A minha vida sexual reflecte-se na minha vida social:</u> Quanto melhor é a noite de amor melhor é o dia.	1
<u>6-O bem-estar sexual é um reflexo do bem estar nas outras áreas:</u> Quando não me sinto bem não tenho desejo sexual	1
<u>7- A minha sexualidade não provoca alterações nas restantes áreas da minha vida:</u> sexo não interfere muito na minha vida de uma forma geral, o sexo não se reflecte no resto da minha vida, a minha sexualidade não interfere na minha relação com os amigos, família e profissão.	3
<u>8- No sexo descarregam-se tensões, energias que causam uma maior calma e relaxamento:</u> Sexo produz uma descarga que me deixa mais liberta e relaxada.	2
<u>9-Não faço sexo para satisfazer um prazer</u>	1
<u>10- Só tenho desejo sexual se gostar da pessoa</u>	1

<u>11- A falta de sexo provoca-me uma maior impulsividade</u>	1
<u>12- A falta de sexo aumenta a minha predisposição para novos conhecimentos:</u> Quando não tenho sexo ando mais excitado e mais predisposto a conhecer pessoas, quando não tenho companheira o apelo físico deixa-me mais predisposto a conhecer pessoas.	2

No quadro 4, temos a importância dada à sexualidade e nesta categoria verificamos que é uma necessidade física mas também emocional, afirmando metade dos entrevistados que é muito importante e outra metade que não é o mais importante para si. Sendo assumido por metade dos entrevistados que a sexualidade não interfere na forma como vivem o seu dia-a-dia, no entanto dois dos entrevistados assumem que a falta de sexo aumenta a predisposição para novos conhecimentos.

Quadro 5 – Experiências e sentimentos após o acto sexual, segundo as categorias da análise de conteúdo.

<u>CATEGORIA 4- EXPERIÊNCIAS E SENTIMENTOS APÓS O ACTO SEXUAL</u>	<u>FREQUENCIA POR NUMERO DE ENTREVISTAS</u>
<u>1- Experiencia de tranquilidade, calma e paz:</u> Sentir-me preenchida, calma, aconchegada, sentir-me bem; sensação boa de cansaço e tranquilidade; após fazer amor é algo único, relaxante e satisfatório; prazer físico, bem-estar, tranquilidade e relaxamento.	5
<u>2- Sensação de descarga física de tensões, libertação, prazer:</u> Sensação de leveza; momento de êxtase;	3
<u>3- Difere consoante o parceiro que temos</u>	2
<u>4- Sentimento de partilha, comunhão, carinho e aconchego entre os dois:</u> momento de comunhão, amizade e carinho; após fazer amor é a sensação de fusão sem preconceitos e sem vergonha.	3

<u>5- Sentimento de união com o outro:</u> ficar abraçada ao parceiro; Confirmação de que estou com a pessoa certa; sinto-me bem por ter feito a outra pessoa sentir-se bem, manifestação de um sentimento.	4
<u>6- Sensação de ver o meu reflexo na outra pessoa</u>	1
<u>7- Procuo que fique sempre vontade de mais</u>	1
<u>8- Algo que gostaria de sentir até ser velha:</u> imagino o que sentirei na velhice	1
<u>9- Serve para corrigir os problemas entre o casal</u>	1
<u>10- Sinto uma concretização como pessoa</u>	1
<u>11- Numa relação de sexo físico a seguir quero-me ir logo embora</u>	2
<u>12- Numa relação só de sexo a seguir sinto repúdio e arrependimento</u>	1

Principalmente verificam-se após o acto sexual, sensações individuais de bem estar e satisfação, tranquilidade e relaxamento, no entanto, logo de seguida temos os sentimentos de partilha e união com o outro, onde verificamos a manifestação de um sentimento e de carinho, isto incluindo o outro e a relação que temos com ele. Seguidamente, em metade das entrevistas verificamos a sensação de descarga física de tensões, a libertação e prazer, como algo físico sentido individualmente. É referido por dois entrevistados que as sensações variam consoante o outro e o que este representa para nós. Referido pontualmente por um dos entrevistados, temos especificidades individuais sentidas a nível psicológico que caracterizam formas individuais de sentir a situação e o significado que lhe atribuímos. Nestes pontos constatamos as formas únicas da vivência, que são distintas entre si. Essas vivências são muito pessoais e não derivam de uma partilha com o outro.

Quadro 6 – A correlação entre os significados do sexo e do amor, segundo as categorias da análise de conteúdo

<p><u>CATEGORIA 5- RELAÇÃO ENTRE OS SIGNIFICADOS DE SEXO E DE AMOR</u></p>	<p><u>FREQUENCIA POR NUMERO DE ENTREVISTAS</u></p>
<p><u>1- Para haver sexo não tem de haver amor:</u> Sexo e amor não são a mesma coisa, um é físico o outro é emocional; não existe correlação entre sexo e amor, são coisas distintas; sexo é uma necessidade física.</p>	<p>4</p>
<p><u>2- Sexo pode ser praticado com mais ou menos amor:</u> Consigo separar se estou a fazer sexo com ou sem amor.</p>	<p>2</p>
<p><u>3- Sexo só existe com amor:</u> Duas faces da mesma moeda, completam-se; sexo e amor fazem parte um do outro</p>	<p>2</p>
<p><u>4- Para existir sexo tem de haver atracção física e paixão:</u> Tem de existir desafio, sexo é um acto físico e psíquico.</p>	<p>3</p>
<p><u>5- Existe uma grande correlação entre sexo e amor:</u> Sexo só pelo prazer físico não tem significado; sexo sem sentimento não me satisfaz; sexo com alguém que representa mais que um corpo; sexo como um objecto não me faz sentido, no sexo gosto de me sentir amada e desejada, completa.</p>	<p>3</p>
<p><u>6- Sexo é o culminar de uma sucessão de bem-estar numa relação</u></p>	<p>1</p>
<p><u>7- Sexo não é uma necessidade física mas uma gratificação</u></p>	<p>1</p>
<p><u>8- Sexo é sentir a força que o outro trás em nós</u></p>	<p>1</p>
<p><u>9- Amor é sentir o melhor que o outro trás em nós</u></p>	<p>1</p>
<p><u>10- Fazer amor é não ter medo de nos mostrarmos como somos</u></p>	<p>1</p>
<p><u>11- Por amor até abdicar do meu prazer</u></p>	<p>1</p>
<p><u>12- Sexo representa um bem-estar meu e do outro</u></p>	<p>1</p>

Na categoria 5, nas 6 entrevistas realizadas podemos observar que em quatro delas é feita uma clara distinção entre sexo e amor, como algo distinto. Somente em duas das entrevistas o significado de sexo é misturado com o de amor. É referido que para existir sexo deve existir algo que una as pessoas tal como a atracção física, a paixão e o desafia, mas não necessariamente amor. É referido por metade dos entrevistados que existe uma correlação entre ambos e que o ideal é existirem em conjunto, no entanto tal não é obrigatório.

Quadro 7 – Como me identifico e caracterizo a nível sexual, segundo as categorias da análise de conteúdo.

<p align="center"><u>CATEGORIA 6- COMO ME IDENTIFICO E CARACTERIZO A NÍVEL SEXUAL</u></p>	<p align="center"><u>FREQUENCIA POR NUMERO DE ENTREVISTAS</u></p>
<p><u>1- No sexo é importante o dar e receber:</u> Sentir que sou correspondida e que correspondo, comportamento sexual equilibrado entre ambas as partes, sexualidade é um acto de dar prazer ao outro e a mim.</p>	<p align="center">4</p>
<p><u>2- Gosto de me dar ao outro:</u> Dar prazer ao outro, respeitando-me; completar o outro, tenho de me conhecer bem para me poder dar, Forma de estar genuína e cúmplice com o outro, gosto de ouvir o outro a ter prazer.</p>	<p align="center">4</p>
<p><u>3- Gosto de brincar com diferentes papéis e personagens:</u> Gosto de representar papéis opostos</p>	<p align="center">2</p>
<p><u>4- Relação sexual com diálogo:</u> relações sexuais com conversa, respeito e carinho; gosto de dialogar e estar de comum acordo sobre gostos e preferências sexuais, gosto de rir e conversar a ter relações sexuais, verbalizar o que se sente e o que se gosta.</p>	<p align="center">3</p>
<p><u>5- Mentalidade aberta a nível sexual:</u> sexo sem tabus nem preconceitos; sem ideia preconcebidas.</p>	<p align="center">3</p>

<u>6- Só faço o que gosto:</u> Não faço fretes nem finjo orgasmos	1
<u>7- Gosto de dominar</u>	1
<u>8- Gosto de ser dominada</u>	1
<u>9- Não gosto nem de dominar nem ser dominada</u>	1
<u>10- O que sou pessoalmente reflecte-se no que sou sexualmente</u>	1
<u>11- O que sou socialmente não se reflecte no que sou sexualmente</u>	1
<u>12- Gosto de surpreender a nível sexual</u>	1
<u>13- Quando amo o meu parceiro satisfaço qualquer fantasia</u>	1
<u>15 Gosto de sentir todo o prazer a que tenho direito:</u> Gosto que o outro me satisfaça sexualmente; manifesto claramente o meu desejo sexual	2
<u>16- Não gosto de perversões sexuais:</u> Não tenho nenhum fetiche sexual	2
<u>17- Tenho algumas fantasias sexuais</u>	1
<u>19- Gosto de ver o outro perder o controle</u>	1
<u>20- Quando não me sinto bem não tenho iniciativa sexual</u>	1
<u>21- Não tenho devaneios sexuais</u>	1
<u>22- Não gosto de pessoas agressivas sexualmente</u>	1
<u>23- Gosto de mostrar o meu lado mais sensual</u>	1
<u>24- Sou uma pessoa sexualmente activa:</u> Desinibida sexualmente	2
<u>25- O orgasmo tem de ser em simultâneo</u>	1
<u>26- Sexo é bom e natural, como uma brincadeira que existe para me dar prazer</u>	1
<u>27- É importante o sexo não tradicional e não básico</u>	1
<u>28- Gosto que me provoquem e tomem a iniciativa</u>	1
<u>29- Gosto de me sentir amado e acariciado</u>	1
<u>30- Não gosto de me sentir um objecto sexual nem o faço</u>	1

Derivado ao facto de cada ser viver a sexualidade de forma distinta e de possuir diferentes representações da mesma, ao se caracteriza sexualmente, cada sujeito refere diferentes formas de estar e diferentes pontos relevantes na sua postura sexual, tais factores vêm confirmar a diversidade de experiencias e de pontos relevantes na sua

experiencia sexual. Cada ser no mundo existe de forma única, no entanto podemos observar pontos comuns sendo eles a importância do dar e receber prazer no acto de estar com o outro, a importância de se dar, da existência do dialogo para uma verdadeira partilha e a abertura à experiencia sem ideias preconcebidas. Todos os outros pontos referidos são particularidades existentes de forma dispersa e que possuem interesse no sentido de constatar a riqueza de características que existe em cada ser.

DISCUSSAO

Todos somos seres que vivenciamos as experiências por que passamos de forma diferente, consoante as nossas características pessoais e o mundo em que vivemos assim percebemos, sentimos e valorizamos aspectos diferentes, no entanto somos seres unitários com características idênticas e essas são o facto de todos possuímos um corpo físico e uma mente que nos leva a sentir de uma forma global todas as experiências e fenómenos que nos surgem. A sexualidade é uma dessas experiências e apesar das diferenças pessoais que possuímos a nossa sexualidade ultrapassa a esfera das sensações físicas penetrando na esfera das nossas mentes e fazendo-nos sentir de uma forma mais profunda a nossa existência. Também através da sexualidade tocamos o mundo que nos rodeia e ele nos toca a nós. A nossa sexualidade é um veículo que permite ao *dasein* exprimir-se como tal, é um modo de comunicação, é um diálogo com o nosso mundo e com o mundo dos outros. O que aparentemente é uma forma primária de comportamento carrega em si uma variedade de fenómenos de sentimentos de vivências e de formas de existir.

A sexualidade é algo que faz parte das nossas vidas e ultrapassa as barreiras do concreto tocando nas nossas necessidades enquanto seres no mundo. A sexualidade é uma forma de existir. Temos um corpo que indiscutivelmente possui necessidades físicas, mas somos muito mais que um corpo, somos uma mente, somos um conjunto com necessidades muito mais prementes que as físicas. Somos um ser que só existe enquanto relação com o outro e necessitamos desse relação para viver, pois é o outro que revela a minha existência.

PRIMEIRA CATEGORIA

Perante os resultados obtidos na análise de conteúdo, vamos discutir esses mesmos resultados tendo em conta as teorias já existentes. Na primeira categoria que diz respeito ao lado vivido da sexualidade, surge-nos o significado da sexualidade como uma necessidade de ver o espelho, quanto a este ponto May (1969, p.53) refere que a luta por provar uma identidade é óbvia e o motivo central. A valorização do corpo, poderá advir do facto de tentarmos impor uma igualdade entre homens e mulheres que

possuem inegáveis diferenças biológicas e emocionais, o que vai muito além do prazer sexual. A necessidade de provar que somos idênticos, faz com que reprimamos as nossas diferenças de sensibilidade, o que poderá contribuir para uma mecanização do acto sexual. Um outro factor, que pode contribuir para esta postura, relaciona-se com a nossa esperança individual de superar a nossa solidão, para escapar aos sentimentos de vazio, deste modo, procuramos no corpo do outro a prova de que o nosso corpo não está morto, lutamos por provar o nosso poder sexual e tentamos compensar o sentimento de impotência com essa potência sexual (May, 1969). Por este motivo, três entrevistados referem que o sexo é um acto físico, um outro refere-se ao sexo como uma forma de afirmação pessoal, dois como uma forma de auto-conhecimento.

Segundo May (1969), é através do sexo que todo o homem a nível biológico começa, é o poder da procriação e é através do sexo que o homem sente o prazer mais intenso e também a ansiedade mais penetrante. Em consonância com esta afirmação de May, temos as respostas obtidas por três entrevistados que afirmam que sexo é prazer e que sexo é uma forma de descarregar e libertar tensões.

Neste estudo, as minhas expectativas são as de demonstrar que a atitude sexual desprovida de sentimentos é insatisfatória, pois não alcança o objectivo maior que é o da relação e da necessidade da existência do outro na minha vida. Indo ao encontro das minhas expectativas, observei que a totalidade dos entrevistados referiam o sexo como forma de sentimento pelo outro, no entanto só três afirmaram que o sexo somente como acto físico não faz sentido.

A resistência das pessoas em se tornarem menos objectos aos olhos do outro, tem raízes culturais mais direccionadas para a mulher e segundo Sartre (1998) quando se olha o outro como um “Em-si”. Desta situação surge o conflito entre sexo e sentimento, todo o ser pretende ser apreendido como um “Para-si” para se recuperar e por esse motivo temos a predominância do sexo aliado ao sentimento, pois nesta situação o Ser é apreendido como um todo, e deste modo recupera-se.

Para May (1969) o que nós não conseguimos ver no nosso liberalismo míope é que no sexo ao nos jogarmos num mar de incertezas e escolhas abertas não estamos a aumentar a nossa liberdade, mas a aumentar o nosso conflito interno. Isto é o que provocamos com uma atitude meramente física com estranhos e por este motivo ao entrevistar pessoas já com uma certa vivência obtemos respostas como “sexo com estranhos não me faz sentir bem” e “sexo só faz sentido com alguém por quem se tem

um sentimento ou relação” nestes casos sentimos como que o campo de incerteza diminuído.

Segundo May (1969) a maior luta que possuímos é provar a nossa identidade, e esse é o nosso motivo central e o alvo presente nos homens e mulheres. Por este motivo, não descuramos o nosso prazer individual, mas damos mais importância à relação com o outro, pois é segundo Sartre (1998) o outro que me revela, e só quando o outro me vê, mais do que um “Em-si” e se sente fascinado, nesse momento recuperamos a nossa individualidade.

SEGUNDA CATEGORIA

Como Sartre (1998), afirma na primeira atitude para com o outro, que é o Amor a Linguagem e o Masoquismo, enquanto me tento livrar do domínio do outro, o outro tenta-se livrar do meu, enquanto procuro subjugar o outro, o outro procura subjugar-me a mim. Aqui estamos perante uma relação recíproca e não numa relação com um objecto “Em-si”. Por este motivo, nesta categoria, constata-se que maioritariamente a escolha de parceiro sexual recai sobre pessoas com quem se tem um relacionamento, pois à partida não nos verão somente como um objecto. Também escolhemos o nosso parceiro sexual por este representar um Ser no qual temos um interesse e que nos pode devolver de uma forma agradável o nosso “Para-si”, pois o olhar do outro modela o meu corpo e porque o outro detém o segredo do que sou, possui-me.

Ao procurar um parceiro por quem tenho uma atracção física, pretendo capturar o seu Em-si e torná-lo refém, pois segundo Sartre (1998), o projecto de recuperação de mim é fundamentalmente projecto de reabsorção do outro, significa que projecto assimilar a alteridade do outro enquanto tal, como minha possibilidade. Por este motivo, o sexo com estranhos não nos faz sentir bem pois o que pretendemos assimilar não é o outro-objecto. Curiosamente um dos entrevistados referiu directamente que procura quem o espelhe, o reflecta, pessoa com quem se identifica, outro entrevistado afirma procurar aquilo que não tem. Com as respostas obtidas, parece que procuramos mais um enriquecimento da nossa própria visão, e não somente, tal como afirma Sartre (1998), recapturar o nosso ser. A discussão neste ponto prende-se com o aspecto de procurar o que já está em mim mas ainda pré-reflexivo, ou se pretendo fugir do meu “Para-si”

encontrando outro que me satisfaça mais. Considero que esta questão é interessante de aprofundar num outro estudo.

Um entrevistado exprimiu que procura pessoas discretas e deste modo entra em conflito com a teoria de Sartre (1998), pois uma pessoa discreta poderá não permitir facilmente a detenção da sua liberdade que queremos apoderar, pois segundo Sartre tal atitude não se deve à vontade de poder, mas que neste ponto me parece estar mais em concordância com tal. Mas tal como afirma Sartre, indo ao encontro dos resultados deste estudo, o ser não deseja a servidão do amado, não quer converter-se em objecto de paixão mecânica.

Um entrevistado ao referir que procura pessoas de mente aberta é querer ser o objecto no qual a liberdade do outro aceita perder-se “quer ser o objecto limite de transcendência, aquele rumo ao qual a transcendência do outro transcende todos os outros objectos, mas ao qual não pode de modo algum transcender” Sartre (1998).

TERCEIRA CATEGORIA

Na terceira categoria que se refere à importância da sexualidade para o *Dasein*, temos como ponto de destaque o sexo como uma necessidade física e emocional, sendo este aspecto mencionado por quatro dos entrevistados que referem necessitar de sexo para estarem bem, mas como a existência só o é em relação e só existimos enquanto tal, faz todo o sentido esta importância atribuída ao sexo, pois tal como afirma Sartre (1998, p:485) “...a carícia revela a carne despindo o corpo de sua acção cindindo-o das possibilidades que o rodeiam: destina-se a descobrir sob a acção a teia de inércia – ou seja, o puro “Ser-ai” – que sustenta o corpo; ... “o desejo se expressa pela carícia assim como o pensamento pela linguagem”.

Três dos entrevistados referem que o sexo é muito importante e outros três referem não ser o mais importante, em suma todos lhe conferem importância, pois ao referirem que não é o mais importante é porque entendem como valor primordial outro ou outros aspectos. Esta constatação vai de encontro à teoria de Sartre (1998, p:484) que afirma “...que primordialmente o corpo do outro não é carne para mim: aparece como forma sintética em acto; ..., não seria possível perceber o corpo do Outro como carne pura, ou seja, a título de objecto isolado mantendo relações de exterioridade com os

demais istos. O corpo do Outro é originariamente corpo em situação; a carne ao contrário, aparece como contingência pura da presença.”

Em suma, o que se verifica é que nesta categoria obteve-se, através das respostas dos entrevistados, uma concordância com a teoria apresentada por Sartre (1998) a nível do prazer e da importância do contacto físico que faz parte de uma relação com o Outro, pois é desta forma que possuo o Outro e me recupero a mim. Em conformidade com esta afirmação, constatou-se que dois entrevistados afirmaram que a falta de sexo aumenta a predisposição para travar novos conhecimentos, é o apelo do corpo/desejo em sintonia com o corpo/Ser-ai.

“O desejo é uma tentativa de despir o corpo de seus movimentos, assim como se suas roupas, e fazê-lo existir como pura carne; é uma tentativa de encarnação do corpo do Outro. É nesse sentido que as carícias são apropriação do corpo do Outro: evidentemente, se as carícias fossem apenas um suave toque, não poderia haver relação entre elas e o poderoso desejo que pretendem satisfazer; permaneceriam à superfície, como olhares, e não poderiam fazer com que eu me apropriasse do Outro.” Sartre (1998, p. 484-485).

QUARTA CATEGORIA

A quarta categoria refere-se às experiências e sentimentos que surgem após o acto sexual, em que cinco dos seis entrevistados referem a experiência de calma, paz e o bem estar, é esta a experiência predominante que surge neste estudo sendo o prazer só referido por metade dos entrevistados. Curiosamente não se observam referências ao parceiro, o que nos leva a concluir que primeiramente a satisfação é algo pessoal e individual, pois tal como encontramos descrito em Sartre (1998):

“A carícia destina-se a fazer nascer por meio do prazer o corpo do Outro, para o Outro e para mim, como passividade *apalpada*, na medida que meu corpo faz-se carne para apalpar o corpo do Outro com sua própria passividade, ou seja, acariciando-se nele, mais do que o acariciando” Sartre (1998, p.485).

Referido por quatro entrevistados, como experienciado após o acto sexual, é o sentimento de união ao outro, tendo ainda dois entrevistados referido que após o acto sexual com alguém com quem não têm uma relação afectiva sentem que se querem é ir embora, chegando mesmo um dos entrevistados a referir que sente repudio e arrependimento, este aspecto é bastante interessante de analisar pois tal como afirma May (1969) existe uma sombra entre o amor e a vontade, pois cada um perde a sua eficácia quando não são mantidos na relação certa de um para o outro, podendo cada um bloquear o outro, falando também do elemento tristeza que emerge após o acto sexual e que se deve ao facto de sentirmos que não ultrapassamos o nosso isolamento e separação, ou seja, não perdemos a nossa solidão.

Para Heidegger (citado por May 1969, p.290) o cuidado é o fenómeno básico que constitui a existência humana e também o elemento básico para o desejo e a vontade, por este motivo não podemos desejar e ter vontade se não sentirmos um autêntico cuidado, sendo a vontade e o cuidado utilizado de forma livre. Deste modo, podemos constatar a concordância do resultado obtido com a teoria de Rollo May.

Nesta categoria, três dos entrevistados referem a sensação de descarga física de tensões, libertação e prazer, também May (1969) afirma que após o acto-sexual normalmente emerge em “Nós” uma sensação de vigor renovado e vitalidade que não deriva do triunfo do desempenho mas da nossa expansão da nossa tomada de consciência, em relação às nossas limitações e finitude, aceitando-as e experienciando a nossa capacidade para dar prazer ao Outro, desta forma conseguimos a expansão do significado de uma relação.

QUINTA CATEGORIA

Na quinta categoria é estudada a relação entre o significado de sexo e amor, tendo quatro entrevistados afirmado que para existir sexo não tem de haver amor, somente dois entrevistados afirmaram que para existir sexo tem de existir amor, no entanto três entrevistados assumiram a grande relação entre ambos e outros três afirmaram que para existir sexo tem de haver atracção física e paixão. Segundo May (1969) a paixão erótica não requer somente a capacidade de nos entregarmos ou de nos deixar ser estimulados pelo poder da experiência imediata, mas querer também que cada um se torne o centro do evento, moldando-nos ou formando-nos numa relação, num

novo plano de consciência que emerge fora da experiência e que requer o elemento vontade. Desta forma temos uma importante ilustração do facto de o amor e a vontade serem inseparáveis um do outro.

Para May (1969) a tarefa do Homem é unir o amor ao desejo, pois eles não se encontram unidos por um crescimento biológico automático, mas tem de ser parte do desenvolvimento da nossa consciência. Nesta categoria verificou-se a distinção clara que é feita pela maioria dos entrevistados no que diz respeito ao sexo e ao amor, como se a união entre os dois ocorresse numa fase de evolução e crescimento pessoal que nos coloca numa posição relacional com o outro mais profunda e evoluída. Esta constatação vai de encontro à teoria de May (1969) que afirma que a relação entre o amor e a vontade não é um estado dado de forma automática, mas uma tarefa e na medida que é conseguida é uma conquista. Isto remete-nos para a maturidade, integração e integridade.

May (1969, p.313) afirma que muitas pessoas usam o sexo para dar sentido à sua identidade pessoal, para terem um “curto-circuito” ou uma “identidade substituta”, afirma também que a partilha do jogo sexual tem de ser algo regularmente presente, no entanto se a atitude sobre o sexo é somente casual mais cedo ou mais tarde o jogo torna-se aborrecido, se o sexo é somente sensualidade mais cedo ou mais tarde voltamo-nos contra o sexo em si. Este é o ponto em que predominantemente os entrevistados referem, pois afirmam que para existir sexo não tem de existir amor, no entanto para este ser mais do que algo casual tem de haver algo que o sustente, três entrevistados referem que tem de existir paixão e desafio, outros três entrevistados referem que sexo sem amor não tem significado, não satisfaz, é somente algo corpóreo, objecto. Com estas afirmações por parte dos entrevistados, mais uma vez nos encontramos em concordância com Rollo May, pois identifica-se o acto físico, que é uma constante, mas que para este ser verdadeiramente gratificante tem de implicar uma comunhão, que implica por sua vez um aprofundar da consciência, que nos envolve enquanto seres globais e que nos faz sentir, tal como afirma May (1969) o superar do isolamento e da separação, que naquele momento não são duas pessoas isoladas, mas uma união que permite a entrada numa avenida com acesso à nossa identidade pessoal.

Nesta categoria, constatamos o reforçar das afirmações de May (1969), quando obtemos afirmações como “... sexo é o sentir a força que o outro trás em nós...”, “...amor é sentir o melhor que o outro trás em nós...”, “...fazer amor é não ter medo de

nos mostrarmos como somos...”, “...sexo representa um bem-estar meu e do outro...”, nestas afirmações identificamos momentos de comunhão.

Um entrevistado ao afirmar que “...sexo representa um bem-estar meu e do outro...” está a confirmar o terceiro aspecto do aprofundar da nossa consciência no acto sexual, a que se refere May (1969) quando fala da expansão da consciência do nosso Eu e dos seus sentimentos através do experienciar a nossa capacidade de dar prazer ao Outro, alcançando deste modo a expansão do significado numa relação, tornando-se desta forma mais do que foi. Este é o símbolo imaginável mais poderoso da procriação, pois com o significado “nascer” temos o nascimento de novos aspectos do *self*.

May (1969) refere o aspecto de o ser capaz de se dar num acto de fazer amor é essencial para um prazer mais completo. O acto de dar é essencial para o nosso próprio prazer tal como a capacidade de receber também é necessária. Se não se consegue receber, o acto de dar será uma dominação do parceiro, inversamente se não se consegue dar, o que recebemos deixa-nos vazios. Este paradoxo é demonstrado pois a pessoa é incapaz de se aproximar do que lhe é dado, o acto de receber não é um fenómeno passivo mas activo que absorve o que recebe como seu.

Nesta categoria, três entrevistados que referiram existir uma grande relação entre sexo e amor, mencionaram especificamente que no sexo também necessitamos de nos sentir amados e desejados, completos. Numa relação amorosa estabelecida May (1969) também refere que ser amado é aceitar o Outro Ser como um Ser, é o estar ligado ao Outro e ligar tudo ao Outro.

*“ Only – but this is rare –
When a beloved hand is laid in ours,
When jaded with the rush and glare
Of the interminable hours,
Our eyes can in another’s eyes read clear,
When our world-deafened ear
Is by the tones of a loved voice caressed –
A bolt is shot back somewhere in our breast,
And a lost pulse of feeling stirs again;
The eye sinks inward, and the heart lics plain;
And what we mean, we say, and what we would, we know.*

A man becomes aware of his life's flow."

(Matthew Arnolds, citado por May R. 1998, p.318)

SEXTA CATEGORIA

Na análise das respostas dadas à última questão, que solicita aos entrevistados que se caracterizem sexualmente. As respostas obtidas dizem respeito aos aspectos que os entrevistados consideram como os elementos mais importantes numa relação sexual que foram divididos em duas partes, uma relacionada com o prazer físico e outra parte referente ao aprofundar da consciência do Ser em relação com Outro Ser que o revela e lhe permite o aprofundar da consciência de Si.

A resposta maioritariamente dada a esta questão refere-se à importância de dar e receber prazer.

Considera-se que nesta categoria verificou-se claramente uma confirmação da teoria de May (1969) que afirma que o que acontece no acto de fazer amor é o superar da separação e isolamento de cada um, transformando-se naquele momento uma união. Este é o ponto-chave que demonstra claramente o quanto necessitamos do outro para aprofundar a consciência de nós próprios e até para nos constituirmos como indivíduos.

Inúmeras vezes tentamos escapar ao confronto connosco próprios através de actos sexuais casuais, onde implicamos somente o corpo, mas como constatamos nesta categoria não é isso que procuramos, o que pretendemos, é a relação, pois só através dela existimos e nos vemos, vemo-nos nos olhos dos outros. Verificamos a necessidade de relação referida por três dos entrevistados: "relação sexual com diálogo", "gosto de me sentir amado e acariciado", "não gosto de me sentir um objecto sexual nem o faço", "o orgasmo tem de ser simultâneo", "gosto de me dar ao outro", "quando amo o meu parceiro satisfaço qualquer fantasia", "gosto de mostrar o meu lado mais sensual" "gosto de surpreender a nível sexual". Em todas as afirmações atrás referidas remetem para um dar e receber tanto prazer como afecto, o que conduz indiscutivelmente a um enriquecimento da personalidade, através da expansão da consciência de mim e de Nós. Ao darmos, vemo-nos no que representamos para o outro. Tal como referido anteriormente, na quinta categoria, a respeito do dar e receber, May (1969) refere-se à capacidade de receber do Outro a devolução do meu Eu a mim próprio e que quando não conseguimos receber sentimo-nos vazios, se só damos estamos a dominar o Outro.

Este ponto também nos pode remeter para a necessidade de poder onde para nos protegermos das emoções dos Outros recusamos receber.

Quando é referido o poder é como que uma necessidade de compensação de sentimentos de impotência, daí a necessidade de dar para dominar e obter poder e desta forma colmatando esse sentimento de impotência, que poderá pertencer a várias esferas e não somente à física, aliás maioritariamente não será física, tal como é referido por May (1969), esta necessidade de dar pode conduzir-nos à mecanização da performance sexual, normalmente relacionada com uma redução dos sentimentos.

Nesta ultima categoria, apesar de estar presente o prazer físico, pois é o elemento constitutivo do acto em si, não se revelou um aspecto de destaque ou o principal, sendo unicamente referido por dois entrevistados: “gosto de sentir todo o prazer a que tenho direito”, e somente por um que “sexo é bom e natural, como uma brincadeira que existe para me dar prazer”, mais uma vez a tónica é colocada na relação e no prazer que esta fornece através do acto sexual.

“Just as I would not like someone to love me purely ethereally, without regards for my body and without any awareness of whether I am male or female, I also don't want to be loved only for my body” (May R. 1969, p.319)

LIMITAÇÕES E SUGESTÕES AO ESTUDO

Neste capítulo é feita uma reflexão sobre a metodologia empregue no estudo, a importância deste estudo para a comunidade, bem como as dificuldades encontradas ao longo do mesmo. Por fim farei algumas sugestões que poderão melhorar e aprofundar o conhecimento sobre as vivências relacionadas com a sexualidade.

Tal como referido no capítulo da metodologia, este estudo baseia-se numa análise qualitativa, que visa explorar a temática trazendo à luz vivências e significados através de uma análise de conteúdo baseada na análise temática tal como descreve Bardin (1977).

A escolha da metodologia utilizada deve-se ao facto de estarmos perante um tema que além de estar pouco explorado no existencialismo, é um tema que só através do explorar e aprofundar constante, permite a transmissão de conteúdos, vivências e significados interessantes para o desvelar do tema. Por se tratar de um assunto íntimo,

os entrevistados apresentavam algumas inibições iniciais, tendo dificuldade em transmitir as ideias. Ao ser feita uma análise individual das entrevistas e posterior análise de conteúdo, a escolha de uma entrevista aberta semi-estruturada, foi ganhando cada vez mais sentido, pois ao longo das entrevistas os entrevistados iam falando mais livremente sobre o assunto veiculando informações que seriam abordadas noutras questões. A dispersão de informação e as inibições de linguagem decorrentes do tema em si, foram as maiores dificuldades na análise das entrevistas e subsequentemente análise de conteúdo. No entanto a metodologia escolhida parece ser a mais indicada, para um estudo que visa explorar conteúdos e seus significados.

Este estudo tem como propósito ajudar os terapeutas e seus pacientes a reflectir sobre a área da sexualidade, dificuldades de desempenho ou empenho excessivo neste campo. Por se tratar de uma forma de comunicação com o outro, torna-se para os nossos dias um tema de extrema importância, é um gesto visível da relação subjectiva com o Outro.

Por se tratar de um tema intemporal, torna-se num assunto de grande importância para a sociedade, pois assenta no lado relacional que é o fundamento do Ser. Ao longo do trabalho é feito um paralelismo constante com vários autores que se complementam entre si, pois apresentam vertentes distintas do mesmo tema, complementando-o e enriquecendo-o.

Este estudo poderá ser melhorado e aprofundado aumentando o número de entrevistados e delimitando uma população a estudar. Uma sugestão que considero interessante num estudo futuro, é a aplicação deste estudo a populações com patologias específicas na área da sexualidade.

Dado existir pouca investigação sobre a sexualidade na área da fenomenologia e existencialismo, propunha a continuação desta investigação, pois penso ser de grande utilidade para criação de grupos terapêuticos relacionados as perturbações relacionais e sexuais. Uma outra sugestão de investigação, diz respeito à análise de um grupo sobre este mesmo tema. Por se tratar de uma temática que veicula uma enorme riqueza de conteúdos sociais, relacionais e individuais, poderá representar uma mais-valia para a psicoterapia.

CONCLUSÃO

Este trabalho dedicou-se ao estudo: “A Vivência da Sexualidade à Luz do Existencialismo”, para transmitir sucintamente as conclusões obtidas, decompôs-se o tema em várias questões, que apresento de seguida:

Representações da sexualidade: A forma como a sexualidade é vivida envolve uma grande componente física e equiparada em importância à componente pessoal e de auto-conhecimento, sendo dada primordial relevância à relação afectiva. A tónica é colocada, de modo igualmente distribuído, no prazer físico e no auto-conhecimento que remete para a individualidade, isto porque nem todos os sujeitos incluem as duas vertentes na sua vivência, uns referem a componente física e outros a introspectiva, no entanto todos referem o lado emocional como aspecto principal, é desta forma que é vivida a sexualidade, como o topo na relação com o Outro.

Os critérios de escolha de um parceiro sexual: Em conformidade com os resultados obtidos no que respeita à representação da sexualidade, conclui-se que a escolha de um parceiro sexual tem em vista o estabelecimento de uma relação com o Outro, um Outro que me transmite segurança, afectividade, desafio, um Outro que pretendo alcançar para mim e que me faz sentir bem no retorno que me dá.

Importância da sexualidade para o *dasein*: A importância atribuída encontra-se muito distribuída, no entanto esta é descrita maioritariamente como uma necessidade física e emocional. A importância da sexualidade depende da individualidade do Ser e das suas prioridades. Este ponto não foi muito conclusivo devido à dispersão das respostas dadas.

Experiências e sentimentos após o acto sexual: Estamos primeiramente perante vivências individuais de “preenchimento”, “calma” e bem-estar, é um encontro conosco que confere um elevado grau de satisfação individual que inclui a componente física aliada ao contacto com a nossa interioridade. No entanto, é também identificado como factor de elevada importância a “união”, a “partilha” e a “comunhão” com o Outro ao qual conferimos um significado, pois quando o Outro é mero objecto obtém-se como retorno o vazio.

Na relação entre os significados de sexo e de amor: Concluiu-se que são distintos um do outro e que se poderão ou não estar relacionados um com o outro. O modo como vivenciamos o amor e o nosso corpo, pode implicar diferentes atitudes no que respeita à união destes dois aspectos e por sua vez ao prazer que obtemos. Não

estamos perante uma relação linear. Os aspectos que relacionamos com o sexo caracterizam o Ser no Mundo que somos e o que nele procuramos naquele momento, por isso apresentamos diferentes motivações consoante o modo como vivemos o presente, o que dele esperamos e o que nele procuramos. A relação entre sexo e amor pertence a um estado de evolução pessoal que se atinge com a experiência.

Como me caracterizo e identifico a nível sexual: Com esta questão pretendia-se identificar os aspectos a que se dá maior relevância e desta forma conclui-se que o mais importante é o dar e receber, o que nos remete novamente para a importância da relação, da troca e da partilha. O facto de o outro receber o que lhe dou preenche-me, e ao receber constato que sou aceite. Estes aspectos valorizam a minha interioridade, o Ser no Mundo que sou, é o constatar que estou no Mundo e que ele me aceita. Surge como necessidade a aceitação do Outro e principalmente a minha própria aceitação.

REFERÊNCIAS

- Sartre, J. P. (1998). *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis: Editora Vozes. (Tradução do original em Francês *L'Être et le néant – essai d'ontologie e phénoménologique 1905-1980*).
- Schneider, D. R. (2002). *Novas Perspectivas para a Psicologia Clínica – um estudo a partir da obra “Saint Genet: comédien et martyr” de Jean-Paul Sartre*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Spinelli, E. (2004). *The Mirror and The Hammer: Challenges to therapeutic orthodoxy*. London: Sage Publications.
- Foucault, M. (1979). *A History of Sexuality Vol 1*: London, Allen Lane.
- Kovacs, G. (1993). *The personalistic understanding of the body and sexuality in Merleau-Ponty*, in Hoeller, K. (ed.) *Merleau-Ponty & Psychology*. New Jersey: Humanities Press.
- Cohn, H. (2005). *Existential thought and therapeutic practice: An introduction to existential psycho-therapy*. London: Sage Publications.
- Ponty, M. (1962). *Phenomenology of Perception*, trans. Colin Smith. London: Routledge & Kegan Paul.
- Marcel, G. (1925). *Être et Avoir*. Paris: Aubier.
- Schopenhauer, A. (2000). *Metafísica do Amor Metafísica da Morte*, tradução Jair Barbosa. São Paulo: Martins Fontes.

Wood, N. (1985). Foucault on the history of sexuality: an introduction. In Beechey, V. & Donald, J. (Eds.), *Subjectivity and Social Relations* (pp. 156-174). Philadelphia: Open University Press.

Madison, G. B. (1981). *Phenomenology of Merleau-Ponty*. Athens, OH: Ohio University Press.

Pickard, P. S. & Swynnerton, R. (2005). The Body and Sexuality. In Deurzen, E. V., & Baker, C. A. *Existential Perspectives on Human Issues – A Handbook for Therapeutic Practice*. New York: Palgrave Macmillan.

May, R. (1969). *Love and Will*. New York: W.W. Norton & Company.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70

Cohn, H. W. (2002). *Heidegger and the Roots of Existential Therapy*. London, New York: Continuum.

Giese & Gebsatel (1920). *Psico-patologia de la Sexualidad*. Madrid: Ediciones Morata.

Heaton, J. (2002). The Human Body is the Best Picture of the Human Soul. *Existential Analysis* 13.2, 309-330.

Letunovsky, V. (2004). Existential Therapy in Working with the body. *Existential Analysis*, 15.2, 307-332.

ANEXOS

ANEXO I – ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Indivíduo do sexo feminino, 40 anos de idade

Entrevistador: O que é que o sexo representa na tua vida?

Entrevistado: Para responder a isso tenho que considerar três mulheres diferentes que formam a que sou. A primeira mulher que foi casada obediente e submissa mas que gostava muito de fazer amor com o seu marido, mas por ter casado virgem pensava sempre como seria estar com outro homem, depois temos a mulher que tem necessidade de se vingar e aí a força dela seria seduzir, vingar e deitar fora e depois tens a mulher que assume a sua sexualidade e pensa que o sexo faz tão parte da minha vida como respirar, comer, trabalhar... seja o que for, e é importante como tal, dentro do seu contexto, apesar de achar que o sexo está presente em tudo na nossa vida e em tudo o que fazemos, a vida é um jogo de sedução do princípio ao fim.

Entrevistador: O que é para ti viver com aquelas três mulheres que te constituem. Queres explicar-me melhor.

Entrevistado: Eu sempre senti o sexo de uma forma muito viva, que tinha direito a ter tanto prazer, a pedir tanto ou dizer tantas vezes não como ele, seja lá a pessoa que estivesse comigo, embora nunca tivesse tanta força para o fazer. Pensando se sempre vivi o sexo da mesma forma, ..., acho que não, digamos que fui amadurecendo, fui conquistando a minha sexualidade, a minha auto-confiança e o meu direito.

Entrevistador: Com quem é que neste momento para ti faz sentido praticar sexo?

Entrevistado: Vou ter que separar outra vez as duas pessoas dentro de mim, vou por de parte a pessoa casada que já não existe mas que se somou a que sou hoje mas

à qual individualmente já não me identifico em nada, até de nome próprio mudei para contar com aquela pessoa que fui, passei a ser tratada pelo meu segundo nome.

Com quem faço amor ou sexo são sempre pessoas conhecidas, pelas quais tenho que sentir algum interesse, tem que haver alguma coisa que me dê tesão e me faça querer ir mais fundo, quero ver como é que ele é. Segundo, tem de ser uma pessoa intelectualmente estimulante, que me dê pica e me desafie e nem sempre é com o mesmo, cada pessoa dá-me um estímulo diferente, eu acho que a mulher é um diamante multifacetado e como tal tem de levar polimento de todas as partes, há um homem que me dá mais tesão, há outro que me dá um momento mais espiritual e que me leva mais além do que pensava, mas sou eu quem escolhe e é só como quero e quando quero.

Entrevistador: Estás a querer dizer que nunca escolhes uma pessoa só pelo lado físico?

Entrevistado: Sem dúvida que não, eu quero sexo não por um corpo mas pela alma, por tudo o que transcende o que está à vista. Já fiz sexo com um estranho mas não me deu prazer nenhum, tanto que parei a meio e mandei-o embora porque não estava a funcionar. Procuo no sexo também o antes o durante e o depois, não é só o prazer imediato, é quase como ver no outro o que eu sinto, e não me sinto realizada se o outro não me mostra o que sinto, o que ele espelha de mim. Costumo por vezes perguntar como é estar dentro de mim, tenho essa curiosidade e gosto de ouvir a resposta.

Entrevistador: Qual é a importância que a sexualidade tem na tua vida, de uma forma geral, em várias áreas e contextos?

Entrevistado: Eu preciso de sexo, sinto fisicamente e emocionalmente quando estou a precisar de estar com alguém, porque não é só o corpo, é o contacto, é a sensação de que estou viva e é importante para mim, é importante!...claro que é!...porque é assim...as vezes até em conversas digo, estou a precisar de uma “queca”! E quanto melhor for a noite de amor, melhor é o meu dia a seguir, melhor ando durante uns dias, melhor estou, lá está a questão do diamante, estando polido de um lado e não do outro o diamante não brilha e o sexo é um desses lados, também tenho o trabalho, as amizades... mas sem sexo há um buraco no telhado.

Entrevistador: Quais são as sensações e a experiência sentida e vivida após o acto sexual?

Entrevistado: “After-glow”, com cada pessoa é diferente, neste momento tenho três pessoas o Paulo o João e o David, a sensação com o Paulo é uma coisa quase espiritual, se com o João eu estou 2h e depois eu quero vestir-me e ir embora, não consigo dormir com ele apesar de gostar de estar com ele e de me estimular bastante, gosto de conversar com ele mas acabou acabou! Foi maravilhoso, mas fica a sensação de olhar para ele e dizer és maravilhoso mas eu agora quero ir para casa. Com o Paulo...”xiiiiiiiiiiiiiiiiiiii”! mal ele entra eu já estou a ter um orgasmo, nunca tive tantos orgasmos seguidos e tão prolongados como com este homem, ele tem uma técnica de fazer amor e há uma ligação espiritual com ele que nem sei explicar é quase como se saísse de mim e ele também saísse dele próprio. Eu no Paulo vejo o espelho e com o Paulo depois de fazer amor sinto-me preenchida, sinto-me calma, sinto-me quentinha por dentro, sinto que sim está bem, sinto que estou bem. É isto que procuro num homem quando faço amor e ele vai embora e fica sempre a vontade de mais, a pontos de dizer...para que eu vou desmaiar! Mas mais um bocadinho também não fazia mal nenhum, fica a vontade de repetir. Mas com todos os homens com quem estou há uma coisa que predomina sempre, é como eu quero, quando quero e do modo que eu quero. Gosto de ditar as regras, sem eles darem por isso é faze-los sentir que estão a caçar mas os caçados são eles. Eles pensão que possuem uma mulher mas fisicamente quem os possui é a mulher, somos nós que os temos dentro de nós, nós é que mandamos, apesar de já me ter deixado levar e quando dei conta era eu a seduzida, mas geralmente sou eu que dito as regras.

Com o David a sensação é como que... (silêncio) com ele não é tão intenso a nível físico, mas o David deixa-me um mar calmo, como se fosse tudo azul e eu estivesse mergulhada na água, sem medo, não preciso de seduzir nem ser seduzida pois não há medo, é das pessoas mais calmas e mais simples com quem eu fiz amor e nestes 6/7 anos de separação a pessoa a quem mais fui fiel. Tive sempre namorados, tive sempre amantes, ao David só trai duas vezes, para uns é muito, para mim é pouco, é um record, fiz só porque estava a precisar de me sentir mulher de sentir o que se sente no sexo. Porque é que eu por ser mulher não posso viver isto e o homem pode? Não gosto de uma sociedade que me diz se está certo ou errado eu fazer amor, eu faço quando quero e quando preciso de ter, eu quando tenho fome também como só se não tiver, e

sorte a minha que costumo ter sempre, mas nunca fiz por dinheiro ou por favor nenhum, mas já fiz para fazer um favor ao outro, como quando tirei os “3” a um padre, fiz porque ele queria e eu queria ser a primeira mulher daquele homem porque ele era especial e eu mostrei-lhe como se faz tudo.

Entrevistador: Toda esta necessidade de dominar e comandar sentes que poderá ser uma consequência de no passado teres sido mais subjugada e comandada ou sempre assim foste?

Entrevistado: É isso mesmo, sinto como... agora é a minha vez! Porque eu fui enganada, corneada, agredida, fui roubada de quem eu era, eu dei de mim, construí a minha vida à volta de um homem e desmoronou-se tudo num dia, e eu achei que se ele pode porque é que eu não posso? Porque é que não posso ser eu a dar as cartas? E feri muita gente, magoei muito homem, destruí muitas hipóteses de ser feliz, mas voltaria a fazer tudo de novo porque eu precisava de me sarar, se o sexo foi uma desculpa, não sei, mas foi o sexo e o trabalho, daí que a minha relação sexo trabalho é muito ligada, já me disseram que sou muito sexual no meu trabalho, eu vou muito por impulsos, eu tenho que ter um motivo de ir atrás de, e se no trabalho vou consoante o impulso que me dá, no sexo também já o fiz, vou porque quero, o ar é meu e eu respiro porque quero! Mas já passei dessa fase e neste momento vou porque vou e porque tenho um relacionamento com uma pessoa que está fora, sei que é com ele que quero estar e não o troco por nada, mas quando preciso de ver o meu “espelho” vou...

Falando também no padre, que foi meu aluno mas que deixou de ter aulas comigo porque diz que tinha de ir ao confessionário cada vez que lá ia e era complicado tê-lo à minha frente na aula, houve sempre um jogo de sedução entre eu e ele, mas enquanto fui sua professora afastei, conversei com ele varias vezes e não aconteceu nada porque eu escolhi que não, achei que não estava certo, achei... vindo de mim pode parecer engraçado dizer que não achava moral, correcto, não por causa da igreja, porque estou-me a cagar para a igreja e as suas regras que trata as pessoas como capadas, como carneiros que estão dentro de um redil e que se estão fora vão para o inferno, mas porque acho que poderia interferir com a escolha dele. A partir do momento que saiu do seminário e ficou livre, as coisas aconteceram, ele veio ter comigo, falou comigo, disse que ainda era virgem e queria ser homem nas minhas mãos e eu preparei-lhe uma noite linda que ele não vai esquecer mais, aconteceu uma primeira noite, estava muito

complicado para o lado dele... eu dei-lhe o espaço que ele precisava e depois aconteceu mais duas vezes, estivemos juntos mais duas vezes, da segunda vez já foi mais ele a jogar e da terceira vez deixei-o pensar que estava ele a jogar, mas fez como eu queria, porque fui eu que o ensinei... (Risos) foi lindo, foi a experiência sexual mais... sempre tive esta fantasia de ser a primeira mulher de um homem, pois a primeira experiência fica sempre, mas gostava que isso acontecesse com um homem especial e ele foi e ficou um carinho muito grande entre nós, eu fiz tudo para que ele tivesse uma noite maravilhosa mas não foi só por isso, ele também me atraía fisicamente.

Entrevistador: Como é que te caracterizas a nível sexual? O que é que para ti faz mais sentido no sexo? O que preferes, como é que te sentes melhor e o que é que tem mais importância para ti?

Entrevistado: Fisicamente tenho que me sentir correspondida e que correspondo, não quero que seja só ele bom para mim mas também quero ser boa para ele e quando digo boa, não é boazuda! Falo em boa... sensações, falo naquele mar que se sente, no brilho no descanso, em tudo isso. Para mim também é muito importante que eu faça só aquilo que eu gosto porque tenho esse direito, não faço fretes nem finjo orgasmos, acho que já passei essa fase, não tenho que fingir, para mim é tão importante que eu saia bem tanto como quero que a outra pessoa saia e caracterizo-me talvez não como uma pseudo-dominante porque essa é aquela que pensa que domina mas não domina, mas sou mais aquela que domina mas não dá a entender que domina e claro que de vez em quando gosto de deixar que as coisas sejam levadas por ele. Mas caracterizo-me mais como a que dá as cartas, sou eu que jogo, ele até pode ter uma boa cartada que eu acabo por ir ter com ele e penso, hoje não vou cair na cama com ele mas acabo por cair, mas quando estou sou eu que dou as cartas, talvez aí seja mais líder que liderada. Falando num plano mais prático, as vezes sou gata outras vezes sou leoa, gosto de brincar com estas duas partes, se por um lado gosto de ser eu a comandar e dizer vira-te se for preciso, por outro também gosto de me deixar levar, porque eu não preciso de ser sempre forte, eu no dia-a-dia tenho que ser sempre forte, no trabalho tenho que ser forte, tenho que ter aquele impulso e ir atrás e preciso de... toda a gente me vê como uma mulher forte e muitos dos homens com quem já fiz amor imaginavam-me aquela leoa e de repente encontram aquela gatinha e ficam completamente derretidos, eu tanto sou uma rocha contra a qual eles batem e as vezes até têm medo, como sou aquela

substância molinha que se molda a eles, gosto do factor surpresa, se há dias que passo logo à acção outros levo muito tempo até permitir que cheguem onde querem porque estou a gostar de ver, tipo hoje fazes tu o trabalho que eu estou de folga. Mas não permito que me dominem, uma vez disse a um homem enquanto ele estava em cima de mim: “Tu nunca me vais dominar! A minha mente tu nunca vais dobrar!” Não quero nunca que eles sintam esse poder, nunca!

Para mim sexo é poder, é uma arma que eu tenho contra eles ou com eles ou através deles, tanto arma que protege como para atacar, uso o sexo para me defender, para me revestir de força, como para atacar, para arrasar um homem arraso com ele na cama! Sexo é poder, sexo é prazer, sexo é amor...

Por amor, faço qualquer coisa pelo meu homem, de lhe satisfazer qualquer fantasia, já o fiz, estava casada há um ano e meio e uma das fantasias do meu marido, que era um homem poderoso e falava em público muitas vezes era que lhe fizessem um *broche* em público sem que ninguém soubesse. Um dia sabia que ele tinha uma reunião importante na Câmara Municipal e ele era um dos oradores principais, consegui entrar na sala antes tinha uma mesa redonda com uma toalha vermelha e com um arranjo de flores com rosa brancas e vermelhas. Eu escondi-me debaixo da mesa e depois as pessoas chegaram e eu pensei, vou fazer isto por ele, porque o amo e quero que ele viva isto, ele começou a falar, eu tinha uma rosa comigo e comecei a desapertar-lhe as calças, ele começou a gaguejar, pediu licença para não se levantar porque não se estava a sentir bem e eu fiz-lhe um *broche*, ele teve de interromper o discurso, no fim pus-lhe uma pétala de rosa dentro das calças. A reunião acabou, todos saíram e eu também fui para casa e cheguei antes dele, só passados três meses ele me disse o que tinha acontecido menos o detalhe da pétala e eu aí perguntei-lhe pela pétala que lhe tinha posto dentro das calças. Por amor também já fiz sexo com mais do que uma pessoa, para mim sexo não é só poder, também é dar de mim, não consigo fazer amor sem me entregar.

Entrevistador: Para ti qual é a correlação entre sexo e amor?

Entrevistado: Não tem que haver amor, pode haver paixão, tesão, pica, desafio. Consigo dividir se estou a fazer por amor, por ele ou por mim. Se tiver que abdicar do meu prazer para ver a pessoa que amo bem faço. Já fiz amor por raiva, por pena, por

amor, por vingança, para dizer: -Toma isto é o que nunca vais ter! Isto faz de mim mulher sem vergonha para dizer isto!

Já fiz sexo com dois homens e com uma mulher e um homem e prefiro com outra mulher, porque as mulheres têm o mapa do prazer e os homens não, somos nós que temos de lhes mostrar, eles não sentem como nós, são poucos os homens que têm esse mapa.

Entrevistador: Achas que os homens tiram mais para si do que dão?

Entrevistado: Não eles até se esforçam bastante, eles não sabem é como. Eu até acredito que eles dão muito no sentido de querer dar mais do que receber, ele quer ser macho, ele quer ser a *foda* da tua vida e com isso atrapalham-se. Uma vez um homem disse-me isso, para mim nunca o foi porque empenhava força e não sentimento, inteligência, sensibilidade, não empenhava saber. O sexo é como tudo na vida, tu tens que saber o que estás a dizer, conhecer toda a verdade mas não contá-la sempre. Não tenho que dar tudo de mim mas tenho que me conhecer completamente para saber o que estou a dar e como quero dar.

Mas o sexo tem várias formas, e aí entra a masturbação. O sexo não é só poder também é direito, se estou com um homem e ele não me deu prazer sou capaz de me masturbar à frente dele, com ele, por ele e até contra ele se o quiser deitar a baixo, porque tenho direito a mais, porque nada seria mais frustrante para mim do que um homem se masturbar após o sexo comigo, porque havia de lhe fazer um *broche* até desmaiar, nem que fosse por castigo, o homem comigo tem de tremer desde que me toca até que se vai embora! (Silêncio)

A pessoa que sou na cama é a pessoa que sou no dia-a-dia, vivo a minha vida como uma paixão sexual! Quando estou na cama com um homem é uma mulher que lá está e isso eu gostava de dizer a todas as mulheres que se preocupam com o cabelo, depilação, mamas grandes, cu rijo, não é isso que eles se preocupam, eles querem é uma mulher viva e forte é disso que eles bebem, eles não gostam quando a mulher não possui mas se deixa possuir, entrega não é deixar fazer é dar. Sexo é vida!

Porque é que a sociedade diz que é errado ter muitos parceiros? Não tenho que me cingir pelas regras de ninguém, quem o faz não vive é burro!

Já fiz tudo o que queria, mas primeiro tive de me despir de quem fui vestida, tive de lutar pela minha identidade. Quem me ouve julga que sou uma leviana mas não é assim, pura e simplesmente exijo ter a qualidade que mereço e quero.

Amor é sentir o melhor que o outro traz em nós e sexo é sentir a força que o outro traz em nós. Quando faço amor quero que me vejam, que sou forte mas também sou frágil. Fazer amor é como fazer um ninho no meio de uma tempestade é fazer do nosso medo de morrer, nos braços dele emocionalmente, fisicamente, psicologicamente, a nossa força de viver!

ENTREVISTA 2

Individuo do sexo feminino, 35 anos de idade

Entrevistador: O que é que o sexo representa na tua vida?

Entrevistado: Para mim representa um momento íntimo entre duas pessoas que se gostam, só!... (silêncio) ... Para mim não é bem sexo, tanto que não gosto desse nome, para mim é mais fazer amor, sexo parece-me algo frio, porque eu só consigo estar com alguém que eu goste e que goste de mim, claro! Não consigo estar com alguém com quem não haja partilha, não pode ser só para atingir o prazer, é partilhar um com o outro...é entregarem-se um ao outro, darem prazer um ao outro, é partilhar os sentimentos e o prazer, pensar também no outro. Para mim só faz sentido se estiver com alguém que eu goste, porque não é só chegar ali e atingir o orgasmo e sentir prazer, é o antes, o momento do orgasmo e depois, o carinho, o estar juntos também é muito importante e só faz sentido com quem gosto, acho que isto faz parte da relação, pois sentem-se coisas muito boas que é uma complementaridade de tudo o resto, de toda a relação.

Entrevistador: Para ti o sexo só num plano físico não faz sentido?

Entrevistado: Não porque desse modo seria um acto mecânico, um acto frio, só para sentir prazer físico, então e depois? Ficava um vazio, não saber nada daquela pessoa, não se partilhar nada, não partilhar gostos, isso para mim é usar a outra pessoa para ter prazer, quando assim é as pessoas usam-se uma à outra, é um acto mecânico, isso para mim é igual a usar um vibrador, ou masturbarem-se, vai parar ao mesmo!

Entrevistador: Então e conseguias ter prazer sexual com uma pessoa com quem não estivesses emocionalmente envolvida?

Entrevistado: Não, nunca consegui! As pessoas com quem tive relações sexuais, foram sempre pessoas de quem gostava, não sei se todas gostavam de mim, apesar de na altura achar que sim, mas eu tinha que sentir tanto a nível físico como a nível emocional, vontade de a conhecer melhor, tinha que ter estas duas coisas e para

mim são inseparáveis. Podia gostar muito como pessoa mas tinha que sentir também atracção física senão não conseguia! Dá-me asco, sinto nojo! Não havendo nada que me de esse *click* físico também não dá!

Para mim só faz sentido uma atracção física se me interessar pela pessoa, tenho que ter as duas coisas senão não faz sentido e normalmente só me sinto atraída fisicamente também quando a pessoa me desperta a atenção e em faz ter vontade de a conhecer melhor. Talvez por este motivo quando conheço alguém que me interessa, gosto de a conhecer primeiro e depois passo para o plano físico, apesar de as vezes até ter vontade de avançar não o faço, porque não quero transmitir a ideia de que é sexo pelo sexo, algo pelo prazer e nada mais. Gosto de provocar e estimular esse desejo também no outro, mas dando sempre a ideia de que quero sempre uma relação com a pessoa. Aconteceu-me isso com o meu actual namorado que é uma pessoa que no seu passado tinha relações mais pontuais e num plano só físico, Como no inicio não aproveitei os avanços físicos ele percebeu o meu modo de estar e pensar e o que pretendia. Mas claro que chegou uma altura que a vontade física se sobrepõem e então tenho a atitude e avanço, mas mesmo depois de avançar para um contacto mais físico não consigo logo passar para o plano sexual e ter logo relações sexuais, eu não consigo, ou tenho tudo ou nada! Eu tenho sexo com alguém que partilha uma relação e um sentimento comigo ou então prefiro não ter.

Entrevistador: Qual é a importância e o peso do sexo na tua vida?

Entrevistado: Sexo não é o mais importante, mas faz parte e se não faço fico chateada, sei que sou mais activa que o meu parceiro, mas tem importância no contexto que atrás referi, gosto de estar com ele de outras formas, mas sinto falta e necessidade de praticar sexo, porque me sinto mais próxima dele e quando não acontece eu refiro-lhe que há já não sei quantos dias que não temos nada, porque também sinto falta, necessidade de contacto, porque quando faço amor sinto coisas que não sinto quando estou sem fazer. Eu então com o meu namorado sinto uma partilha e uma comunhão muito grande parece que temos uma só pele, nem sei explicar muito bem, porque com ele é diferente, com os outros homens ao sentir o membro deles é claro que me dava prazer mas com o meu actual namorado parece que o sinto todo, cada centímetro, existe uma grande ligação com ele e isso é muito bom é mais intenso até o orgasmo é muito

mais intenso, até o facto de nos darmos muito bem isso transparece depois para o contacto mais sexual.

Entrevistador: Quais são as sensações e experiências que sentes após o acto sexual?

Entrevistado: Bem...o após é muito bom, sinto-me tranquila muito mais calma e em paz. Depois mesmo do acto sexual para me sentir bem e completa preciso de me abraçar e ficar assim uns minutos com o meu namorado. A sensação de leveza torna o que acabou de acontecer muito especial, tenho a sensação de estar a ter, de alguma forma, a confirmação de que aquela pessoa com quem estou, é a pessoa certa para mim...alma gémea!

Às vezes penso que gostaria de sentir aquela sensação até ser velhinha e como seria sentir-me assim nessa altura...

Entrevistador: Para ti qual é a correlação entre sexo e amor?

Entrevistado: Para mim, o sexo só existe com amor!...isto é como eu sinto as coisas, sei que não são a mesma coisa, mas para mim a parte física não tem significado sem amor. Para mim uma só existe com a outra, ou seja, é como se fossem as duas faces de uma mesma moeda, uma não existe plenamente sem a outra, acho que se completam. O sexo só pelo lado físico não me satisfaz, ..., já o fiz uma vez e depois fica uma sensação de vazio que não me agrada, não me sinto muito bem.

Entrevistador: Como é que te caracterizas a nível sexual?

Entrevistado: Sou a nível sexual como o sou pessoalmente, sou uma pessoa activa e aí sou também, se eu tenho vontade eu digo, mostro, demonstro, mas sou clara e mais activa, acho que as vezes sou um bocadinho assanhada, mas não gosto de dominar, sou activa no aspecto de procurar, de ter vontade e mostrar isso, mas não gosto nem de dominar nem de ser dominada, é partilhar, ele é mais passivo nesse aspecto, mas eu não deixo passar muito tempo sem ter relações, não é que faça todos os dias mas...

Entrevistador: Para ti é muito importante?

Entrevistado: É importante não pelo facto de atingirmos o orgasmo, é pelo facto de me sentir mais próxima dele de sentir a ligação da pele dele com a minha, é uma coisa que não sei explicar, mas sinto imensa falta de estar juntinha a ele de estar mais próxima dele, quando estamos alguns dias sem fazer amor, eu sinto falta, é como se nos estivéssemos a afastar, como se houvesse um afastamento. Eu já lhe tenho dito, eu estou a sentir falta, sinto que nos afastamos, eu por muito cansada que esteja arranjo energia sempre para isso, porque depois de estar com ele recarrega-me as baterias, mesmo que esteja muito cansada e não atinja o orgasmo, mas só o contacto físico já me faz sentir muito melhor e parece que me sai um peso de cima, sinto-me melhor na minha relação com ele, não é o mais importante mas é importante, mais importante é entendermo-nos, a cumplicidade, gostarmos de estar um com o outro, mas é importante, faz falta, para de vez em quando nos lembrarmos do que sentimos um pelo outro que é forte.

Às vezes quando estamos com amigos e não estamos sozinhos os dois, eu sinto falta disso, do contacto físico, porque aproxima-me dele, mas só o contacto, as carícias já é muito bom, no entanto há alturas em que sinto mesmo necessidade de fazer amor.

ENTREVISTA 3

Indivíduo do sexo feminino, 33 anos de idade

Entrevistador: O que é que o sexo representa para si na sua vida?

Entrevistado: Acho que o sexo é algo físico que mexe com os nossos instintos mais primários com o nosso corpo todo a nível químico e biológico... é algo de que sinto o apelo e a necessidade, mesmo algo carnal, algo que mexe com as nossas entranhas e com o que há de mais profundo em nós ... de uma forma inexplicável e incontrolável. Acho que é o ponto em que somos mais parecidos com os animais irracionais... (silêncio) ...Eu gosto de sexo, preciso e sinto necessidade de sexo. A importância do sexo enquanto sexo para mim é baixa, isto porque não faço sexo só pelo lado físico, ou seja, o sexo é um acto físico mas que pode ter muitos objectivos e pode ser feito de variadíssimas formas, não se confunda sexo e amor!!!! Uma coisa não implica a outra.

O sexo, para mim, só faz sentido ser praticado com uma pessoa de quem gosto, com quem quero estabelecer uma relação ou com quem já partilho uma relação amorosa, isto porque... não me sinto à vontade para ter sexo com um estranho, não me sinto solta, não me sinto bem, não tenho prazer algum, aliás nem vontade tenho, até mesmo no início de um relacionamento não tenho prazer só quando tenho mais confiança com a pessoa e sinto que me posso revelar e ser eu, então aí começo a ter orgasmos, porque de início até posso gostar mas não consigo ter um orgasmo. E é engraçado porque o homem pode ser muito bom na cama mas se não me sinto solta confiante pronto! Não sinto nada e chega mesmo a ser um frete! Houve uma situação passada que nunca consegui ter um orgasmo, era um homem mais velho e com uma postura que me fazia sentir diminuída, era uma pessoa poderosa e socialmente e economicamente. Bem, resumindo e baralhando, como eu costumo dizer, o sexo é algo muito bom que sinto falta e necessidade física mesmo! Chego a ter vontades... assim vindas do nada e sou sincera, normalmente isso acontece-me quando estou sozinha e aí masturbo-me, eu gosto de o fazer e tenho muito mais prazer assim do que com uma pessoa com quem não me sinto à vontade, sexo com estranhos não obrigada! Mas acho que é algo muito importante numa relação amorosa, fundamental mesmo! Quando o sexo não funciona num casal parece que mais facilmente a relação descamba, enquanto que quando o sexo é bom entre um casal isso equilibra muito a relação. Houve e há alturas na minha vida

em que quase não tenho desejo porque não ando bem comigo, mas há sempre aquela altura do mês em que as hormonas falam mais alto...(Risos)... temos um corpo que é vivo e também fala.

Entrevistador: Com quem é que neste momento para si faz sentido praticar sexo?

Entrevistado: Eu neste momento tenho um namorado e para mim faz-me todo o sentido praticar sexo com ele, alias eu prefiro denominar tal de fazer amor. De qualquer maneira eu só faço amor com pessoas de quem gosto e com quem tenho uma relação, sexo só pelo prazer físico não faço, para isso prefiro masturbar-me, dá-me muito mais prazer, estou muito mais descontraída e relaxada. Não sou o tipo de pessoa de trair só para ter sexo, alias das poucas vezes que o fiz no passado foi por vingança ou para tentar apagar o que sentia por outra pessoa e infelizmente percebi que há coisas que não se apagam dessa forma. Quando era adolescente trai por não gostar da pessoa com quem estava e só depois de tal acto é que consegui por um ponto final na relação.

Bem, acho que o sexo faz sentido ser praticado para termos prazer e nos sentirmos bem fisicamente e psicologicamente e para se verificarem as duas tenho de o fazer com quem me faz sentir bem, e certamente que um estranho que não me diz nada como pessoa não o consegue.

Entrevistador: Qual é a importância da sexualidade no resto da sua vida noutras áreas e contextos?

Entrevistado: Quando a minha vida sexual anda bem normalmente é um reflexo do meu bem-estar pessoal, social e profissional. Eu para estar bem existem várias coisas que necessito e o sexo também é uma delas mas não tem mais importância que outra coisa qualquer. Acho que a minha sexualidade é mais o reflexo do meu bem-estar, do que a causa. Eu quando não estou bem enquanto pessoa, não tenho tanto desejo sexual, as vezes até me esqueço que sou um ser sexuado! Mas é inegável que o sexo produz em mim uma descarga que me deixa mais liberta, mais relaxada, menos tensa, mas não acho que me afecte ou interfira especialmente na minha vida de forma geral, eu não sou diferente se tenho muito ou pouco sexo, se tenho bom ou mau sexo. Interfere mais comigo condicionantes emocionais e afectivas, instabilidades profissionais, problemas

familiares do que isso, posso mesmo dizer que o sexo comparando com estas questões chega a ser insignificante.

Entrevistador: O que é que sente e experiencia após o acto sexual?

Entrevistado: Após uma relação sexual eu sinto como me tendo esvaziado por completo é uma sensação de libertação de tensões de energias de tudo, depois fica uma sensação de cansaço mas muito boa muito tranquilizante. Eu gosto de me abraçar ao meu companheiro e de adormecer nos seus braços. Sinto uma partilha entre os dois, um carinho, um aconchego muito bom!... para mim é a demonstração prática de que alguém faz parte de mim e está comigo é na pratica sentir a comunhão o dar-me e o receber do outro é uma troca de algo físico que para mim simboliza uma troca de sentimentos. Quando não amo essa pessoa é ai que começo a sentir primeiro, porque o acto continua a ser prazeroso mas menos intenso emocionalmente, com menos significado, e apesar de ser muito bom fisicamente e de ser com uma pessoa que já conheço muito bem torna-se menos gratificante e começo a ter menos desejo de estar com a pessoa, apesar de me continuar a masturbar.

Acho que após o acto sexual pode ser tão bom, tão reconfortante, pois abre-se ali um espaço inigualável de carinho de partilha de contacto de união, ficar quieta só a sentir a outra pessoa, a sua pele o seu toque. É como se esvaziasse a minhas baterias e as pudesse recarregar.

Entrevistador: Para si qual é a correlação entre sexo e amor?

Entrevistado: A correlação, para mim é muito grande. Sexo e amor não é a mesma coisa, um pode existir sem o outro, sexo é corpo é físico! Amor é sentimento é algo não corpóreo! Agora para mim só faz sentido praticar sexo não só quando existe amor mas também quando existe atracção física e paixão!

Entrevistador: Mas já passou por situações dessas?

Entrevistado: Por já ter passado é que tenho este ponto de vista, já fui casada durante 7 anos e ai fazia amor, amava verdadeiramente a pessoa e aquilo que sentia preenchia-me em todos os aspectos fisicamente e principalmente emocionalmente, mas também já

passsei pelas outras situações e ai não me satisfaz tanto. A pessoa que sou hoje quer mais quer algo completo e porquê fazer algo vazio para a qual não tenho paciência e que não me completa. São opções e eu optei por ter algo que me satisfaz plenamente não tenho paciência para coisas que não me preenchem, dão trabalho demais para o prazer tão escasso que me dão. Até o sexo tem de ser desafiante em algo tem de ser mais que o obvio, não sou uma máquina e recuso-me a selo. Um homem com quem tenho relações sexuais tem de ser mais do que um corpo, já lá vai o tempo... mas a isso chamo crescimento e evolução, ..., é maturidade. Não sei se quero voltar a amar perdidamente como amei, mas quero sentir-me amada, desejada ... mulher! Porque não ter aquilo que tenho agora...um homem mais novo que me ama, deseja, e me faz sentir mulher e que me faz desejá-lo quere-lo ao meu lado, sentir o carinho a adoração, a atenção, eu quero isso tudo e isso faz-me sentir mais completa. Recuso-me a sentir um objecto sexual, nem quero usar ninguém, só quero ser e fazer alguém feliz. Já sofri muito por amor e apesar de já ter feito sexo vazio, na minha adolescência, isso não me satisfez muito menos agora, sei que é uma realidade mas eu não a quero para mim... *Para pouca saúde mais vale nenhuma...*(risos) para algo medíocre prefiro não ter, ou melhor prefiro dar prazer a mim própria, já diz o Woody Allen que a masturbação é sexo com uma pessoa que realmente amamos... (risos). Qualidade acima de tudo e para mim a qualidade e sexo com carinho com atenção e preocupação pelo outro é dar e receber prazer!

Entrevistador: Como é que se caracteriza a nível sexual, o que é que para si faz sentido, o que é que prefere, como se sente melhor e o que é que tem mais importância para si numa relação sexual?

Entrevistado: Bem eu gosto de sentir todo o prazer que tenho direito, não tenho nenhum fetiche especial nem coisas que dêem muito trabalho, mas tenho as minhas fantasias algumas um bocado animais... (risos) mas acho que é melhor não passarem para a realidade, não sei se tinha coragem para as fazer. Por acaso até gosto de ser dominada, ..., tem graça que como pessoa detesto ser submissa, acho que é a minha necessidade de protecção que tenho e que detesto mostrar. Depois de ter confiança sou desinibida digo o que gosto, como gosto e não tenho vergonha, gosto de ver um homem fazer o que gosto e como gosto, com um estranho sou uma atadinha, tenho vergonha de ser mal julgada e por isso não me dá prazer.

Gosto de mostrar o meu lado mais sensual, liberto a leoa que há em mim e também gosto de dar, de fazer o papel da rendida de frágil da feminina... nem acredito que estou a dizer estas coisas! Também gosto de me sentir a melhor, gosto de ver um homem louco por mim mesmo a perder o controle da situação, é aí que a frágil tem o poder, é aí que sou o 8 e o 80, o anjo e o diabo!

Tudo isto numa relação é ótimo, alimenta, faz crescer a união dá muita estabilidade. Gosto de sexo com sentimento, com alguém de quem gosto, isso sim dá prazer a dobrar, não quero miúdos parvos, supérfluos e que só olham para os seus belos músculos e se acham o máximo, egoístas e tão vazios que acho que não têm nada para me dar e se não me dão tudo o que tenho direito para mim não valem nada. Não tenho paciência. Eu dou de mim, mas tenho de receber na mesma moeda, para mim no amor e no sexo não vale o dar sem receber!

Em traços gerais acho que é isto que sou, afinal só quero juntar o útil ao agradável.

ENTREVISTA 4

Indivíduo do sexo masculino, 30 anos de idade

Entrevistador: O que é que o sexo representa para si na sua vida?

Entrevistado: Em primeiro lugar associo muito a sexualidade aos meus sentimentos, há pessoas que separam um pouco isso, eu não, sou mais sentimental, se estiver chateado, aborrecido com a outra pessoa fecho-me mais e não tenho muita vontade. É claro que costuma-se dizer que em vez de ir para a guerra fazer sexo... *make love not war* e resolve muitos problemas as vezes, porque uma pessoa descarrega muitas coisas negativas, mas se eu tiver no geral meio chateado ou menos bem disposto, prefiro estar no meu canto e deixar que os problemas passem, é mais um peso na consciência, não estou bem comigo mesmo, prefiro estar no meu canto e depois conversar com as pessoas e resolver as coisas.

Numa situação dita normal não faço qualquer tipo de planos, quando, como, onde, acontece... é mais uma forma de carinho!

Entrevistador: Para si o lado sexual está sempre associado a alguém por quem tem um sentimento?

Entrevistado: Exacto, há quem faça para satisfazer uma necessidade, eu não, porque não me associo a esse tipo de vida, sou muito sentimental e para mim não faz sentido hoje com uma e amanhã com outra. Se conheço uma pessoa, pode acontecer, mas vou estabelecendo uma relação com a pessoa e aí deixo de ser objecto. Diz-me muito o ser da pessoa e daí fazer sempre sentido o sentimento. Sexo como uma necessidade física como a sede, não faz sentido na minha vida.

Entrevistador: Com quem lhe faz sentido praticar sexo?

Entrevistado: Com a minha companheira, com quem estou e por quem tenho um sentimento. Apesar de neste momento estar um pouco aborrecido com ela, continuo a gostar dela e a nossa vida continua na mesma, já não há tabus, por exemplo quando saio de uma relação e começo outra as primeiras vezes que isso acontece não é bom, eu

pelo menos não considero bom, não conheço a pessoa não sei como se sente, como quer que a faça sentir. Para mim as coisas é...conhecendo as pessoas, dai com um estranho passa a ser sexo por assim ser, ou seja, eu não conheço esta pessoa, sei apenas nome, idade, o que faz na vida e pouco mais sei dos sentimentos e por isso torna-se um pouco constrangedor, pois não sei como a satisfazer. Até eu próprio me sinto inibido, por isso lá está, para mim faz sentido ter relações com uma pessoa quando a conheço e sei como as coisas se desenrolam, tudo dentro desse contexto.

Entrevistador: Que importância tem o sexo no resto da sua vida, noutras áreas e contextos, como a sexualidade é vivida e reflectida, ou seja, como sente que a sexualidade trespassa para o resto da sua vida?

Entrevistado: Não reflecte. Tendo uma parceira, uma pessoa com quem vivo todos os dias, as coisas flúem com naturalidade, logo não tenho qualquer tipo de necessidade. Não tendo uma parceira, gosto mais de dedicar mais tempo à minha vida, pois acho que algo está errado nela, se não tenho ninguém é porque estou numa fase de transição, e porque algo correu errado com a relação anterior, ou então, não me conheço a mim mesmo, porque para uma relação terminar algo correu mal, do meu lado ou do dela, para ser sincero nunca tive muito tempo sem ter parceiras e quando tenho é sempre na ideia de conhecer a pessoa e só depois é que conluo que não me é indicada, ter amigas coloridas, só para satisfazer um prazer, comigo não faz qualquer tipo de sentido e não tendo não me afecta em nada porque o que dou importância no sexo é mesmo a comunhão com a pessoa de quem gosto muito e portanto se não gosto da pessoa ela não me dá vontade... É muito sentimentos, é a própria experiência de vida que assim o diz, para me abrir com uma pessoa ela já tem que me dizer muito, cansa-me mostrar-me a uma pessoa nova e contar-lhe as minhas coisas, dai estar um bocado oprimido.

Entrevistador: Que sensações experiência no pós acto sexual? Como se sente?

Entrevistado: Acima de tudo acho que é o apagar de muitos males, serve... se fosse sexo por si só terminava e cada um virava-se para seu lado. Não! Eu vejo isso também como uma correcção de muitos dos nossos erros. Por exemplo quando estamos chateados e há aquela altura em que nos aproximamos mais um do outro, pedimos

desculpa e as coisas acontecem, ficamos felizes, é uma maneira de quebrar as partes más que temos na relação entre um e outro, digamos que é uma porta aberta. No pós sexo temos uma abertura, é um momento de êxtase que se aproveita para demonstrar mais carinho pelo outro ou se as coisas tiverem mal aproveitar para conversar mais um bocadinho, acima de tudo aproveitar a situação para compreender mais a pessoa quando estamos chateados, agora quando acontece naturalmente é mais uma manifestação de carinho tal como um beijo, como um abraço, conforme é uma maneira de dizer: “Gosto muito de ti” e “Dizes-me muito” e passa-se ali uns momentos bons, para mim sempre ligado ao sentimento que se nutre pelas pessoas e acima de tudo é um bem estar que é propício para corrigir os males que foram feitos ou simplesmente desfrutar de um momento de comunhão de amizade e carinho.

Entrevistador: Fale-me um pouco da relação entre sexo e amor, já me referiu que para si o sexo está relacionado com os seus sentimentos...

Entrevistado: Pois exacto...para mim sexo não é considerado uma necessidade física, não vejo como um objecto, é como uma gratificação, o sexo e amor é uma sucessão de bem-estar, para mim um faz parte do outro. O sexo é um culminar de uma sucessão de bem estares. Objecto por objecto não tem qualquer tipo de significado, não tem sucessão, não tem nada, não tem partilha de emoções...não faz qualquer tipo de sentido.

Entrevistador: Então mas se o sexo só existe com amor faz sentido para si existir amor sem sexo?

Entrevistado: Não! Quem faz birra e diz: “Então não há nada para ninguém!” Para mim isto é ridículo quem faz isso...não é motivo de castigo, não é nada...Apesar de não se programar, é um bem estar que gera essa situação e amor sem sexo não faz qualquer tipo de sentido, pode acontecer mais vezes quando as pessoas estão a passar por momentos mais alegres e então ai há uma fase mais preenchida, isto na minha experiência pessoal, sempre falando a dois, sozinho não penso tanto nisso, dedico-me a outras coisas. Numa fase menos boa desde que se retome o diálogo retoma-se o entendimento e logo vai surgindo a aproximação e o maior contacto, maior partilha. Mas estando algum tempo sozinho sinto o apelo físico mas não é isso que me leva a

procurar alguém é mais no sentido de conhecer alguém, é quando estou mais predisposto a conhecer pessoas, primeiro passo por uma fase em que estou mais fechado em mim para me acalmar e talvez quando a necessidade física começa a vir ao de cima começo a por mais os meus problemas para trás, começo a sair mais com amigos, começo a conhecer mais pessoas, talvez essa necessidade física me leve a estar aberto a que as pessoas entrem mais na minha vida. Mas as primeiras vezes não tenho relações sexuais pois não a conheço, primeiro observo mais e raramente me costumo enganar, vejo logo ao fim de pouco tempo se vale a pena ter qualquer tipo de coisa com aquela pessoa ou não, há pessoas que mais vale a pena cozerem a boca que só sai asneira, essas não! Bem podia ser uma Deusa! Não consigo separar e ter sexo com uma pessoa só atraente fisicamente, gosto de pessoas que me cativem, com personalidade que me dêem vontade de as conhecer, vontade de estar com ela todos os dias, pessoas místicas, pessoas que...pessoas simples sem ideias preconcebidas. Acho que na adolescência é mais tudo o que vem á rede é peixe também com a idade começa a ficar mais selectivos. Prefiro estar sozinho do que com pessoas que abrem a boca e só dizem asneiras, pessoas sem interesse e nas quais não tenho interesse. Acho que quem tem sexo só do ponto de vista físico são pessoas egoístas que não admitem que ninguém se aproxime delas, são inseguras. Respeito, mas é mais difícil deixar-se ser amado que amar as pessoas. Uma coisa que me dá aflição é uma pessoa que tem de pagar para ter sexo! Acho que uma pessoa que tenha amor-próprio não o faz, acho uma coisa demente! Uma pessoa que tem a auto-estíma muito em baixo para ter um objecto! É tão fácil ter um objecto sem pagar! Logo a necessidade física pode dizer-me: “Vê lá se abres a pestana que estou farto de estar sozinho, vai lá conhecer umas pessoas!” mas sempre no intuito de conhecer, de fazer amizade, de estabelecer algo, alguém que me cative pela experiência de vida, postura tipo alma-gémea! Aconteceu-me isso com a minha actual parceira, nunca fui tão feliz com uma pessoa como com ela, por termos gostos iguais, mas quando começaram os problemas e as divergências o sexo também começa a reduzir.

Entrevistador: Como é que se caracteriza a nível sexual, o que para si faz sentido, o que prefere que aconteça e como prefere que aconteça?

Entrevistado: Acho que sou uma pessoa normal, não tenho ideias preconcebidas, a partir do momento que eu acordo cada dia é uma aventura, há dias que correm mal e chego a casa *puto* da vida e converso um bocado com a companheira e...

boa disposição. Há outros dias que me correm bem, chego a casa eufórico e se calhar aí tenho mais iniciativa, normalmente costuma ser assim, quando estou mais aborrecido tenho menos iniciativa, depende muito de como me corra o dia, se estiver bem disposto e... a partida não sou das pessoas que valoriza má disposição mas... não faço qualquer tipo de devaneios, do género hoje vou dominar mas ...

Entrevistador: Mas há alguma coisa que o iniba ou retraia?

Entrevistado: Não há nada que me retraia mas não gosto de pessoas muito agressivas a nível sexual, que tenham um comportamento muito directo, porque já tive situações dessas e começo-me a sentir... *porra* mas a minha vida só faz sentido nisto! Lá está! Eu ligar o sexo aos sentimentos, uma pessoa que tome sempre a iniciativa que seja sempre... só a indicar para aquilo! Não gosto! Não gosto! De pensar que estou ali a ser um objecto, nem tão pouco gosto de pensar em usar a outra pessoa. Isso sim, faz-me espécie. De resto tenho uma mentalidade bastante aberta, mas lá está, a partir do momento em que posso estar a fazer a mesma coisa, mas a partir do momento em que me sinto objecto não tenho qualquer tipo de prazer, nem tão pouco quero! Mas já tive parceiras que eram mais activas e eu começo a pensar... então mas o que é que é isto? E outras muito menos, epá isso então, nem tanto ao mar nem tanto à terra, lá está! Gosto das coisas equilibradas, sempre com conversa, com respeito mútuo, com carinho, se calhar sou um bocado *old fashion*, sei lá.

Para mim tem de ser tudo no contexto de respeito pela outra pessoa e acima de tudo carinho pela outra pessoa, há... para ter uma ideia, no acto sexual faz-me imensa confusão na altura do orgasmo diferente, há pessoas que ok! Ficas aí, acabas-te, não acabas-te, eu vou para a frente, tu olha trata da tua vida! Não! Se há coisa que é sempre... se há coisa que faço questão é que seja simultâneo, porque é uma questão de estarmos os dois no mesmo plano, na mesma sintonia, um acabar mais cedo que o outro, depois estar ali, lá está novamente, volta o objecto! As vezes acontece, por acidente ou qualquer coisa assim, mas há coisas que se controlam e com a idade aprende-se a arranjar técnicas de controle, mais de atraso ou mais de aceleração, mas sempre os dois a partilhar aquele momento em simultâneo, acho que não há melhor sensação que os dois em simultâneo. Há pessoas que não se ralam, olha eu já acabei se não acabas-te acabasses, mas eu não, estou ali meio termo, metade para mim e também metade pela outra pessoa, vejo que estou adiantado espero, há... estou atrasado acelero, tento sempre

acompanhar o ritmo, é como uma conversa, uma pessoa quando conversa com outra pessoa ao acabar mais cedo é como se tivesse a cortar a voz a outra pessoa, ou o contrario, estão-me a cortar a voz! Não eu quero falar! Basicamente é um monologo, quando um fala mais que o outro, a partir do momento em que há um dialogo há algo em partilha e o sexo assim o é como outra coisa qualquer, sempre no sentido de dar prazer à outra pessoa, mas também respeitando-me a mim próprio, a mim... e sempre que possível ao mesmo tempo, por mais louca que seja a situação, a fantasia... Por isso luto pelas pessoas, faço os possíveis porque a pessoa para mim faz sentido, não são objectos. Por isso para mim não faz sentido os *amigos coloridos* porque não ando aqui a perder tempo com quem quer que seja, o ideal é sempre procurar uma pessoa que me entenda e que eu entenda, se não dá para mim namorada acabada é assunto enterrado, não volto atrás, não há qualquer tipo de filme ou história, não me dei bem antes não me vou dar bem agora, o sexo só faz sentido enquanto gosto da pessoa, quando deixo de gostar deixa de fazer sentido!

ENTREVISTA 5

Indivíduo do sexo masculino, 27 anos de idade

Entrevistador: O que é que o sexo representa na tua vida?

Entrevistado: Algo muito meu, representa algo que me torna puro, que me torna...que me torna...

O sexo é como um descarregar de energia, não considero que seja uma fusão da pessoa, não! O sexo é uma libertação de um acumular de sensações em que acontece do género...a falta de sexo numa pessoa faz com que a pessoa esteja mais agressiva, mais inconstante, mais possessiva.

Entrevistador: Estás-me a dizer que para ti o sexo é uma descarga de energia, de sensações físicas da pessoa?

Entrevistado: O sexo é... tu tens a tua adrenalina no topo e a adrenalina precisa de ser libertada, e o sexo...quem fala em sexo fala em masturbação, que é relaxares, conheceres-te a ti próprio, libertares-te, mas acho que o sexo é uma coisa muito pessoal, muito individual, o sexo para mim é igual ao termo *foder* literalmente é descarregar, cada um está ali a preocupar-se consigo próprio e atingindo o seu objectivo acabou, sexo para mim é após completar o acto levantar-me e ir embora, nada mais. Por isso a masturbação ser algo muito mais interessante, mais relaxante na relação contigo próprio.

Entrevistador: Para ti a masturbação é mais interessante que o sexo com outra pessoa?

Entrevistado: Sim. Acho que sim, eu pessoalmente prefiro masturbar-me 1000 vezes do que ter sexo com alguém, porque eu masturbando-me após atingir a fase final, fico relaxado e fico bem comigo próprio, tendo sexo com uma pessoa não, porque para já não consigo ter dialogo coma pessoa e após ter relações, tipo... se há coisa que me apetece é fugir dali, ir-me embora, portanto o sexo é praticado se calhar em qualquer lugar, de qualquer forma e quase com qualquer pessoa. Fazer amor não! Fazer amor é

algo mais. O sexo só tem um objectivo que é o *vir-se*, depois acabou, não vais estar ali em fretes, para já de início nem temos de estar com conversas, é sexo, vamos para a cama. Agora fazer amor não, para mim fazer amor não significa necessariamente ter de haver penetração e atingires o objectivo final porque fazer amor é algo muito puro, é uma entrega é da maneira como os olhares se cruzam, o simples toque, pensamentos puros, mais nada existe à tua volta, há uma entrega, calor, o coração quase que pára e arranca de novo, como se morrêssemos para a sociedade e depois tudo floresce de novo. É sobretudo não estares ali com um propósito, estás ali porque te estás a fundir com a pessoa, estás num estado *zen*, por vezes eufórico porque é normal haver estados de euforia em que por vezes...como a situação da primeira vez, para mim a primeira vez é sempre a pior, porque tu literalmente... acontece, libertas, descarregas logo assim em que para mim é algo puro porque a pessoa mexe, completa-te, a pessoa consegue-te levar a um estado em que tu próprio não te controlas.

Entrevistador: Há aqui alguns pontos que gostaria de esclarecer um pouco melhor, será que me estás a dizer que consegues separar o sexo como algo meramente físico do sexo que é praticado quando existe algum sentimento, ou seja, segundo as tuas palavras fazer amor? Para ti existem dois tipos de sexo?

Entrevistado: Bem...haaa...o que eu queria dizer é que quando tenho uma relação com alguém com quem faço amor não me faz sentido o sexo só do ponto de vista físico, mas se não tiver então se calhar a necessidade física fala mais alto. Há situações em que se calhar já estou um pouco sob o efeito do álcool e estou em convívio com alguém e por quem surge uma atracção física e há algo que me chama a atenção na pessoa e então dá-se um envolvimento sexual. Nestes casos pode até ficar uma amizade mas nunca mais que isso, nunca tive uma relação com alguém em que as coisas começaram pelo fim, acho que não tem muitas hipóteses de evoluir para algo serio.

Por exemplo, entre ter uma mulher toda nua à tua frente e uma mulher de calças de ganga e blusa, eu prefiro a vestida porque é uma mulher que me puxa sensações, transcende o físico.

Entrevistador: Com quem é que para ti faz sentido praticar sexo?

Entrevistado: Faz sentido praticar sexo com quem se enquadra em algum dos meus parâmetros...a nível físico. Sexo tem a ver com o corpo, com a aparência física e visual, a maneira como anda, como fala e do modo como me contacta e aborda. Tem de ser uma pessoa com quem me identifique. Por exemplo até gosto de mulheres mais baixas que eu...como não sou muito alto. As vezes excluo uma mulher pelos pés! (risos)...se não gostar dos pés excluo a pessoa, gosto de mãos...olho muito aos pés e as mãos, se calhar porque é uma coisa que odeio em mim. Gosto de mulheres discretas, não gosto de mulheres “cabriolet”, isto na forma de vestir, mas todos estes parâmetros estão relacionados com o sexo casual, aquele que faço quando não estou numa relação.

Agora...o que faz mais sentido para mim é ter relações com uma mulher por quem me apaixono e com quem tenho uma relação...um namoro, porque isso leva-me a libertar mais a sentir mais desinibido e completo e logo mais satisfeito e realizado.

Entrevistador: Qual é a importância da sexualidade em todos os planos da tua vida, áreas e contextos?

Entrevistado: Quando não tenho sexo ando mais impulsivo, mais exaltado, afecta-me a falta de amor no sentido... eu posso não ter relações no sentido normal e masturbar-me e isso não significa...melhor...o facto de andar mais exaltado e sensível pela falta de sexo, considero que a masturbação relaxa momentaneamente, sim relaxa, o sexo relaxa-me mais um pouco no sentido de ...imagina numa noite em que tens uma cena de sexo e estás bem, ou seja, não sei se me estou a fazer entender, a masturbação relaxa no momento em que estás sozinho contigo no teu espaço e relaxa até ao dia a seguir, fazer amor com quem tu amas e com quem estás por inteiro, mesmo que não tenhas um orgasmo relaxa muitos mais tempo. O motivo porque o sexo relaxa mais que a masturbação é porque nesta tem de haver um acto manual meu e um esforço psíquico onde estou a imaginar alguém, comigo é assim, imagino uma pessoa que me diz algo ou que idealizo ou desejo. Sempre que me masturbei, filo sempre por alguém que tive ou por alguém que gostava mesmo de ter e nunca por outro tipo de estimulação. Na masturbação tenho a satisfação física mas não a emocional.

O sexo é muito importante na minha vida a nível emocional principalmente. As vezes que me masturbei foram sempre à noite quando estou na cama e ai até adormeço

melhor, mas tenho que me estimular bastante e nunca imaginei o órgão sexual da pessoa.

Sinto que tenho necessidade de sexo...porque...faz bem ao corpo e a mente é como se me colocasse num estado neutro, descarregas e aí está a diferença, entre sexo e amor, no sexo só se descarrega algo físico, equiparo a uma massagem completa de relaxamento, porque libertas a tua energia, a tua tensão e faz bem porque relaxas e aí consegues levar a tua vida de uma forma mais calma consegues tomar decisões e veres as coisas de uma forma mais calma é como teres um momento de stress e respirares fundo. Mas uma mulher com quem faço amor olho-a nos olhos. O sexo oral não faço com que pratico sexo nem permito que mo façam.

Entrevistador: E o que é que sentes em relação ao sexo oral?

Entrevistado: Sinto uma invasão muito grande da minha pessoa, uma mulher com quem faço sexo oral é uma mulher que consigo beijar logo de seguida e não me repugna, por quem não sinto nada não faço para mim é algo muito íntimo.

Entrevistador: Quais as sensações e experiencias no pós acto sexual?

Entrevistado: Após o acto sexual numa relação só de sexo, mal me venha o pensamento a seguir é: “Quero-me ir embora! Nem sequer te quero dirigir mais a palavra...acabou...xau, repugna-me, alias quando fiz isto, logo a seguir me arrependi, porque não era o que eu queria e da forma que eu queria, mas a nível emocional se calhar põem-me pior é como se tivesse de ter aquelas atitudes para ter uma sensação que...

Eu já fui a prostitutas e depois a primeira coisa que me passa pela cabeça é: “Que falta de noção vir gastar dinheiro para esta merda!” É como se ela tivesse a representar um papel e mais nada! Agora fazer amor é algo único é relaxante, satisfatório porque é a concretização de ti como homem como pessoa e tu sentires na outra pessoa que a fizeste sentir a pessoa bem, que representas-te algo importante para ela, que a complementas-te, que te fundis-te com a pessoa essencialmente...é a onda de o não teres que te vir para... simplesmente podes estar dentro da pessoa onde me dá uma sensação de fusão sem preconceito, sem vergonha. É como fazeres amor com uma pessoa com a luz acesa e não com a luz apagada, onde ainda há vergonha, muito

preconceito e pouca confiança, embora exista amor existe pouca confiança, tu consegues estar com a pessoa de quem tu gostas de uma forma desinibida de uma forma sem preconceitos, tu consegues ter muito mais, não sei é muito mais, eu falo por mim eu sou uma pessoa com algumas coisas que me envergonham fisicamente e o facto de estar com alguém que eu gosto não tenho qualquer preconceito sei que não se incomodam com o modo como sou e da aparência que tenho, que está lá e é ela própria e... percebes? Enquanto se calhar numa onda de sexo literalmente é só baixar as calças e siga para *bingo* e vá beijinhos e abraços e *foda-se!*

Entrevistador: Para ti qual é a correlação entre sexo e amor?

Entrevistado: Não há correlação! São coisas distintas eu não acho que sejam coisas iguais, porque não são! Porque não são! Posso ter a pessoa que... posso ter um *naco* de mulher e ter de olhar para a pessoa e imaginar outra para conseguir ter algo, se calhar, ou não sei.

Entrevistador: Estás-me a dizer que a aparência física não conta?

Entrevistado: Não totalmente não! Já moveu

Entrevistador: Então como seleccionaste as pessoas para ter só sexo?

Entrevistado: Sexo pelo sexo é a minha vontade no momento. Se não for aquela pode ser a do lado. Não é uma qualquer, tenho alguns parâmetros a nível físico e corporal. Já tive *cenar* com mulheres porque *o.k* gosto do teu *rabo* siga, gosto das tuas *mamas* siga... gosto da tua boca... pontos mas lá está esses pontos complementam-se com imagens, imagens essas que não são da pessoa... dai o sexo mudo e o sexo falado. Quando fazes amor tu falas porque és tu, no sexo não falas porque apenas vais buscar certos pontos que te interessam e te movem.

Entrevistador: Como é que te caracterizas a nível sexual, o que é que para ti faz sentido, como é que te sentes bem, o que é que tem mais importância?

Entrevistado: O que faz sentido para mim é tentar complementar a minha parceira de forma que não haja tabus, não hajam preconceitos, que cada um consiga especificar as formas que conseguem e que querem ser tocados, beijados ou ser olhados, que sejam puros, que estejam ali numa cumplicidade, que sejam únicos, que não haja farsa, que não façam por fazer, que não gemam por gemer, que não olhem porque têm que olhar, que não beijem porque têm que beijar, porque acham que é o correcto, não! O importante é o sexo não básico, o que é importante para mim é o sexo e, qualquer sitio, em qualquer espaço, em qualquer momento, vestido ou não vestido, a onda do tradicional vai para a cama, tira as calças e siga para *bingo*, gosto de uma, gosto de duas, gosto de três, gosto de quatro... mas chega a um ponto que cansa, gosto de diversificar, gosto sobretudo do perigo, gosto da adrenalina, gosto de arriscar, no espaço, no sitio, no tempo se tens 1 minuto é um minuto, gosto! Gosto de ser provocado, gosto que tomem a iniciativa também, não gosto de ser o único a tomar a iniciativa, gosto de ser tocado, de ser estimulado, de ser olhado, de ser comido com o olhar... comido com o cheiro, comido com... sei lá com o pensamento, com a energia...gosto de sentir-me amado e acariciado. Se há coisa que eu não gosto é após o acto é sai, sai que tenho que me lavar...ai não!!! Não gosto disso! Outra coisa que eu não gosto é a onda de por o preservativo, o preservativo tem um momento muito inoportuno, o preservativo às vezes entra numa altura em que quebra...não estou a dizer que não é importante e que não se deve usar, não! Estou a dizer que por vezes a altura em que, se calhar a abordagem, da forma como é comunicada a imposição do preservativo se calhar não é a mais adequada.

ENTREVISTA 6

Indivíduo do sexo masculino, 37 anos de idade

Entrevistador: O que é que o sexo representa para ti na tua vida?

Entrevistado: Para mim a sexualidade representa um bem estar, harmonia corporal e psíquica, tanto que para mim, eu pessoalmente tenho a noção de que a sexualidade numa relação é muito mas muito importante, não tenho qualquer preconceito sexual, para mim vale tudo menos arrancar olhos e não vejo com bons olhos pessoas com problemas sexuais e se me cruzo ou tenho um relacionamento com uma pessoa assim é sempre muito curto porque para mim pessoas com problemas sexuais não me consigo dar com elas e simplesmente não entro nas jogadas delas para mim são cartas fora do baralho e há muita gente assim. Gosto de estar bem comigo mesmo e com a pessoa que está ao meu lado, se não, não estou prefiro não estar.

Voltando outra vez à sexualidade, para mim, como não somos animais, utilizamos o sexo muitas vezes para desanuviar, muito poucas vezes para procriar e adoro sexo e friso mais uma vez que não tenho qualquer tipo de preconceito sexual, nunca tive experiencias homossexuais até à data, porque nunca me chamou a atenção, adoro mulheres acho a sexualidade uma coisa muito linda e harmoniosa.

Entrevistador: Gostaria que me explicasses melhor o que querias dizer com pessoas com problemas sexuais e que elas te repelem.

Entrevistado: Bem ao falar de pessoas com problemas sexuais, acho que são pessoas problemáticas que depois reflectem na área sexual o seu mal estar social, digamos assim. Como para mim estar bem fisicamente é estar bem psicologicamente, estão cada uma 50% para a relação. Se não estou a 100%, sinto-me pouco preenchido e falta-me qualquer coisa e isso dá-me esse tipo de gente, se não vivem bem com elas próprias quanto mais ter ou pensar ter uma relação mais séria com outra pessoa, se têm problemas sozinhas com elas mesmas, como pensar em ter uma relação duradoura e harmoniosa com outra pessoa.

Entrevistador: Como quem é que neste momento para ti faz sentido praticar sexo?

Entrevistado: Pois...isto a minha vida é muito complicada para manter uma relação seria e duradoura. Tive uma relação de cinco anos que terminou porque trai a minha namorada e ela descobriu e a relação acabou, depois disso passei a ter relações mais passageiras e como optei pelo lado profissional e passo maior parte do ano no estrangeiro e sempre em locais diferentes, torna-se complicado! ... Vou tendo relacionamentos uns mais passageiros, outros que duram mais, mas ... não tenho ideia de me casar ou ter uma vida em conjunto com alguém! Não tenho vida para isso... mas sinto falta de ter uma amiga e sem isso não passo, não consigo viver sem sexo! Era impossível para mim... (risos) ...

Faz sentido para mim ter sexo com uma mulher por quem me sinta atraído, que seja boa companhia, que seja mente aberta ... mais do que isto também pode existir mas não é obrigatório.

Entrevistador: Que importância tem a sexualidade no resto da tua vida e nas outras áreas e contextos?

Entrevistado: Eu gosto muito de sexo! Não nego!... (risos) ...e não sou capaz de estar sem praticar sexo, sou muito activo sexualmente, tenho muito desejo sexual e por mim era todos os dias, mas nem sempre é possível, pelas circunstâncias profissionais e da vida. Quando tenho uma amiga ou namorada então a minha vida sexual é mais intensa, mas se não tiver ninguém masturbo-me, não tenho problemas nenhuns em o dizer e faço-o varias vezes mesmo se me apetecer. Mas a falta ou não de sexo não me afecta a nível de relacionamentos com amigos, familiares e a nível profissional, mas o meu corpo sente e muito e ando mais excitado e mais atento ás mulheres e mais predisposto para novos conhecimentos. Agora acho que o sexo a nível pessoal e muito importante para mim, é fundamental e não vivo sem sexo! Mas não acho que me afecte no resto da minha vida ou que me condicione profissionalmente.

Entrevistador: Mas sentes-te diferente como pessoa quando não tens relações sexuais?

Entrevistado: Só a nível físico, sinto mais desejo e o único comportamento que posso considerar que altera é o de estar mais aberto a novos conhecimentos ou até fazer por me relacionar mais com pessoas sair mais e estar mais aberto a novos conhecimentos. No resto da minha vida não me parece, não vejo... acho que não altero em nada.

Entrevistador: Quais as sensações e experiências do pós-acto sexual?

Entrevistado: Isso é difícil de dizer... aaaaaa...a sensação física essa é sempre a mesma, prazer...depois de bem estar, de tranquilidade de relaxamento, isto é físico e a nível físico desde que se tem um orgasmo é sempre muito bom... agora... no entanto existem sempre outros factores e particularidades e aí depende da pessoa com quem estamos, como ela é sexualmente, o que essa pessoa representa para nós e o que sentimos por ela. Isso são pontos que nunca são iguais de pessoa para pessoa e acho que são esses pontos que fazem a diferença e provocam diferentes formas de sentir. Acho que é difícil responder a esta pergunta porque depende muito da mulher com quem estamos e o que sentimos por ela e isso nunca é igual, além das sensações só físicas as outras sensações nunca são iguais variam consoante os nossos sentimentos pela pessoa. Sei lá!...

Entrevistador: Para ti qual a correlação entre sexo e amor?

Entrevistado: Não vejo o sexo só como um acto físico, também psíquico porque se eu conheço uma pessoa e se não me atrai sexualmente não tenho relações, ficamos só amigos. Há mulheres que mentalmente me atraem e fisicamente nada, há outras fisicamente muito giras e apetitosas e mentalmente não me suscitam qualquer interesse. Mas para mim sexo representa muita coisa, o meu bem estar, o bem estar da outra pessoa, porque todos nós temos vontade e necessitamos de sexo, as vezes com mais amor outras vezes com menos amor, quando eu não tenho ninguém que me atrai fisicamente e psicologicamente faço amor comigo mesmo, pratico masturbação, ou seja, considero que o sexo também é uma necessidade física. Eu passo grandes temporadas no estrangeiro e tive 12 meses na Argélia que é uma cidade muito tradicional

muçulmana, onde não havia raparigas, não havia mulheres não havia nada! Além de beber chá de mentol, masturbava-me! (risos) muitas vezes mesmo, duas a três vezes por semana, nunca pensei chegar aos 36 anos e ter sonhos molhados, porque também é uma necessidade fisiológica um homem ter orgasmos, descobri isso porque em 12 meses de abstinência sexual! Nunca me lembro de ter tantos sonhos molhados, nem na minha juventude e puberdade tinha tantos como tive na Argélia, ou seja, é psicológico mas físico também alias tem tudo a ver com o corpo também. Realmente viver sem sexo está fora de questão!

Bem resumindo, para mim para haver sexo não tem de existir necessariamente amor, mas atracão, agora se conciliarmos as duas coisas é muito melhor, sabe muito melhor mas por outros aspectos que não têm que ver propriamente com sexo, mas com a necessidade de companhia de que gostem de nós que nos amem nos valorizem nos dêem atenção, por ai...o sexo tem a ver com as nossas hormonas com os desejos corporais e com a nossa imaginação mas tudo ligado as sensações do corpo e também da mente.

Entrevistador: Como é que te caracterizas a nível sexual, ou seja o que é que para ti faz sentido e o que preferes?

Entrevistado: Acho que a pessoa que sou socialmente não se reflecte no modo como tenho relações sexuais, porque gosto do prazer pelo prazer, não gosto das ditas perversões como bater ou ser batido, gosto de ouvir isso sim isso dá-me muito prazer, ouvir a outra pessoa, pelo menos a gemer, isso gosto! E não me parece que a minha vida se reflecta na minha sexualidade, tenho uma vida muito stressada e até gosto de fazer sexo muito devagar, acho que não tem nada a ver, tenho uma profissão que me obriga a dar ordens e liderar e até nem gosto de ser líder na cama, temos de estar em comum acordo, para a posição, da maneira como quer, faço propostas e as outras pessoas também e vamos eliminando se gosta desta maneira se gosta desta, o que prefere...agora...e até gosto, porque para mim a sexualidade tem a ver com o simples dar prazer à outra pessoa e a outra pessoa dar prazer à minha pessoa é assim que eu vejo e não tenho nenhuma ligação entre a pessoa que sou na cama e a que está cá fora na rua. Eu rio-me a ter relações, eu converso a ter relações. Não vejo qualquer problema nessas coisas, mas não acho que a minha sexualidade tenha nada a ver com a minha profissão e

com a minha vivência na rua, como pessoa, numa comunidade de pessoas ou entre os amigos.

Entrevistador: Estás a dizer-me que não achas que exista nenhuma ligação entre a tua pessoa socialmente e profissionalmente e sexualmente? É isso?

Entrevistado: Sim sempre fui como sou e sempre gostei de fazer sexo da forma como faço. As vezes gosto de fazer com um bocadinho mais de stress, mas prefiro as coisas mais calmas mais pacificas porque na minha profissão tenho picos de stress e outras de calma, mas eu não vejo... eu não vejo...porque sempre fui assim desde que comecei a minha sexualidade, fui sempre assim, uma pessoa sem *stresses* sem nada...sempre gostei de fazer as coisas com calma, dar e receber prazer, assim é que eu vejo a minha sexualidade, mas se fossemos falar da minha profissão que eu tenho há seis anos atrás não tem nada a ver porque eu confirmo a fazer o mesmo tipo de sexo, a gostar das mesmas posições as vezes um bocadinho mais acelerado outras vezes um bocadinho menos acelerado, menos stressantes, porque sempre fui a mesma pessoa desde que me lembro sexualmente activo.

Acho que projecto, a nível sexual, mais o que sou do que como vivo, digamos assim...

Bem! Digamos que para mim o sexo é uma partilha de prazeres, de partilha de momentos e não me sinto nem nunca me senti egoísta porque para mim duas pessoas quando têm relações, quando têm relações ou têm uma certa sexualidade ou contactos mais íntimos as pessoas deviam pelo menos tentar compreender o parceiro e não começar a meter entraves mentais porque assim não! Porque assim não! Porque vai doer! Porque nunca fiz assim e coisa do género. Digamos que o modo como vivo a minha sexualidade está relacionado com aquilo que sou e não com o ambiente que me rodeia, com a minha profissão...Não vejo ou penso...ou penso, que a minha posição e a minha profissão não se venha a reflectir, ou não consigo ver essa relação com a minha postura sexual. Sou assim há muitos anos e desde que me conheço e muitas vezes vou perdendo contacto com as pessoas que até gostava, por problemas sexuais e tabus e ideias completamente bizarras sobre o sexo.

Comecei a minha sexualidade muito cedo e com uma rapariga muito mais velha que me ensinou muita coisa, acho que isso influenciou muito a pessoa que sou a nível

sexual, encaro algo muito natural como uma brincadeira como algo bom e sem complexos... algo que existe para me dar prazer...para me satisfazer...

ANEXO II – ANÁLISE DE CONTEÚDO

SUJEITO A

Quadro A1 – Factores que constituem a primeira categoria da entrevista 1 (Sujeito A)

CATEGORIA 1 / A1 – As representações do vivido da sexualidade	FREQUENCIA
A1.1 – Sexo como forma de sentimento pelo outro	1
A1.2 – Sexo pela curiosidade pelo outro	1
A1.3 – Sexo como vingança	2
A1.3.1- Já fiz sexo por raiva do outro	1
A1.3.2 – Já fiz sexo por pena do outro	1
A1.4 – Sexo como uma necessidade física	1
A.1.4.1 – Sexo também é masturbação	1
A1.5 – O sexo como elemento presente em tudo na nossa vida	1
A1.6 – O sexo como forma de se assumir	1
A1.7 – O sexo como um direito	3
A1.8 – Sexo é um processo de amadurecimento	1
A1.9 – Sexo é poder	4
A1.10 – Sexo é prazer	1
A1.11 – Sexo é amor	2
A1.12 – Sexo é uma arma	1

O Sujeito A, identifica um percurso de evolução pessoal que implicou alterações de postura e de sentimentos relacionados com a sua sexualidade. Surge-nos predominantemente o sexo como uma forma de afirmação e de direito (A1.6 e A1.6.1) aparecendo co-relacionada com o sexo como uma necessidade física. No entanto vemos o grande enfoque dado ao sexo como um direito seu, como se falássemos de algo muito individual e centrado em si. Um outro aspecto muito relevante é o facto de o sexo ser

considerado como uma arma o que revela bem a elevada frequência com que é abordado o sexo como poder, até porque também é visto o sexo como um acto de vingança.

O que podemos concluir da análise desta categoria neste sujeito é que o sexo é predominantemente um meio para chegar ao outro seja lá com que propósito for, não é um acto somente ligado a aspectos positivos.

Quadro A2 – Factores que constituem a segunda categoria da entrevista 1 (Sujeito A)

CATEGORIA 2 / A2 – Critérios de escolha de um parceiro sexual	FREQUENCIA
A2.1 – Pratico sexo com pessoas que conheço e por quem tenho um interesse	1
A2.1.1 – Pratico sexo com pessoas que quero conhecer melhor	1
A2.1.2 – Pessoa intelectualmente estimulante e que represente um desafio	1
A2.2 – Sexo não com um corpo mas com algo que transcende o que está à vista	1
A2.3 – Sexo com um estranho não me dá prazer	1
A2.4 – Sexo com quem me dá mais do que o prazer imediato	1
A2.5 – O sexo com quem me reflecte e me espelha	1

Nesta categoria, constatamos nitidamente que o sujeito A ao escolher o seu parceiro sexual não valoriza especialmente a aparência, mas algo que a transcende, algo que está escondido no intimo da pessoa mas que lhe suscita interesse curiosidade e vontade de captar, e com alguém que lhe reflecta o seu eu, aquilo que representa para o outro.

Quadro A3 – Factores que constituem a terceira categoria da entrevista 1 (Sujeito A)

CATEGORIA 3 / A3 – Importância da sexualidade para o <i>dasein</i>	FREQUENCIA
A3.1 – Preciso de sexo, sinto necessidade física e emocional	1
A3.1.1- Quanto melhor é o sexo melhor me sinto nos dias seguintes	1
A3.2 – Sexo é muito importante na minha vida	1
A3.3 – Se não tenho sexo, falta-me algo	1
A3.4 – O outro quer uma pessoa genuína que se mostra por inteiro e sem receio	1
A3.5 – Sexo é vida é um dar e receber activo	1

A importância que o sujeito A atribui à sexualidade é bastante elevado, pois necessita do mesmo para se sentir bem, para se sentir um ser completo e preenchido e detentor de todas as suas faculdades, podemos dizer que além de uma necessidade biológica é também uma necessidade psicológica, que revela o ser que há em si. Implica um dar activa que é diferente de um receber passivo. É um não ter receio de ser visto e de olhar o outro.

Quadro A4 – Factores que constituem a quarta categoria da entrevista 1 (Sujeito A)

CATEGORIA 4 / A4 – Experiencias e sentimentos após o acto sexual	FREQUENCIA
A4.1- Com cada pessoa é diferente	1
A4.2- Sensação maravilhosa mas a seguir quero ir-me embora	1
A4.3- Sensação de ver o meu reflexo na pessoa	1
A4.4- Sentir-me preenchida, calma, aconchegada, sentir-me bem.	2

A4.5- O que procuro é que depois fique sempre a vontade de mais.	2
---	----------

Nesta categoria, podemos verificar que o sujeito A dá maior ênfase ao facto de se sentir completa e preenchida o que lhe dá vontade de o voltar a fazer com aquela pessoa, também refere a situação de se ver reflectida pelo outro, como se o outro lhe devolvesse uma parte de si que o fortalece. Apesar de demonstrar uma consciência no facto da que cada ser é um ser e que cada um lhe revela aspectos diferentes de si e do seu mundo, isso provoca um enriquecimento da sua própria visão seu e do seu mundo.

Quadro 28 – Factores que constituem a quinta categoria da entrevista 1 (Sujeito A)

CATEGORIA 5 / A5 – Correlação entre os significados do sexo e do amor	FREQUENCIA
A5.1- Para haver sexo não tem que haver amor	1
A5.2- Para haver sexo tem de haver paixão, tesão, pica, desafio	1
A5.3- Consigo separar se estou a fazer sexo com ou sem amor	1
A5.4- Por amor até abduco do meu prazer	1
A5.5- Sexo é sentir a força que o outro trás em nós.	1
A5.6- Amor é sentir o melhor que o outro trás em nós	1
A5.7- Fazer amor é não ter medo de nos revelarmos, de nos mostrarmos como somos.	1

Para o sujeito A o amor e o sexo são coisas distintas, que podem ocorrer em simultâneo ou não, os objectivos do acto sexual são bastante distintos do amor e conduzem a formas de sentir distintas.

Quadro A6 – Factores que constituem a sexta categoria da entrevista 1 (Sujeito A)

CATEGORIA 6 / A6 – Como me identifico e caracterizo a nível sexual	FREQUENCIA
A6.1- Fisicamente tenho que sentir que sou correspondida e que correspondo.	2
A6.2- Fazer só aquilo que eu gosto	1
A6.3- Não faço fretes nem finjo orgasmos	1
A6.4- Gosto de dominar, liderar.	4
A6.5- Gosto de brincar com diferentes papéis e personagens.	2
A6.6- Gosto de surpreender a nível sexual	1
A6.7-Faço tudo a nível sexual quando amo a pessoa, satisfaço qualquer fantasia	2
A6.8- Entrega ao outro	1
A6.8.1- Tenho que me conhecer bem para me poder dar ao outro	1

Nesta categoria o sujeito A revela uma necessidade em sentir de forma intensa as sensações do corpo e da mente, não estando disposta a ceder no que gosta e no que pretende. Possui uma necessidade em dominar e em não se sentir engolida pelo outro, entrega-se activamente ao outra mas sem nunca perder o controlo da situação, como se tal ameaçasse o seu ser

SUJEITO B

Quadro B1 – Factores que constituem a primeira categoria da entrevista 2 (Sujeito B)

CATEGORIA 1 / B1 – As representações do vivido da sexualidade	FREQUÊNCIA
B1.1- Sexo como forma de sentimento pelo outro	4
B1.1.1- Sexo é fazer amor	2
B1.1.2- Sexo é partilha	1
B1.2- O sexo é entrega ao outro	1
B1.3- O sexo como elemento constituinte de uma relação amorosa	1
B1.4- Sexo é prazer	2
B1.5- Sexo é carinho	1
B1.6- Não me faz sentido o sexo só num plano físico	1
B1.6.1- Sexo físico é um acto vazio e mecânico	1

O sujeito B manifesta uma representação da sexualidade como um acto relacionado aos sentimentos pelo outro, representando o sexo, para si, um acto de fazer amor mas que além de toda a envolvência sentimental e afectiva é também e sem duvida um acto que confere prazer físico, mas sempre associado ao carinho e à relação que visa estabelecer com o outro.

Este sujeito direcciona toda a sua representação para o lado afectivo do acto sexual, desvalorizando a sua componente física como acto individual. Atribui ao sexo um acto de partilha, sem desprezar o lado físico, mas valorizando-a como parte integrante numa relação afectiva.

Quadro B2 – Factores que constituem a segunda categoria da entrevista 2 (Sujeito B)

CATEGORIA 2 / B2 – Critérios de escolha de um parceiro sexual	FREQUÊNCIA
B2.1 – Pessoas de quem gosto a nível físico e emocional	2
B2.2 – Pessoas que quero conhecer melhor	1
B2.3 – Por quem sinto atracção física	1
B2.4 – Com quem quero partilhar uma relação e um sentimento	2

O sujeito B, para eleger um parceiro sexual, este terá de primeiramente estabelecer um vínculo afectivo, não descurando o facto de que a componente afectiva envolve sempre um aspecto de atracção física essencial.

Quadro B3 – Factores que constituem a terceira categoria da entrevista 2 (Sujeito B)

CATEGORIA 3 / B3 – Importância da sexualidade para o <i>dasein</i>	FREQUÊNCIA
B3.1 – Sexo não é o mais importante	2
B3.2- Sexo faz parte de uma relação	2
B3.3- Sexo é uma necessidade física e emocional	6
B3.4 – As relações sexuais recarregam-me as baterias.	1

O sujeito B nesta categoria, centra-se especialmente nos aspectos físicos e emocionais que são fortalecidos com o contacto sexual. Ao referir por várias vezes os aspectos físicos e emocionais que envolvem o acto sexual, reforça a importância que atribui à sexualidade como um acto associado à vida de um casal, contribuindo esta como parte integrante e fundamental de uma vida partilhada com o outro.

Quadro B4 – Factores que constituem a quarta categoria da entrevista 2 (Sujeito B)

CATEGORIA 4 / B4 – Experiencias e sentimentos após o acto sexual	FREQUÊNCIA
B4.1 – Tranquilidade, calma e paz	1
B4.2 – Completa-me ficar abraçada ao meu namorado	1
B4.3 – Sensação de leveza	1
B4.4 – Confirmação de que estou com a pessoa certa, a minha alma gémea	1
B4.5 – Algo que gostaria de sentir até ser velha, imagino como será	2

O sujeito B, quando questionado sobre a experiencia vivida no pós-acto sexual, refere sensações de bem-estar físico e emocional que fortalecem a união com o outro, projectando o seu sentir para o futuro e para a união com o companheiro.

Quadro B5 - Factores que constituem a quinta categoria da entrevista 2 (Sujeito B)

CATEGORIA 5 / B5 – Correlação entre os significados do sexo e do amor	FREQUÊNCIA
B5.1 – Sexo só existe com amor	1
B5.2 – Duas faces da mesma moeda, completam-se	1
B5.3 – Sexo só pelo lado físico não tem significado para mim	1
B5.4 – Sexo só pelo lado físico não me satisfaz, é vazio.	1

Para o Sujeito B, o sexo só tem significado e implica um prazer total quando existe num relacionamento em que haja amor. O prazer somente físico não envolve uma satisfação completa pois deixa à posteriori uma sensação de vazio.

Quadro B6 – Factores que constituem a sexta categoria da entrevista 2 (Sujeito B)

CATEGORIA 6 / B6 – Como me identifico e caracterizo a nível sexual	FREQUÊNCIA
B6.1 – Sou a mesma pessoa a nível sexual e pessoal	1
B6.2 – Sou uma pessoa activa	3
B6.3 – Não gosto nem de dominar nem de ser dominada	2
B6.4 – Manifesto e demonstro claramente o meu desejo	1

O Sujeito B define-se a nível sexual como uma pessoa activa e transparente que demonstra as suas vontades e desejos, tal como o faz em outras situações da sua vida. Considera que o acto sexual não poderá ser algo onde exerça o seu domínio nem onde o exerçam sobre si, deverá ser algo onde exista uma postura de igualdade.

SUJEITO C

Quadro C1 – Factores que constituem a primeira categoria da entrevista 3 (Sujeito C)

CATEGORIA 1 / C1 – As representações do vivido da sexualidade	FREQUÊNCIA
C1.1 – O sexo é uma necessidade física	4
C1.1.1- O Sexo é químico e biológico	1
C1.1.2- Sexo é algo animal	1
C1.1.3- Sexo também é masturbação	1
C1.1.4- Gosto de sexo e tenho necessidade de o praticar	1
C1.2- O sexo como acto somente físico é pouco importante	1
C1.3- Sexo é prazer	1
C1.4- O Sexo é muito importante numa relação amorosa	1
C1.5- O meu estado de espírito interfere no meu desejo sexual	1

O sujeito C, salienta o sexo como uma actividade com forte apelo físico, no entanto salienta a sua importância como parte integrante numa relação afectiva e referindo a sua conexão aos factores de ordem psicológica que puderam interferir no campo físico, nomeadamente no desejo sexual.

Quadro C2 – Factores que constituem a segunda categoria da entrevista 3 (Sujeito C)

CATEGORIA 2 / C2 – Critérios de escolha de um parceiro sexual	FREQUÊNCIA
C2.1 – Com quem tenho uma relação	3

afectiva, o meu namorado	
C2.1.1 – Com quem conheço e tenho confiança	1
C2.2 – Por quem tenha um sentimento, por isso faço amor não sexo	3
C2.3 – Quem me dá mais que o prazer físico, senão prefiro masturbar-me	1
C2.4 – Quem me faz sentir bem fisicamente e psicologicamente	1

O sujeito C pratica sexo com pessoas que conhece, com quem tem um vínculo emocional ou relação amorosa, pois só nestas circunstâncias se sente solto e capaz de se revelar. Não procura no outro uma mera satisfação física pois considera difícil separar o lado afectivo do físico. Sexo com estranhos não pratica pois não consegue, desta forma, revelar o ser que há em si.

Quadro C3 – Factores que constituem a terceira categoria da entrevista 3 (Sujeito C)

CATEGORIA 3 / C3 – Importância da sexualidade para o <i>dasein</i>	FREQUÊNCIA
C3.1 – O meu bem-estar sexual é um reflexo do meu bem-estar nas outras áreas da minha vida	2
C3.1.1 – Quando não me sinto bem não tenho desejo sexual	1
C3.2. – Necessito de sexo para me sentir bem	1
C3.3 – Sexo não é o mais importante na minha vida	2
C3.4 – Sexo produz uma descarga que me deixa liberta e relaxada	1
C3.5 – Sexo não interfere muito na minha	1

vida de uma forma geral	
--------------------------------	--

O sujeito C, vive a sexualidade de um modo similar ao que vive a sua vida. Considera a sua sexualidade um reflexo do seu estado de espírito no momento. Por considerar que o corpo e a mente se encontram unidas, quando uma das partes não está bem a outra também é afectada. A sexualidade é mais uma particularidade da sua vida que não é nem mais nem menos que outros factores que possuem importância para si.

Quadro C4 – Factores que constituem a quarta categoria da entrevista 3 (Sujeito C)

CATEGORIA 4 / C4 – Experiencias e sentimentos após o acto sexual	FREQUÊNCIA
C4.1 – Sensação de descarga física de tensões, libertação, prazer	3
C4.2 – Sensação boa de cansaço e tranquilidade	1
C4.3 – Gosto de dormir abraçada ao meu companheiro	1
C4.4 – Sinto uma partilha, uma comunhão, um carinho, um aconchego entre os dois	3

O Sujeito C ao exprimir os sentimentos e experiencias do pós-acto sexual, apesar de referir o prazer físico e todas as suas particularidades a nível da sensação física correlaciona tal com o outro falando da situação em si como um acto conjunto e de partilha de intimidade e sentimentos e não como se de um acto individual se tratasse.

Quadro C5 – Factores que constituem a quinta categoria da entrevista 3 (Sujeito C)

CATEGORIA 5 / C5 – Correlação entre os significados do sexo e do amor	FREQUÊNCIA
C5.1 – Sexo e amor não são a mesma coisa, um é físico outro é emocional	1
C5.2 – Para mim existe uma grande	1

correlação entre sexo e amor	
C5.3 – O sexo faz sentido quando existe amor e também atracção física e paixão	1
C5.4 – Sexo sem sentimento não me satisfaz	4
C5.5 – Sexo com alguém que é mais que um corpo é uma escolha	1
C5.6 – No sexo gosto de me sentir amada e desejada, completa	2
C5.7- Recuso-me a sentir um objecto sexual	1

O Sujeito C, apesar de admitir que sexo e amor não são a mesma coisa e um não implica necessariamente o outro, este sujeito não pratica sexo com uma pessoa por quem não nutre nenhum sentimento. Considera que o sexo para ser verdadeiramente intenso e prazeroso tem de ser feito como um acto de comunhão entre duas pessoas que possuem um relação.

Quadro C6 – Factores que constituem a sexta categoria da entrevista 3 (Sujeito C)

CATEGORIA 6 / C6 – Como me identifico e caracterizo a nível sexual	FREQUÊNCIA
C6.1- Gosto de sentir todo o prazer a que tenho direito	1
C6.2- Não tenho nenhum fetiche	1
C6.3- Tenho algumas fantasias	1
C6.4- Gosto de ser dominada	1
C6.5- Sou desinibida	1
C6.6- Gosto que o homem me satisfaça	1
C6.7- Gosto de mostrar o meu lado mais sensual	1
C6.8- Gosto de me dar ao outro	1
C6.9- Gosto de representar dois papeis opostos	2

C6.10- Gosto de ver um homem perder o controlo de si.	1
C6.11- Faço sexo com sentimento	1
C6.12- No sexo não vale dar sem receber	1

A nível sexual o sujeito C definiu-se como uma pessoa que gosta de ter todo o prazer a que tem direito, considera-se desinibida e gosta de experimentar diversos papéis, gosta de ser dominada mas também gosta de ver o outro perder o controlo, pratica sexo com sentimento e considera o sexo uma troca igualitária, é um dar e receber constante.

SUJEITO D

Quadro D1 – Factores que constituem a primeira categoria da entrevista 4 (Sujeito D)

CATEGORIA 1 / D1 – As representações do vivido da sexualidade	FREQUÊNCIA
D1.1- Sexo é sentimento	1
D1.1.1 Sexo é uma forma de resolver os problemas entre o casal	1
D1.1.2- Sexo é uma forma de carinho	1
D1.2- O meu estado de espírito interfere no meu desejo sexual	2
D1.3- O sexo é uma forma de descarregar os nossos elementos negativos	1
D1.4- Não pratico sexo para satisfazer uma necessidade física	2

Para o sujeito D, a sexualidade é a expressão de um sentimento, não é algo físico como uma necessidade é algo que acontece no seio de um casal e que o une, chegando até mesmo a resolver os problemas que surgem no dia-a-dia.

Quadro D2 – Factores que constituem a segunda categoria da entrevista 4 (Sujeito D)

CATEGORIA 2 / D2 – Critérios de escolha de um parceiro sexual	FREQUÊNCIA
D2.1 – Por quem tenho um sentimento, a minha companheira	1
D2.2 – Sexo com uma pessoa estranha provoca-me insegurança não é bom	1
D2.3 – Com quem já conheço e sei como as coisas se desenrolam	1

D2.3.1 – Com quem já não há tabus	1
--	----------

O sujeito D pratica sexo somente com pessoas por quem tem um sentimento, a sua companheira, pessoa que já conhece bem e perante a qual se pode mostrar como é. O sexo com estranhos causa-lhe insegurança.

Quadro D3 - Factores que constituem a terceira categoria da entrevista 4 (Sujeito D)

CATEGORIA 3 / D3 – Importância da sexualidade para o <i>dasein</i>	FREQUÊNCIA
D3.1 – A minha vida sexual não se reflecte no resto da minha vida	1
D3.2 – Sexo não é o mais importante	1
D3.3 – Não ajo sexualmente para satisfazer um prazer	1
D3.4 – Só tenho desejo sexual se gostar da pessoa	1
D3.5 – Quando não tenho companheira o apelo físico deixa-me mais predisposto a conhecer pessoas	1
D3.6 – Quando não tenho uma relação amorosa não penso muito em sexo	1

O sujeito D valoriza essencialmente o sexo como algo estritamente efectivo desvalorizando a componente física e biológica do acto. Este sujeito é orientado por factores de ordem psicológica e emocional, vivendo a sua sexualidade como algo afectivo, não praticando sexo somente pelo prazer físico.

Quadro 26 – Factores que constituem a quarta categoria da entrevista 4 (Sujeito D)

CATEGORIA 4 / D4 – Experiencias e sentimentos após o acto sexual	FREQUÊNCIA
D4.1 – Serve para corrigir os problemas entre um casal	4
D4.2 – Momento de êxtase	1
D4.3 – É a manifestação de um sentimento	1
D4.4 – Momentos de comunhão, amizade e carinho	2

O sujeito D ao utilizar o sexo como forma de resolução dos problemas entre o casal, experiencia no pós-acto sexual o dialogo o carinho e a manifestação de sentimentos que poderiam estar a ser menos expressos devido a conflitos e desgastes entre o casal. Referindo também o prazer físico, no entanto considera que o pós-acto sexual é um momento de comunhão.

Quadro D5 – Factores que constituem a quinta categoria da entrevista 4 (Sujeito D)

CATEGORIA 5 / D5 – Correlação entre os significados do sexo e do amor	FREQUÊNCIA
D5.1 – Sexo não é uma necessidade física, mas uma gratificação	1
D5.2 – Sexo e amor faz parte um do outro	1
D5.3 – Sexo é o culminar de uma sucessão de bem-estar numa relação	2
D5.4 – Sexo como um objecto não me faz sentido.	1

O sujeito D refere que o sexo e o amor fazem parte um do outro, considerando-o, principalmente, o culminar de uma sucessão de bem-estar entre o casal, o sexo objecto não faz sentido, não tem significado.

Quadro D6 – Factores que constituem a sexta categoria da entrevista 4 (Sujeito D)

CATEGORIA 6 / D6 – Como me identifico e caracterizo a nível sexual	FREQUÊNCIA
D6.1 – Sem ideias preconcebidas	1
D6.2 – Quando não me sinto bem não tenho iniciativa sexual	1
D6.3 – Não tenho devaneios sexuais	1
D6.4 – Não gosto de pessoas agressivas a nível sexual	1
D6.5 – Não gosto de ser um objecto sexual para ninguém nem o faço	3
D6.6- Mentalidade bastante aberta	1
D6.7 – Comportamento sexual equilibrado entre ambas as parte	1
D6.8 – Relações sexuais com conversa com respeito e com carinho	2
D6.9 – O orgasmo tem de ser simultâneo	2
D6.10 – Dar prazer à outra pessoa mas respeitar-me a mim próprio	1
D6.11 – Não me faz sentido os amigos coloridos	1
D6.12 – Sexo só me faz sentido quando gosto da pessoa	1

O sujeito D caracteriza-se principalmente por uma pessoa que não gosta de ser olhada como objecto e que também não o faz, valoriza bastante o respeito e que haja um prazer simultâneo entre o casal. Não é pessoa preconceituosa mas também não tem grandes devaneios, valoriza o carinho o diálogo o respeito e sente que quando não anda bem a nível psicológico tal provoca uma diminuição do seu desejo sexual. Para si o sexo só faz sentido ser praticado quando se gosta da outra pessoa, por este motivo também não faz sentido os “amigos coloridos”, não gosta que pessoas com comportamento dito de predador sexual se aproximem de si.

SUJEITO E

Quadro E1 – Factores que constituem a primeira categoria da entrevista 5 (Sujeito E)

CATEGORIA 1 / E1 – As representações do vivido da sexualidade	FREQUÊNCIA
E1.1 – O Sexo é algo muito individual e pessoal	3
E1.1.1 – O Sexo é um acto egoísta	1
E1.1.2 – O sexo só tem como objectivo o orgasmo	1
E1.2 – O sexo é um acto que me torna puro	1
E1.3 – Sexo é um descarregar de energias e libertação de sensações	4
E1.4 – O sexo não representa uma união com o outro	1
E1.5 – Sexo é relaxamento físico	1
E1.6 – Sexo é uma forma de auto-conhecimento	1
E1.7 – Sexo é uma forma de libertação	1
E1.8 – Sexo é masturbação	2
E1.9 – Fazer amor é sexo com quem gostamos.	1
E1.9.1 – Fazer amor é sexo com quem te completa	1
E1.9.2 – Quando se faz amor o sexo deixa de fazer sentido	1
E1.10 – Fazer amor é uma fusão com o outro	1
E1.11 – Fazer amor é perder o auto-controlo	1

O sujeito E realça em primeiro lugar a importância da sexualidade como algo individual, com toda a sua envolvimento físico e prazer físico. Paralelamente refere o acto de fazer amor como sendo uma relação sexual mas em que existe o factor emocional e sentimental. O sujeito enumera o fazer amor como algo mais completo e satisfatório pois inclui dois aspectos prazerosos, o físico e o emocional. O Sujeito E, faz uma distinção clara entre os aspectos físicos e os aspectos emocionais.

Quadro E2 – Factores que constituem a segunda categoria da entrevista 5 (Sujeito E)

CATEGORIA 2 / E2 – Critérios de escolha de um parceiro sexual	FREQUÊNCIA
E2.1 – Quem preenche os meus requisitos físicos	3
E2.2 – Com quem me identifico no momento	1
E2.3 – Procuro no outro aquilo que não tenho	1
E2.4 – Pessoa discreta	1
E2.5 – O que me faz sentido é relações sexuais com quem estou apaixonado e com quem namoro	4
E2.6- No sexo só pelo lado físico vejo naquela pessoa outra por quem sinto algo, imagino	2

Um parceiro sexual para o sujeito E, é a pessoa por quem está apaixonado e com quem possui uma relação, no entanto em relações sexuais mais do foro físico tem em linha de conta certos parâmetros de aparência física mas também de comportamento. Procura principalmente no outro aspectos que valoriza e dá importância mas que considera não possuir. Quando se envolve sexualmente com uma pessoa por quem não tem um sentimento chega a imaginar a pessoa de quem gosta ou gostou, ou então,

quando selecciona a pessoa reconhece-lhe semelhanças em algum ponto, com alguém que tenha um significado para si.

Quadro E3 – Factores que constituem a terceira categoria da entrevista 5 (Sujeito E)

CATEGORIA 3 / E3 – Importância da sexualidade para o <i>dasein</i>	FREQUÊNCIA
E3.1 – Sexo é uma necessidade física e emocional	3
E3.2 – A falta de sexo deixa-me impulsivo	1
E3.3 – O sexo é muito importante na minha vida	1
E3.4 – No sexo descarregamos tensões, energias e dá-nos calma	4

O sexo para o sujeito E tem uma grande importância porque além de uma necessidade física, sente que é algo que o deixa bem consigo próprio, mas isso também só acontece na sua plenitude quando ama alguém e faz amor com essa pessoa, o sexo e a masturbação, são actos sem significado que lhe provocam uma descarga momentânea de tensões e o relaxam.

Quadro E4 - Factores que constituem a quarta categoria da entrevista 5 (Sujeito E)

CATEGORIA 4 / E4 – Experiências e sentimentos após o acto sexual	FREQUÊNCIA
E4.1 – Numa relação só de sexo a seguir quero-me ir embora	1
E4.2 – Numa relação só de sexo a seguir sinto repúdio e arrependimento	2
E4.3 – Após fazer amor é algo único, relaxante e satisfatório	1
E4.4- Após fazer amor sinto uma	1

concretização como pessoa	
E4.5- Após fazer amor sinto-me bem por ter feita a outra pessoa sentir-se bem	1
E.4.6- Após fazer amor é a sensação de fusão sem preconceito sem vergonha	2

O sujeito E, separa de forma clara o que sente quando faz amor e quando faz sexo. Após fazer amor sente uma sensação de fusão e aproximação, sem vergonha e sem preconceito, com o outro, sente uma concretização como pessoa, sente-se bem, enquanto que quando tem sexo sente-se inferiorizado por ter tido aquela atitude sente vergonha e nojo pelo outro.

Quadro E5 - Factores que constituem a quinta categoria da entrevista 5 (Sujeito E)

CATEGORIA 5 / E5 - – Correlação entre os significados do sexo e do amor	FREQUÊNCIA
E5.1 – Não existe correlação entre sexo e amor, são coisas distintas.	1

Neste ponto o sujeito E é muito directo e objectivo, considerando o amor e o sexo como duas coisas distintas e independentes uma da outra.

Quadro E6 – Factores que constituem a sexta categoria da entrevista 5 (Sujeito E)

CATEGORIA 6 / E6 – Como me identifico e caracterizo a nível sexual	FREQUÊNCIA
E6.1 – Tento completar a minha companheira	1
E6.2 – Sem tabus nem preconceitos	1
E6.3 – Verbalizar o que se sente e o que se gosta	1
E6.4 – Forma de estar genuína e cúmplice com a companheira	1

E6.5 – É importante o sexo não tradicional e não básico	1
E6.6 – Gosto que me provoquem e tomem a iniciativa	1
E6.7 – Gosto de me sentir amado e acariciado	1
E6.8 – Colocação e imposição do preservativo provoca uma quebra	1

O sujeito E caracteriza-se a nível sexual como aquele que gosta de agradar à pessoa com quem está, sem limites e sem tabus gosta de ser genuíno e de o sentir da parte do outro, gosta de se sentir amado e acariciado e que tenham iniciativa que demonstrem o que sentem e querem.

SUJEITO F

Quadro F1 – Factores que constituem a primeira categoria da entrevista 6 (Sujeito F)

CATEGORIA 1 / F1 – As representações do vivido da sexualidade	FREQUÊNCIA
F1.1 – Sexo representa bem-estar, harmonia corporal e psíquica	3
F1.1.1 – Sexo é algo lindo e harmonioso	1
F1.2 – A sexualidade numa relação é muito importante.	1
F1.3 – Não tenho preconceitos sexuais	1
F1.4 – Não tem sexo com quem tem preconceitos sexuais	1
F1.5 – Sexo é desanuviar	1
F1.6 – Adoro sexo	1

O sujeito F, revela uma representação do sexo em que abarca todas as suas componentes relacionando o lado físico com o lado psicológico. Fala do sexo como algo muito bom e que lhe dá satisfação, tem uma postura natural e sem preconceitos e assim é que pretende viver a sua sexualidade.

Quadro 14 – Factores que constituem a segunda categoria da entrevista 6 (Sujeito F)

CATEGORIA 2 / F2 – Critérios de escolha de um parceiro sexual	FREQUÊNCIA
F2.1 – Por quem me sinto atraído	1
F2.2 – Com quem é boa companhia	1
F2.3 – Com pessoas de mente aberta	1
F2.4 – Com quem tenha uma	1

relacionamento (curto ou duradouro)	
--	--

O sujeito F, valoriza na sua escolha de um parceiro sexual o facto de se sentir atraído fisicamente pela pessoa, no entanto acha importante que seja também uma pessoa agradável, boa companhia e de mente aberta. O ideal é reunir essas características a alguém que estabeleça um relacionamento consigo.

Quadro F3 – Factores que constituem a terceira categoria da entrevista 6 (Sujeito F)

CATEGORIA 3 / F3 – Importância da sexualidade para o <i>dasein</i>	FREQUÊNCIA
F3.1 – O sexo é muito importante na minha vida	2
F3.2 – A minha sexualidade não interfere na minha relação com os outros (amigos, família, profissão)	3
F3.3 – Quando não tenho sexo ando mais excitado e predisposto a novos conhecimentos	2

O sexo para o sujeito F é muito importante e quando não o tem sente uma alteração social como uma maior abertura para conhecer novas pessoas. No entanto nos outros planos da sua vida, como o familiar e profissional, não considera que hajam alterações.

Quadro F4 – Factores que constituem a quarta categoria da entrevista 6 (Sujeito F)

CATEGORIA 4 / F4 – Experiências e sentimentos após o acto sexual	FREQUÊNCIA
F4.1 – Prazer físico, bem-estar, tranquilidade e relaxamento	1
F4.2 – O que se sente emocionalmente depende do que a pessoa significa para nós.	2

Para o sujeito F as sensações após o acto sexual possuem sempre uma componente de prazer físico, o prazer emocional é variável e depende do sentimento para com a pessoa com quem está e esse varia pois depende de quem é o outro e que significado tem para si.

Quadro F5 – Factores que constituem a quinta categoria da entrevista 6 (Sujeito F)

CATEGORIA 5 / F5 – Correlação entre os significados do sexo e do amor	FREQUÊNCIA
F5.1 – Sexo é um acto físico e psíquico	2
F5.2 – Sexo representa um bem-estar meu e da outra pessoa	1
F5.3 – Sexo é uma necessidade física	2
F5.4 – Sexo pode ser praticado com mais ou menos amor, são coisas independentes	2

Para o sujeito F o sexo é algo que envolve uma componente física e psíquica, mas essencialmente é uma necessidade física, que pode ser praticado com mais ou menos amor e visa essencialmente o seu bem-estar e o da pessoa com que está.

Quadro F6 – Factores que constituem a sexta categoria da entrevista 6 (Sujeito F)

CATEGORIA 6 / F6 – Como me identifico e caracterizo a nível sexual	FREQUÊNCIA
F6.1 – O que sou socialmente não se reflecte no que sou sexualmente	6
F6.2 – Gosto do prazer pelo prazer	1
F6.3- Não gosto de perversões sexuais	1

F6.4- Gosto de ouvir a outra pessoa a ter prazer	1
F6.5- Gosto de dialogar e estar de comum acordo sobre gostos e preferências sexuais de ambos.	1
F6.6- Sexualidade é o acto de dar prazer a outra pessoa e a mim	3
F6.7- Gosto de me rir e de conversar a ter relações sexuais	1
E6.8- Não me relaciono com pessoas com tabus e problemas sexuais	1
E6.9- Sexo é algo bom e natural, como uma brincadeira que existe para me dar prazer	1

O sujeito F não considera que exista nenhuma correlação entre o seu comportamento social e sexual, fundamentalmente a sexualidade é um acto de dar e receber prazer, não vive sem sexo e considera que deve ser algo encarado com naturalidade como se de uma brincadeira se tratasse, gosta de prazer pelo prazer, não tem perversões nem se relaciona com pessoas que tenham problemas com a sua sexualidade, gosta de saber que dá prazer ao outro.